Existe Vida sem Poesia?

Theresa Catharina de Góes Campos

1ª Edição - 2010

HAIKAIS DO SORRISO

Pode acreditar:
o sorriso abre portas
até em seu coração.

Para sem demora encontrar
o tesouro dos sorrisos,
basta o mapa dentro de você.

Como sair de túneis e grutas?
Não se esqueça de entrar
com a luz de seu sorriso.

Theresa Catharina de Góes Campos

São Paulo, 20 de fevereiro de 2010

EXISTE VIDA SEM POESIA?

ESPAÇOS VAZIOS

Nos minutos da vida,
identifiquei espaços vazios,
esperando a mágica das palavras...
Como se fossem tecidos
aguardando cores, telas
em branco, paredes reservadas
a murais; campos para semeadura,
jardins esperando, ansiosos,
o desabrochar das flores.
Neles, meus sentimentos
fizeram pinturas, semearam versos.

Theresa Catharina
Brasília-DF, 04/03/2010

Theresa Catharina de Góes Campos

EXISTE VIDA SEM POESIA?

1ª Edição

BRASÍLIA, DF

Gráfica e Editora Guanabara Ltda

2010

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Projeto e produção gráfica: Gráfica e Editora Guanabara Ltda
Capa e foto: Walter Rodrigues Ferreira
Diagramação: Alberto Santos Meira
Walter Rodrigues Ferreira
Impressão e acabamento: Gráfica e Editora Guanabara Ltda

Disponível também em: <http://www.noticiasculturais.com/poesias/>
Contato com a autora: theresa.files@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Rejane Dias Ferreira Ribeiro

Campos, Theresa Catharina de Góes

Existe visa sem poesia? / Theresa Catharina de Góes Campos. 1. ed. Brasília: Guanabara, 2010

472p.: 15 x 21 cm.

Poemas em português, inglês, francês e espanhol.

ISBN 987-85-62095-01-6

1. Poesia. 2. Literatura Brasileira. 3. Site na internet.
I. Título

CDU 869.0(81). 09

DEDICATÓRIA

MEUS IRMÃOS VICTÓRIA ELIZABETH e FERNANDO JOSÉ

Deus e meus pais me concederam a bênção de eu ter dois irmãos mais novos: Victória Elizabeth e Fernando José.

Victória me reafirmou seu amor fraterno, quando voltei ao Brasil para recuperar e recomeçar a minha vida pessoal e profissional do ponto "zero", despojada de tudo, inclusive de todos os bens materiais.

Esperou que eu me reerguesse, e me fortalecesse, física, emocional e intelectualmente, proporcionando-me, com o seu esposo William e seus filhos Elizabeth Fernanda e Guilherme José, a melhor das hospitalidades, recebendo-me em seu lar abençoado com a felicidade do amor conjugal.

Deu-me abrigo, apoio, ajuda e solidariedade; incentivo, afeto e carinho, sendo eu sua hóspede durante muito tempo.

Fernando José, num diálogo bem representativo de seu amor de irmão, ainda que vivenciando o calvário de um câncer avançado em um dos pulmões, e lutando até para respirar, respondeu à minha pergunta com palavras expressivas de seu profundo bem-querer fraterno...

— Diga-me - indaguei - o que posso fazer por você? Como posso ajudar?

E ele, apesar das dores e dificuldades, pronunciou as palavras que em si mesmas definem a natureza do amor:

— Quero que você seja feliz! Viva bem a sua vida, seja feliz!

A meu lado, no hospital, nossa mãe e a sua esposa também presenciaram a cena.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 16 de junho de 2007

NOTA DA EDITORA:

Meu irmão Fernando José Salvador Campos (In memoriam), nascido em 1º/1/1946, na cidade de Santos-SP, faleceu em 18 de junho de 2007, aos 61 anos, na UTI do Hospital Brasília (Brasília-DF).

Theresa Catharina

HOMENAGEM ESPECIAL

A MEUS PAIS (In Memoriam), com amor e gratidão:

Theresa Amélia de Góes Campos

Fernando Salvador Campos

A VIDA DE MAMÃE

Theresa Amélia de Góes Campos

15 de outubro de 1925 - 14 de junho de 2008

A vida de Mamãe foi inspirada por Deus e realizada na família com amor e dedicação, todos os dias de sua existência.

Por isso, é no amor que Mamãe nos deu, que ela, nossa Mãe, continua viva em nosso coração.

Deixou o nosso convívio para ser recebida por Deus, faltando apenas quatro dias para completar um ano da morte de seu único filho, Fernando José Salvador Campos.

Papai morreu em 02 de fevereiro de 2000, pouco antes de completar, em 15/3/2000, 56 anos de casamento feliz com nossa Mãe. Deixou um legado para nós, um tesouro como herança: o seu exemplo de caráter, de responsabilidade e honestidade no trabalho e na rotina de vida, assim como na dedicação à família. Católico praticante, como nossa Mãe, ambos nos ensinaram, com seu exemplo e na disciplina que de nós exigiam, a rezar e a freqüentar a igreja.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 15 de junho de 2008

SUMÁRIO

Prefácio

Existe Vida sem Poesia?

Haicais para Nossos Mortos Queridos

Haicais para Mamãe

Rosáceas de Estrelas

Semanas de Luto e Saudade

Salmo 32 (33)

POESIAS

Sabedoria

Como eu Gosto de Nadar?

Precisamos Amadurecer

Growing Up We Must

Os Convidados para a Festa do Sol

Les Invités Pour La Fête du Soleil

Símbolos São Poemas

Symbols Are Poems

Para Caminhar sem Medo

Hidden Lights

Sarau nos Campos de Trigo

O Coração vai Responder

Trovas Iluminadas

Canto de Reconhecimento à Amizade

Como ser Pessoa

Os Que Sofrem Precisam de Estrelas

O Último Julgamento

My Friend’s House

Didática Para a Vida

Vida é Comunicação!

A Salvação Pelo Amor

Café La Película

Criatividade do Coração

“Menos é Mais...”

A Lição do Caçador de Andróides

Ser Amigo é Ser Jardineiro

O Mergulho do Coração

O Egoista

Espaço Ilimitado

Com Medo das Palavras

Afraid of Words

Onipresença da Arte

Sonhar...

O Esforço Vitorioso

No Search Ever Fails

As Mãos Falam

Les Mains Parlent

Ternura Insistente

Caminhar na Dor

A Dor Também Constrói

Os Tesouros Perdidos

A Linguagem do Coração

Não Matem a Esperança!

Meu Coração te Procura

Mon Coeur te Cherche

Sonhos Irmãos

As Mãos Prisioneiras

O Espírito do Natal: Comunicação

Quando as Lágrimas Denunciam...

Haicais de Homenagem ao Cinema

A Estrela-Guia do Peregrino

O Mistério do Sofrimento

Suffering is a Mystery...

Coração não é Depósito...

Ele Deu Rosas ao Mundo

He Gave Roses to the World

As Mãos Vestidas de Rugas

Novos Haicais Para o Cinema

Haicais de Lamento Pela Natureza

Haicais Anti-Tabagistas

Haicais Para Meu Irmão

Haicais Escritos com Fé

Haicais Alados

Haicais Floridos

Haicais Para Mariano

Haicais

Haicais Juninos

Haicais da Condição Humana

Haicais de Reconhecimento ao Cinema

Medo de Esquecer

Miedo de Olvidar

O Silêncio Atuante

A Alegria da Saudade

As Mãos Suplicantes

Meus Poemas Têm História

A Rebeldia Consciente dos Versos

Coragem de Mãe

Canção do Sonho

Canción Del Sueño

Haicais Primaveris

Terre des Hommes

Terra dos Homens

O Senhor Renova Todas as Coisas

Coletânea de Sonhos

Falsa Convivência

Vida-Morte-Vida

Diário de Bordo

Mar de Prata

A Vitória das Lágrimas

Nuanças

Reconhecida Pelo Sorriso

As Lágrimas de Neve Sobre os Pinheiros

Les Larmes de Neige Sur Les Sapins

Semelhanças e Diferenças

Perguntas sem Respostas

Ser e Conviver, Apesar das Rejeições

Haicais do Verão

Saudade Vai de Correio

Na Pressa, Se Esquece a Vida

Minuto de Paz

Poesia Matutina

Por que Existem Rosas

Lá no Fundo, Bem no Fundo, Ninguém Vê...

O que Escrevemos não Morre

A Vida e o Tempo nas Fotos

Haicais para a Natureza

Nem Sempre o Coração Consegue Meu Corpo Carregar

Subiu no Cajueiro para Ler e Sonhar

Às Vezes o Coração Imobiliza o Corpo

I Will Write to You

Escreverei a Você

A Vida de Bênçãos que Deus Insiste em Me Conceder

O Belo, Misterioso Enigma dos Desencontros

Nosso Destino nas Palavras

Haicais do Amor e da Amizade

Sonhos Desfeitos não Matam Ideais

Para Onde Mandar a Tristeza?

Acidente em Xavantina

Perguntas em Busca de Respostas

Sem Fôlego

A Informação do Silêncio

O Outro Sou Eu

As Veias Invisíveis do Coração

Para o Mapa da Vida Decifrar

Não Direi “Não” a Deus

Haicais da Alamanda

Haicais da Casa de Praia

Haicais do Perdão

Três Haicais

O Corpo Voa... E o Espírito?

A Viagem Dentro de Mim

El Viaje Dentro de Mi

Si Olvido El Dolor, Me Olvido!

Se Esqueço a Dor, Esqueço de Mim!

No País de São Saruê

As Flores de Luz

The Flowers Dressed In Light

A Metamorfose Consciente

The Conscious Metamorphosis

Razão de Todas as Coisas

Slogan de Vida

Horta e Jardim: Cores e Perfumes Cotidianos

A Descoberta Maior

Espaço Infinito do Coração Aprendiz

A Esperança Invencível

The Unfailing Hope

Assédio Poético

Enxugar as Lágrimas
Wiping Out Tears
Criar em Meio à Desesperança
Miragem do Refúgio Inacessível
A Força da Mulher
Que Seja Feliz...
As Três Maiores Dádivas
Se Papai Chegasse Mais Cedo...
Os Amigos nos Libertam
O Bebê e as Brincadeiras do Sol
Heloísa Helena de Castro Guimarães
O Fruto da Jaqueira
A Esperteza do Poema
Onde se Esconde a Poesia Silenciosa?
Haicai do Sucesso
Sounds of the Soul
Sons da Alma
Girassóis no Meu Caminho Para Luján!
Sunflowers on My Way to Luján
Até Me Enxergar Como Prisma e Caleidoscópio
As Viagens do Vento
Bolas e Carambolas
Mandei o Sol Buscar a Chuva
Festa de Bonecas
A Vida é Rica... Em Riscos
Ovos de Páscoa (Haicais)

Aprendizado da Alegria...
Mirabolante!
Pescaria na Quermesse
O Aleijadinho Perfeito
Minhas Razões Para Escrever
Cinzas (Haicai)
Haicai do Afeto Demonstrado em Vida
Sonhei com Santos-Dumont
As Dores Choram Invisíveis
Estamos no Mundo Para Ser Flor e Fruto (Haicais)
Passarinho Saltitante
Haicai da Partilha
Sardinha (Haicai)
Cansei o Corpo, Sem Fatigar o Coração
Sem Que eu Percebesse...
Desfaleci... E Caí

HAICAIS SOBRE A VIDA

Haicai do Enigma
Haicai do Problema
Haicai da Fonte
Haicai do Amigo
Haicai: Dúvidas
Haicai do Cinema
Haicai Sobre a Calúnia
Haicai da Flor
Haicai da Chuva

Haicai Com Sopro de Vida

Haicais Sobre a Vida

Existe Vida Sem Poesia?

Procurando os Sons

O Balé dos Surfistas

Nada Foi Estéril: Tudo Deu Bons Frutos!

Haicais em Defesa da Arte

Flores em Haicais

Trovas do Tempo

Memórias se Foram? Eu as Mandei Embora?

Pensamentos em Versos (Haicais)

Pontadas no Coração

A Festa dos Amigos

As Lutas do Médico

From Dreams To Accomplishments (De Sonhos a Realizações)

Olhe a Peteca... Não Deixe Cair!

Águas Vivas

Amor Sem Voz

Sinto Falta de Teu Abraço

Dificuldade Para Aceitar o Inexorável

Diálogo Com o Vento (Discussão?)

A Garota da Estrada

Minutos

Primavera... Em Trovas e Haicais

POSFÁCIO

Deus Me Fez e Refez Mil Vezes!

A Meu Pai Aviador

O Conselho de Minha Irmã

Ladainha Para Compreender a Vida

A Luz do Amor Como Farol Guiando os Barcos

Deus: O Artista Maior

PREFÁCIO

EXISTE VIDA SEM POESIA?

CERES ALVIM

Após a Missa, Theresa Catharina lançou-me um desafio: - Existe Vida sem Poesia?

Sofri um impacto, retrocedi e fui arremetida àquele instante primeiro da mágica de Deus:

— "Faça-se a Luz."

Deus lançava a primeira semente: a PALAVRA. E, com ela criava o universo.

De acordo com "Sefer letzirá", o Livro da Criação, Deus criou o mundo com as vinte e duas consoantes do alfabeto hebraico. (p.200)

"...Estas letras são os elementos estruturais com as pedras dos quais foi erguido o edifício da Criação.

Antes que o mundo fosse criado, só Deus e Seu Nome existiram. Tudo o que foi criado e tudo o que foi falado provêm de um Nome."

A PALAVRA contém energia em potencial. Pronunciada, pode criar ou desintegrar o universo de cada um de nós. Abarca tudo o que existe. Também a Poesia.

A Poesia é inerente à Vida, inerente a cada um de nós.

O Poeta é aquele que enxerga e vive a Poesia no cotidiano, a cada momento, em cada ato, expresso ou não pela PALAVRA.

E então vejo diante de mim Theresa Catharina, amiga e poeta, que carrega dois nomes de santas e doutoras da Igreja.

De onde Theresa extrai tanta energia, vitalidade, seus dias de quarenta e oito horas?

De onde vem a inteligência privilegiada, um território computadorizado de conhecimento?

De onde vem esta força arrasadora, o sofrimento transmutado em força?

Penso que da PALAVRA. Da Poesia.

A Poesia fez de Theresa Catharina a grande educadora que é, não só de seus alunos, mas de nós todos, seus amigos que assistimos a seu desfile pela Vida: criativa, imperturbável, incorruptível, humanista, doadora de seus muitos talentos. As mazelas não alcançando, não tocando a fímbria de seu vestido.

A primeira PALAVRA contém o Sonho, a Esperança e a Poesia, esta Trindade verde que voa dentro de nós, às vezes tão diáfana...

Para que o mundo possa viver sem Poesia, Deus terá que desmanchá-lo. Desmanchar a Fantasia. Pronunciar uma nova PALAVRA que recolha e guarde em Seu Nome as vinte e duas consoantes do alfabeto hebraico.

Mas ... Onde estive? Você falava...

— Therezita, o que foi mesmo que você me perguntou?

Brasília, 30 de maio de 1989

Cândida Severiana

NOTAS:

1) Cândida Severiana foi o pseudônimo usado, nas primeiras obras literárias, pela escritora Ceres Alvim, mãe de cinco filhos e avó de Pablo Alvim, que ilustrou a maioria de seus doze livros.

Amiga, colaboradora e incentivadora de Theresa Catharina, desde 1965, já nessa época a chamava de "Therezita", como até hoje, seus familiares e amigos mais íntimos.

2) — Quem leva a Esperança?

Therezita.

A Terra está em grande perigo. Precisa de sua Voz, para salvá-la.

Desejo que este aviãozinho de papel seja o arauto de um futuro brilhante, criativo e muito Verde para você.

Você que viu e aplaudiu o nascimento de "Pau-de-arara do Céu".

Meu abraço e amizade de sempre,

Ceres

Brasília, 7/5/2007

(Dedicatória de Ceres Alvim, no exemplar que me ofertou, da segunda edição de "Pau-de-arara do Céu".)

HAICAIS PARA NOSSOS MORTOS QUERIDOS

Saudade chegou
ocupou todo o coração
não saiu mais

Encontros realizados
mais profundamente
nas ausências sem fim

Incompreensões e conflitos
Solucionados
nos silêncios definitivos

Dor de saudade
lamento dizer
é incurável

A saudade
tornou-se
bem permanente

Pessoas amadas
mesmo ausentes
estão presentes

Saudade e amor
são companhias
inesquecíveis

Separação só existe
no mundo das aparências
na memória do amor, não

Onde estão
nossos mortos queridos?
Felizes, com Deus!

Já se foram
mas estão
presentes

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 14 de junho de 2008

HAICAIS PARA MAMÃE

Mamãe vive
no amor e na fé
de nosso coração.

Aos 82 anos
Mamãe se foi.
Nunca mais nos separamos.

O olhar de Mamãe
continua seguindo
nossos passos.

O amor de Mamãe
permanece vivo
em nós.

Os conselhos de Mamãe
seguem ecoando
dia e noite.

Meu Anjo da Guarda
tem alguém a seu lado:
Mamãe está feliz.

Quando eu adormeço,
Mamãe sorridente
se debruça sobre mim.

Mamãe não dorme:
vive e me protege
noite e dia.

As mãos de Mamãe
ainda seguram,
firmes, as mãos dos filhos.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 15 de junho de 2008

ROSÁCEAS DE ESTRELAS

Ao meu querido Pai, no dia do seu aniversário.
Rio, 07 de julho de 1963

Contam. Como foi, não sei.
As palavras, as circunstâncias,
há muito derraparam no tempo.
Hoje, não consigo
nem mesmo a promessa
de um retorno àqueles dias
agora relembrados.
Retorno ao passado,
volta à infância.

A custo, posso apenas
concordar com a minha avó materna.
Ela me conta que eu,
com uns três anos de idade,
já opinava
sobre eleições presidenciais.

Repetindo conversas de adultos,
eu dizia, até com uma certa
segurança na voz infantil,
mas confundindo a noção de realidade:
— Eu votei no "Duta".

Outro fato perdido
no recuo dos anos
refere-se à ocasião
em que papai beijou
minha irmãzinha caçula, Victoria,
três anos mais nova que eu,

e, depois, encostou seu rosto no dela
por alguns minutos.

Ao presenciar tal cena,
prontamente pedi:
— Papai, me beije
como o senhor beijou Victoria.
Faça no meu rosto
o mesmo que o senhor fez,
igualzinho...

Se, um dia,
eu beijasse com os olhos
o infinito do céu
e então sentisse nos lábios
o esplendor de mil rosáceas de estrelas,
ainda imaginaria minha infância
um baú preciosíssimo,
repleto de lendas verdadeiras.

(Ah, a meninice
que escorregou
com o crescimento de nossas mãos!)

As rosáceas de estrelas
não poderiam mesmo
competir.
Existem há séculos,
pertencem a todos.

Mas a simplicidade
é própria das crianças,
crédulas e crentes,
para quem tudo existe

como possibilidade.

E o valor de um carinho de pai
prolonga-se em nossa vida,
repetindo-se
e se fazendo presente
por toda a eternidade.

A filha que muito o ama,
Therezita

Theresa Catharina de Góes Campos
1º ano de Jornalismo - Faculdade Nacional de Filosofia,
Universidade do Brasil, Rio de Janeiro – 1963

SEMANAS DE LUTO E SAUDADE

Querida irmã Victoria:

Nesta semana que hoje o domingo inicia, e na semana próxima, estarei ainda mais comovida com as nossas lembranças e saudades de Mamãe (falecida em 14/6/08) e nosso irmão Fernando José (em 18/6/07), acrescidas também das recordações de nosso Pai, falecido em 02/02/2000.

Não deixo de recordar esses nossos entes tão queridos, esteja certa disso. Nem sei o que falar, nem o que dizer. A gratidão está nas orações e nas Missas em que são recomendados como tanto merecem, de nossa parte.

Sejamos fortes, corajosos na fé.

Entre as pessoas que falaram sobre o recente acidente com o vôo 447 da Air France, destaco as palavras maravilhosas de um Pai...representante da Família Real brasileira, que perdeu um jovem filho, Pedro Luís de Orleans e Bragança, de 26 anos, também com o título nobre de príncipe (irmão de duas princesas e um príncipe que, ao lado da mãe, compareceram às Missas no Rio de Janeiro). Comovido também, como dezenas de outros parentes ali presentes, afirmou se expressar como Pai, enfatizando: "não perdi um filho, estou devolvendo um filho a Deus; não perdemos ninguém, nós os devolvemos a Deus; por isso não perdi a minha Fé."

Realmente, um testemunho exemplar de quem se diz cristão e católico.

Refletindo agora sobre esses momentos de luto, pelos nossos familiares próximos em particular, porém, igualmente em homenagem póstuma a todas as vítimas daquele acidente aéreo, o sofrimento se faz pungente.

Penso que a emoção me fará guardar em silêncio toda a saudade destas próximas datas...

Portanto, se eu permanecer silenciosa demais, nestes dias dolorosos que se avizinham, não se trata de esquecimento, mas de comoção e dor. E nesses sentimentos profundos, estaremos todos nós muito unidos, nos apoiando na Fé que nossos pais nos ensinaram com as suas palavras e o seu exemplo de cada dia. Na verdade, foi a maior herança, o tesouro maior que nos transmitiram.

Abraços e beijos muito carinhosos da irmã sempre grata,
Therezita

Salmo 32 (33)

A palavra do Senhor é reta,
da fidelidade nascem as suas obras.
Ele ama a justiça e a retidão:
a terra está cheia da bondade do Senhor.

A palavra do Senhor criou os céus,
o sopro da sua boca os adornou.
Foi Ele quem juntou as águas do mar
e distribuiu pela terra os oceanos.

Feliz a nação que tem o Senhor por seu Deus,
o povo que Ele escolheu para sua herança.
Do céu o Senhor contempla
e observa todos os homens.

A nossa alma espera o Senhor:
Ele é o nosso amparo e protetor.
Venha sobre nós a vossa bondade,
porque em Vós esperamos, Senhor.

Concluindo:

Sei dar valor ao tempo que Deus nos concede e que Ele determina para vivermos nesta vida de aprendizado. Todos os dias eu penso

nos meus pais e no meu irmão falecidos, porque foram muito presentes em minha existência, no meu coração e na minha mente.

Na verdade, nossos entes queridos estão vivos, mais vivos do que nós. Nós é que não os vemos, porque nossos olhos são imperfeitos e, como Saint-Exupéry tão bem escreveu, em "O Pequeno Príncipe", "Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos."

Considerando que somos tão limitados em nosso olhar, cultivemos a memória sensível do coração.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 06 de junho de 2009

POESIAS

SABEDORIA

A vida é uma peregrinação sem rota certa;
só Deus sabe! Sem a Sua estrela,
tudo é escuridão, incerteza, desilusão;
mas quando a Sua mão nos guia,
temos a certeza de um final feliz.

A vida é viagem num barco frágil,
agitado pelas vagas da dúvida e das incompreensões.
Com Deus, surge a esperança de um porto seguro,
a crença no arco-íris, depois do furacão.

A vida é caminhada por floresta desconhecida;
Os amigos que encontramos
São como anjos do Senhor.

Peregrinos como nós,
também procuram um poço no deserto.
Juntos, venceremos a tempestade.
Os amigos são nossos companheiros de viagem.

A vida é uma peregrinação sem rota certa;
só Deus sabe! Sem a Sua estrela,
tudo é escuridão, incerteza, desilusão;
mas quando a Sua mão nos guia,
temos a certeza de um final feliz.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 20 de julho de 1987.
Letra de balada, em gravação da Golden Music (RJ).

COMO EU GOSTO DE NADAR?

(Aos professores de educação física Juliana Emiko Taroda Gomes e Emerson Corona - São Paulo)

Como eu gosto de nadar?
Tranqüilamente...
Lanço-me de peito
na água-espelho,
com o rosto mergulhado
e os braços como asas
impulsionadas,
ritmadas.

Como eu gosto de nadar,
é bem devagar,
lentamente,
tranqüilamente
reconquistando o silêncio
que chega bem devagar,
harmoniosamente,
em sintonia com a água
que recebe meu corpo
por inteiro.

Recebe, mas não retém,
nem aprisiona.
Abraça-me, beija-me...
Sustenta e acolhe
e logo me liberta
docemente,
com suavidade,
tranqüilamente.

Quando eu nado sem parar,
tranqüila e calmamente,
é como se, dentro de mim,
eu alçasse vôo!

E nadar deixa de ser exercício,
porque braços e pernas
magicamente,
lentamente,
transformam-se em asas,
emprestadas pelos anjos,
permitindo a contemplação
individual, escondida,
de paisagens íntimas,
interiores.

São asas e olhos,
impulsos e batidas
do coração e da alma
pulsando juntos!

Como eu gosto de nadar?
Vou repetir:
lentamente,
para ver melhor
as paisagens interiores
de minha alma
e me reconciliar com o mundo.
Para me perdoar e
perdoar ao próximo.

Porque só nadando lentamente,
suavemente,
harmoniosamente,

com o sorriso que ninguém vê,
enxergo a harmonia íntima
de meu corpo,
no seu potencial de comunicação.
Porque só então eu me aceito
(ainda que temporariamente)
como sou ...
nas imperfeições e
limitações
que devo corrigir.

Recebendo em troca
dessa minha aceitação
que é ponto de partida,
poder enxergar na água,
que acolhe o meu corpo,
sem me prender,
as asas dos anjos
e das borboletas
que recebi emprestadas.
Enxergo também
o rosto invisível de Deus,
na beleza indescritível da água,
fonte e caminho,
embarcação e porto,
oásis e viagem,
berço e canção de ninar,
espelho e reflexo de luz.

Como eu gosto de nadar?
Lentamente, suavemente.
Porque a velocidade
confunde a minha mente,
desconecta-me do corpo,

arranca de mim as asas
que os anjos me emprestaram!
Faz-me cair das mãos de Deus,
embora eu saiba:
continuo sob o Seu olhar.

A velocidade me torna
ansiosa e sobressaltada,
prisioneira de objetivos
que não são meus,
de pensamentos que rejeito.
Fico buscando, como louca,
sem foco nem rumo,
onde está meu coração!

Como nadar bem,
se meu coração
saiu pela boca?
Como gostar de nadar,
se não encontro
minha respiração?

Onde estão as asas
a mim emprestadas
pelos anjos?
Bem, se não foram os anjos,
foram as borboletas...
Onde estão, pergunto, ansiosa,
essas asas emprestadas?

Subitamente rebelde,
intimamente
não aceito essa dicotomia
entre o corpo e minha alma.

Nadar assim, não posso!
Nem gosto!

Sim, é verdade
que eu devo
e posso aprender...
exercitando uma análise mental,
até mesmo em contexto de
dicotomia...
desde que seja temporária...
como se fosse a busca da utopia
a permitir meu crescimento
como pessoa,
mesmo rebelde,
pesada
e limitada.

Envolvida, embalada
pela água,
posso me acalmar,
para fragmentar
e decupar
os movimentos da natação.

O melhor pode vir depois,
realizando a montagem final
dos movimentos.
Perceber que a água
é comunhão
e livre arbítrio,
e comunicação
do corpo com a água
que recebe, acolhe,
sem reter, nem prender.

Ao invés de aprisionar,
a água liberta,
emprestando as asas
de anjos e borboletas.

Lá vou eu, consciente,
singrando, vencendo as águas,
sem ser navio nem barco,
praticando silenciosamente
a maiêutica das perguntas fundamentais.

Perguntando para aprender
avançar e crescer,
chego ao porto da hermenêutica,
ainda que resmungando
íntima e silenciosamente,
fotogramas de rebeldia.

Afinal, para que serve
essa velocidade toda
nos exercícios de natação?
Eu nem vou competir !
Nem sou atleta...
Porque meu exercício do coração
é a leitura,
é escrever
com a inspiração
dos "travellings" cinematográficos
e as lentes anamórficas da alma.

Mesmo assim, aprisionada
em rebeldia pouco inteligente,
procuro raciocinar

tranqüilamente,
lentamente -
devo reconhecer
o indiscutível...

Toda essa velocidade,
que eu preciso praticar,
é para fugir
do excesso de peso,
escapar das doenças,
ficar bem distante
dos hospitais.

E fugir também,
(quem sabe, no futuro,
nas possíveis aventuras),
de tubarões velozes, famintos
e das baleias assassinas.

Em paz com a verdade -
irrefutável porque racional -
volto ao lirismo da natação.
Inegável ser a água libertadora.
Não aprisiona, acolhe,
sustenta e liberta!
Empresta-nos
os movimentos mais belos
que expressam,
na lentidão e
na velocidade,
as asas invisíveis
de anjos e borboletas.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 28 de fevereiro de 2006 (Terça-feira de Carnaval)

PRECISAMOS AMADURECER

Pedimos demais,
depois desistimos!
Por que ser menos
do que sonhamos?

Precisamos crescer,
precisamos amadurecer.

Nós começamos
amando demais,
depois desistimos.
Por que não crescemos
com os nossos sonhos?

Muito raramente oferecemos
o perdão que sempre
esperamos.
Esquecemos os sonhos,
as promessas -
deixamos de amar.

Fazemos tantas promessas,
depois falhamos...
Por que não realizamos,
por que não somos
ainda melhor
que os nossos sonhos,
por que não vamos além
de nossas promessas?

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 02 de fevereiro de 2006

GROWING UP WE MUST

We ask so much
then we give up!
Why to be less
than our dreams?

Growing up
we must.

We begin loving so much,
then we give up.
Why not grow up
with our dreams?

We seldom forgive
though we always expect
to be forgiven.
We forget promises
and dreams -
we forget to love.

We promise so much
then we fail.
Why not to accomplish...
and be our best?
Better than our dreams,
beyond our promises?

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, February 2, 2006

OS CONVIDADOS PARA A FESTA DO SOL

A chuva não veio.
Talvez amanhã...
O sol nos convida para sua festa!

A festa é aberta para todos nós.
Mas a chuva não virá.
Está muito, muito cansada.

Theresa Catharina de Góes Campos
Gruyères, Suíça (1960)

LES INVITÉS POUR LA FÊTE DU SOLEIL

La pluie n'est pas là.
Peut-être demain...
Le soleil nous invite pour sa fête!

La fête est ouverte à nous tous.
Mais la pluie ne viendra pas.
Elle est déjà trop fatiguée.

Theresa Catharina de Góes Campos
Gruyères, Suisse (1960)

SÍMBOLOS SÃO POEMAS

Os símbolos devem ser
muito apreciados,
ou melhor, profundamente
amados.

Um símbolo define
e sintetiza
o que nós evitamos
facilmente revelar.

Porque os símbolos
expressam e cantam
mil imagens,
mil sombras,
desde as cavernas e
épocas
que pretendemos
não esquecer.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 01 de janeiro de 2006

SYMBOLS ARE POEMS

Symbols are to be
much cherished
if not deeply
loved.

A symbol defines
and resumes
what we would dislike
too easily reveal.

Because symbols
express and sing
a thousand images,
a thousand shadows,
from caves and ages
we do not want
to forget.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, January 1, 2006

PARA CAMINHAR SEM MEDO

(Haicais)

Seja manhã ou de noite,
meu coração a cantar
segue a gemer e pulsar.

Harpas e bandolins
tocaram as estrelas
como se fossem sinos.

Para o céu ser luz
e música, dos sonhos
eu fiz muitas canções.

Com as lágrimas, escrevi
poemas e partituras...
E caminhei sem medo!

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 31 de janeiro de 2006
(No formato de haicais: São Paulo, 20 de julho de 2007)

HIDDEN LIGHTS
(Luzes Escondidas)

Tell me why
my heart
aches and shines!

Diga-me por que
meu coração
me dói e se ilumina!

Dare to tell me
how my heart
dreams and shines!

Tenha a ousadia de me dizer
como este meu coração
sonha e brilha!

Dare to love me...
so you will know
my dreams
and my hidden lights!

Ouse me amar...
para que você conheça
os meus sonhos
e minhas luzes escondidas!

Let’s have the courage
to face our dreams
(so full of questions,
so full of doubts)
so our thoughts

will change...
and move towards the reality
we try to avoid.

Vamos ter a coragem
para enfrentar nossos sonhos
(com tantas perguntas,
tão cheios de dúvidas)
para que nossos pensamentos
se transfigurem...
e caminhem para a realidade
que tentamos evitar.

Let's say "yes"
to life, at last!

Vamos dizer "sim"
à vida, finalmente!

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 01º de janeiro de 2006

SARAU NOS CAMPOS DE TRIGO

Os campos de trigo
reluziam naquela noite
porque os vagalumes
lhes emprestaram a luz
que lhes dava brilho
e matizes de cores
todas as noites.

Sons do vento e da chuva
tocaram as canções
que os músicos ainda desconheciam.

Ensaiando com o luar,
os sapos coaxaram
seu concerto diário
para saudar as estrelas
convidadas ao sarau.

No berço das sementes
e no alvorecer das flores,
a vida respirou,
insistente, determinada...

Ora, se a vida insiste,

como dizer não à vida?

Se a vida chama,
por que recusar,
como haveria razões
para não dizer sim?

Os sons do riacho
tranqüilizaram
o coração medroso,
cauteloso e temeroso...
para atravessar as águas.

O balanço das folhas,
dançando, faceiras,
vestidas de cores e nuanças
nas copas das árvores,
despertou e movimentou
o corpo desanimado.

A gruta revelou seus segredos
ao coração que se abriu...

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 01º de fevereiro de 2006

O CORAÇÃO VAI RESPONDER

Vales são precipícios
ou desafios a superar?

As montanhas são inacessíveis
ou fronteiras sem limites?

As pontes podem ser destruídas...
ou multiplicadas?

O mar acalma ou perturba?
É partitura a cantar...
Ou labirinto sem fim?

Não tenha pressa.
Espere, tranqüilo.
O coração vai responder!

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 06 de janeiro de 2006

TROVAS ILUMINADAS

Brilhe a lua ou venha o sol...
A luz maior,
noite e dia,
está no meu coração.

Haja lua
ou faça sol,
a luz maior é
do meu coração.

Querem saber
de onde vem
e quando começou
essa luz tão intensa?

Ofuscando o sol e a lua,
vem do coração de Deus,
o Criador dos raios de luz,
que criou meu coração.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 03 de dezembro de 2005

CANTO DE RECONHECIMENTO À AMIZADE

Amigo é aquele a escutar
o que você não diz.
Ouve e sente as palavras
que você não ousou pronunciar.

O amigo traduz, interpreta
com generosidade
a dor silenciosa
que você esconde no coração.

Amigo é porto, árvore,
refúgio, águas refrescantes.

Amigo é a estrela cadente,
a chuva de meteoros.

Mesmo no silêncio,
o amigo sabe reconhecer.
Porque a amizade é um selo invisível,
a voz dos anjos,
mensageiros de Deus.

Amigos são estrelas cadentes,
chuvas de meteoros,
vagalumes e girassóis...
são pessoas muito especiais.

Nos eclipses e nas crises da vida,
trazem a luz maior
que os girassóis reconhecem.

Se houver ausência de amigos,

sejamos amigos...
Quando a luz se esconder nas sombras,
urge buscarmos o luar.

Não existe sombra sem luz...
Não espere pelos amigos
que ainda não chegaram...
seja você, sem demora,
uma dádiva de amizade.
Porque há sempre alguém
a necessitar de amigos.

Viva a amizade,
para que a amizade surja,
sem disfarces nem metamorfoses cruéis.

Não espere pela amizade,
ponha-se a caminho...
para encontrá-la
e saber reconhecê-la.

Amigo é Via Láctea.
Amigo é templo, caminho,
porto e viagem...
Às vezes, é como a passagem de um cometa!

Amigos são pessoas especiais.
Como as roldanas
que cantam nas fontes.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 07 de abril de 2006 (Dia do Jornalista)

COMO SER PESSOA

Como ser PESSOA
Sem ser AMIGA?

Theresa Catharina de Góes Campos

Brasília, 19/10/1988

OS QUE SOFREM PRECISAM DE ESTRELAS

Porque seus olhos nada mais viam,
A jovem guiou-lhe os passos.
Porque seus braços estavam cansados,
Ela lhe estendeu a mão.
Porque ele não queria mais sorrir,
Ela lhe ofertou sua alegria.

As suas chagas íntimas latejavam,
Tornando-o alheio, impenetrável, sozinho.
As mágoas da moça já cicatrizadas estavam.

Quando o sol se pôs, ele chorou.
E quis imitar a fúria das ondas.
Ela repetiu a palavra ternura
E, no céu, o brilho dos astros mostrou.

Ah, se as dores se unissem,
O sofrimento seria dividido.
Se as pequeninas alegrias
Fossem colocadas no altar comum
Da vida que a todos une,
Nenhum desespero (nenhuma angústia!)
Seria o vencedor da esperança.

Theresa Catharina de Góes Campos
In: Antologia de Poetas de Brasília - Rio de Janeiro, Shogun Editora, 1985

O ÚLTIMO JULGAMENTO

Não deixe que observações maldosas
perturbem seu coração delicado.
O único julgamento que realmente importa
é o Último.

Todos serão julgados com eqüidade,
a justiça será feita a todos,
pacíficos e violentos,
insensíveis e misericordiosos,
mentirosos e pessoas sinceras.

Não deixe que comentários ferinos
destruam sua bondade.
Não deixe o Mal vencer:
mantenha a sua maneira firme e gentil,
não endureça seu coração!

Para o Último Julgamento,
advogados não serão necessários.
Ninguém precisará fazer discursos;
não haverá apelações;
nem falsos testemunhos.
Nem fraudes, nem mentiras,
nem condenação de inocentes,
nem liberdade para os culpados,
no dia do Último Julgamento.

Pobres e ricos serão julgados
somente por suas ações,
pois dinheiro e poder
nada significam
para o Mais Alto Juiz.

O inocente, o sem voz
não precisam temer.
O oprimido será libertado
no dia do Último Julgamento.

Catherine Doherty falou tão bem:
"É pela sua caridade, isto é, pelo seu amor,
que você e todos os demais
serão julgados."

Continue lutando,
mas não endureça o seu coração!
Mantenha vivo o seu espírito
para o dia do Último Julgamento.

Não se esqueça de que seremos julgados
pela medida de nosso amor!

Theresa Catharina de Góes Campos
(in: Escritores Brasileiros - I, Rio de Janeiro, Crisalis Editora, 1986)

MY FRIEND'S HOUSE

(a birthday gift to my friend Miriam Ebeltoft)

Out of thousands, there it is:
MY FRIEND’S HOUSE.
It is the largest I know
(I feel like it is...),
the most beautiful
and well decorated,
the best of all!

Yes, it seems to me...
it is the biggest in the whole city...
Never mind what the legal papers say
about its size.
I tell the world, with all my heart:
she has a lovely house,
small only to fit in my heart,
big enough to fill my hands,
to warm my arms
with its endless abundance.

Whoever comes to the tree
pointing friendly to the door -
the most inviting and welcoming entrance -
my friend leads to the warmest place:

one where the heat does not come from
the furnace or the kitchen stove.
It is warmed by the welcoming heart
and the busy hands.
It is heated by the listening soul
and the sincere smile.

There, christianism shows up
not in words
but in the practice of hospitality
(a forgotten skill, nowadays).

There, no one ever feels lonely or neglected,
no one feels small or worthless,
no one leaves still in need.

It is such a blessing
to be with a friend!

Once, at the kitchen window sill,
a clay pot was holding two violet leaves.
Just two tiny leaves...
(a gift from a common friend)
hoping for more company.

Soon, a miracle would happen...

a violet bloomed
to greet every visitor
with its message of quiet determination
(fragility is strong after all!).
A special violet to be owned
by a very important person
in her very special home.

A house shining in the darkness
through its "kind thoughts" windows
and welcoming open doors.

A house so special
it inspires poems to be sung
from family generation to generation.
A place where time is a daily gift
to share,
not an individual possession where to hide
in order to avoid giving or sharing.

My friend’s house combines
the best of everything:
it is old fashioned and modern,
both styles at the same time.

A home so reassuring

as a lullaby,
so relaxing as a fireplace
someone lit just for you!

Beautiful as music and silence,
my friend’s house bears sweet remembrances
like the rainbow;
it spreads joy and hope,
it harbors moments of kindness.

Who can afford to forget a favor?
And kind gestures, words and thoughts?
No one can! Nor should...

A friend’s house is more than a home
or a shelter or harbor.
It is a true oasis,
a lighthouse of christian charity.

Theresa Catharina de Góes Campos
Ottawa - Ontario, Canada, 1981.

DIDÁTICA PARA A VIDA

Na sala de encontro regular,
o mestre recebeu, sorridente,
com responsabilidade e princípios,
alunos relutantes, ávidos ou indiferentes.
Da TROCA DE INFORMAÇÕES
e do cumprimento das obrigações,
a EDUCAÇÃO se processou
como um ato de ESTUDAR,
PENSAR e QUESTIONAR
de acordo com os parâmetros criativos
envolvendo estudantes e professores.

Da junção de experiências,
da exposição de IDÉIAS
e na prática de IDEAIS,
o ensino se desenvolveu
como instrumento de VIDA
e COOPERAÇÃO
entre os cidadãos do mundo.

Se nem todas as perguntas foram respondidas,
nem todas as respostas chegaram a ser formuladas,
ficou a vitória da BUSCA em comum,
e o SUCESSO DO QUESTIONAMENTO SINCERO,

bem como a CERTEZA DA NECESSIDADE DE APRENDER.

Entre as dificuldades, os desacertos e problemas
encontrava-se igualmente o êxito do esforço concentrado.
Entre as dúvidas e os desenganos e os desalentos,
também se encontrava a DETERMINAÇÃO DE PENSAR
o conhecimento individual e coletivamente VIVENCIADO;
e o ENCONTRO COM DEUS através da AMIZADE.

No cumprimento da missão de cada um,
houve empenho, criatividade e conscientização:
e a educação libertadora se concretizou
na mente e no coração de estudantes e professores.

Sabemos que não se trata de decorar ou repetir,
mas sim, de aprender ATITUDES e COMPROMISSOS
de reflexão crítica e CONSCIENTIZAÇÃO.

O que importa é construir os FUNDAMENTOS
para a CORAGEM DE TODOS OS DIAS,
a DETERMINAÇÃO diante de todos os problemas,
o ENTUSIASMO e a ESPERANÇA SEMPRE RENOVADOS,
a despeito do vazio e das desilusões,
dos sofrimentos imerecidos,
das injustiças inesperadas
ou dores há muito latejando;

a despeito de tudo, apesar de tudo!

Jogados na sala de aula permanente
que é o dia-a-dia de nossa existência-laboratório,
felizes somos quando podemos aplicar
neste laboratório flutuante,
em constante mutação,
os conhecimentos trazidos das salas
de encontros regulares com nossos mestres.
Da riqueza do intercâmbio estudante-professor
talvez dependa o sucesso das alternativas e opções
que nos ajudarão a realizar nosso potencial
e construir uma SOCIEDADE VITORIOSA
PORQUE SOLIDÁRIA!

Theresa Catharina de Góes Campos
(In: Literatura Brasileira -RJ, Shogun Arte, 1987)

VIDA É COMUNICAÇÃO!

A comunicação interessa a todos nós,
pois não é monopólio de ninguém.

Sou eu e você
e todos nós.

Se é verdade que a vida é comunicação,
então você é a minha comunicação com o mundo.

O amor nasce da comunicação.
Sim, precisa haver comunicação primeiro.

Se existe carinho,
ternura e paciência,
ali está a comunicação do amor.

Ah, se todos os gestos e todas as palavras
fossem comunicação...
a solidão não existiria.

Somente quando os gestos e as palavras
transmitem sua mensagem
é que se transformam em comunicação.

Embora seja verdade que a comunicação
é como um toque mágico,
nem todo ato de tocar é comunicação.

Nem toda forma de comunicação é amor,
mas o amor é sempre comunicação.

O amor é uma centelha e um processo contínuo

num sistema de vasos comunicantes.

Sem sentimentos, não há amor;
sem amor, não existe alegria de viver -
porque vida é comunicação!

Vamos acolher o amor em nossa vida
para que tenhamos ternura em abundância,
para que a solidão desapareça
e não mais confunda nosso coração inquieto
ou nos petrifique a capacidade de sentir.

Com o amor verdadeiro,conquistamos a paz -
e só então gozamos o dom da vida.

Amor é confiança -
quando não há amor,
a ansiedade se apodera de nossa paz e
o amor tem dia marcado para desaparecer
sem deixar vestígio.

Amor é valorização do ser amado
e também é dizer ao mundo que se ama.

Como a vida é amor
e o amor é comunicação,
aprendamos a amar -
o único aprendizado essencial!

Theresa Catharina de Góes Campos
In: Nossa Poesia Brasileira- Rio de Janeiro, Shogun Editora, 1986

A SALVAÇÃO PELO AMOR

Conheço muitos que vivem nos desertos
Criados pela sua própria aridez interior.
Poucos sabem
Que, nos desertos,
Sob o que parece areia
De um oceano vazio,
Existe um mundo adormecido
De flores escondidas,
Submersas, latentes,
Germinando como sonhos e promessas.

Há um universo de fontes,
Oásis reais e imaginários.
Poucos sabem que o cáctus,
Se procurado
E tocado
Pelo viajante sedento,
Transforma-se, num passe de mágica,
Em poço e fruto.
Peregrinos desiludidos
Abandonaram seus ideais
Na areia escaldante.
Nos sepulcros de seus olhos cansados,
As lágrimas já secaram.

Mas o coração, obstinado,
Ainda procura flores, lagos e fontes,
Buscando superar a angústia da solidão.
No deserto, nas cidades ou no campo,
Deixe o amor chegar e tomar posse.
O mundo parece prestes a explodir de tanto sofrimento!
Mas onde o amor chega,
Alivia a dor mais pungente;
E, do sofrimento,
Desabrocham violetas e miosótis.
São presentes divinos -
Uma dádiva primaveril
A romper o inverno dos corações.
NÃO TENHA MEDO:
VÁ SEMEANDO AMOR e
DEIXE O CORAÇÃO FLORESCER...

Theresa Catharina de Góes Campos

(In: Escritores Brasileiros – II – RJ, Crisalis Editora, 1986)

CAFÉ LA PELÍCULA

I

Ler, comer, viver...
A oportunidade de confraternizar.

Peça antes e depois dos filmes;
E não ficará decepcionado.
Livros, revistas acompanharão seu lazer...
Intercâmbio de idéias e sonhos
Com visão internacional
Unida à estética das imagens.
Ler, ver, conversar:
A oportunidade de confraternizar!

II

Leve é o cardápio, tão original,
A nos levar à memória.

Ponto de encontro
Entre muitos conhecidos;
Livre debate,
Intercâmbio de idéias
Com visão
Universal;
Livros acessíveis;
Amigos a confraternizar!

III

Lá/aqui, no Cine Brasília,

A alegria especial de um

Ponto de

Encontro:

Livre debate,

Intercâmbio de idéias

Com olhar/mente

Universais;

Livros a escolher e

Amigos a rever!

Theresa Catharina de Góes Campos

Brasília, 24 de maio de 1997

CRIATIVIDADE DO CORAÇÃO

O coração
tem mãos invisíveis,
mas muito criadoras.

Theresa Catharina de Góes Campos
Salvador, Bahia, 1953.

"MENOS É MAIS..."

Porque andar, nadar contra a correnteza é minha bússola.

Porque às vezes menos é mais.

"Desistir do sempre mais" é sobreviver.
Menos montanhas e desfiladeiros,
menos precipícios onipresentes.
Mais planície, mais jardins...
Até o menos de um deserto...
Pode nos oferecer o presente do...
viver é mais.

Usar menos palavras pode ser
pensar mais.
Menos esforço é mais dinâmica interior.
Porque ouvir você,
no silêncio de seu íntimo, é mais, muito mais.

Menos é mais:
menos estresse, menos exercícios,
menos tensão/pressão, menos colesterol,
menos cobrança,
MAIS escolhas pessoais,
mais tranqüilidade, mais reflexão,
mais saúde!

Uma semana com menos dias de trabalho,
Um dia com menos horas de esforço
É mais relaxamento,
para enfrentar melhor o dia seguinte,
para reunir mais energia e
desafiar a semana seguinte.

Um dia de menos lutas,
para mais horas de sono e sonhos,
para um despertar também para os sonhos,
é viver mais, muito mais.

Porque temos mais sede e fome de sonhos,
menos covardia e mais ousadia
do que acreditávamos ter!

E até no menos podemos realizar mais,
se mantivermos a respiração mínima para sobreviver.

Mas para fazer do menos
o nosso mais,
é preciso mais sonho e mais lazer,
ainda que vivamos um processo criativo...
porque até Deus, nosso Criador, escolheu
descansar no sétimo dia!

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 08 de julho de 2005

A LIÇÃO do CAÇADOR DE ANDRÓIDES

Inspirado no filme "Blade Runner” - uma fábula para o século XXI, um filme para pessoas inteligentes e responsáveis. (a primeira versão comercial do filme, com narrativa de Harrison Ford e final esperançoso; e não, a original do diretor)

As imagens, os sons e as palavras do cinema-fábula,
lenda e saga futurista,
cintilante de beleza plástica e filosófica
provocaram uma reflexão crítica
sobre a vida: ontem, hoje e amanhã.
Com ação e suspense de conto policial,
este filme especialíssimo narrou uma história de amor
cintilante de sentimento e emoção.
No labirinto mágico do coração-mundo,
nas sombras das luzes diurnas da cidade-universo
e no mistério de suas perguntas essenciais
sobre a razão e o destino da existência humana,
embora reprimido, rejeitado e amedrontado,
o amor se impôs finalmente...
derrubando a frieza e a desilusão,
a desmotivação e o desinteresse,
o choro escondido, o terror disfarçado,
o amor se impôs...
abriu os lábios, os braços, as mãos;
juntou os olhos, uniu os corpos, humanizou, SALVOU.
A melodia inebriante do sentimento
dobrou a força esmagadora
e sacudiu as ilusões do progresso amoralmente cego.
O amor destruiu a teia do desencanto,
enfrentou as dúvidas e o desconhecido.
Perturbador, inquietante e envolvente,
o amor se impôs...

atingindo as camadas mais profundas da alma em coma;
identificando e diferenciando, movendo, transformando,
o amor se impôs...
e resgatou os sentimentos aprisionados.
O mundo tenebroso, artificial e violento
deixou de ser aceitável, pois o amor o rejeitou.
Num contexto aterrador, o amor contestou...
e venceu. Ressuscitou. Calou a descrença.
Como evento extraordinário e redentor,
o amor resgatou da inércia e da solidão,
transformando a existência deprimente, restritiva,
sem horizonte,
em paisagem libertadora
onde reina a esperança das árvores
e a promessa do espaço azul, infinito,
acima das montanhas mais inacessíveis.
Amando e confiando,
somos capazes de enfrentar as perguntas
que antes não ousávamos formular,
mas que devem ser colocadas diante de nós,
seres humanos e, portanto, capazes
de perguntar, escolher e AMAR.
E nos momentos decisivos,
transfiguradores de nossa existência,
os sentimentos se revelam
com tal poder e sinceridade
que a coragem nos envolve,
nos fortalece e
nos faz caminhar com decisão.
Convictos, confiantes no amor,
ILUMINADOS E TRANSFIGURADOS POR SUA CHAMA,
frágeis e fortes, trêmulos e fortalecidos,
empreendemos uma caçada ao íntimo de nós mesmos
e, procurando conhecer o nosso espírito,

e buscando compreender o próximo
(ouvindo, também, o seu coração...),
em toda a dimensão sombra-luz do ser humano,
chegamos, afinal, a entender,
à luz da reflexão,
a diferença fundamental
entre andróide e pessoa humana:
o amor é, antes de tudo, um ato de fé e coragem.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 13 de junho de 1997
Departamento de Fundamentos
Faculdade AEUDF - Brasília-DF

SER AMIGO É SER JARDINEIRO

(Inspirado no filme O Jardineiro Espanhol (The Spanish Gardener) - Inglaterra, 1956 - de Philip Leacock)

O menino louro sentia a ausência da mãe,
mas rezava por ela sem desespero,
entregando-a aos cuidados do Pai Nosso.
Suas cartas tocavam seu coração de garoto,
mas não extinguiam a amargura de seu pai.
A mão do Deus criador tocou o menino louro,
triste e solitário,
através da bondade de um simples jardineiro,
que sabia cuidar bem das plantas
porque amava as pessoas.
Podava, revolvia o terreno, plantava,
e, trabalhando com satisfação,
sem preguiça e sem amargura,
sorria e fazia amigos.
O garoto perdido entre as paredes frias do
casarão
recebeu, de coração alegre,
a dádiva muito especial do jardineiro:
sua amizade de moço humilde.
O menino louro, guiado pelo jardineiro,
descobriu, com entusiasmo, o esporte;

aprendeu a pescar e a gostar do sol;
sua fragilidade transformou-se em vigor;
sua timidez e insegurança
foram substituídas pela maturidade precoce
que vem com a bênção do sofrimento
e o toque insistente da dor.
Como a erva daninha que aparece, ameaçadora,
a calúnia atacou o jardineiro,
ainda que seu jovem amigo o defendesse,
contra todas as evidências e circunstâncias,
apesar das mentiras proferidas
e das supostas provas...
A amizade acreditou na inocência
porque a amizade vê além das aparências
(muito além da superfície enganadora!)
e vai direto aos corações.
A persistência confiante da amizade
presenciou a vitória da verdade,
que libertou o jardineiro aprisionado
para que voltasse a cuidar das flores,
cultivar as amizades
e apreciar o sorriso do sol.

Theresa Catharina de Góes Campos

Pelotas, Rio Grande do Sul, 10 de julho de 1963.

O MERGULHO DO CORAÇÃO

Inspirado no filme "Imensidão Azul" (Le Grand Bleu/The Big Blue) - França, 1988 - de Luc Besson.

Olho o mar ou dentro do meu coração?
Vejo os golfinhos ou a face de Deus?
As ilhas, para mim, são pegadas do Infinito;
não são acidentes geográficos.
As ondas não representam obstáculos:
são pontes e veredas.
A lua, às vezes, parece guiar o oceano
tão mansamente como a chuva que dança
e me dá a impressão de beijar as flores.

O que sinto, realmente, quando olho o mar?
O que vejo, na verdade, quando brinco
e nado em companhia dos golfinhos?
O que consigo atingir,
em termos de minha dimensão humana,
quando admiro o oceano
e vou até o seu íntimo mais desconhecido?

O silêncio do mar é canto de sereia?
As vozes dos golfinhos compõem
o meu silêncio interior?

Aqueles a quem amo me fazem falta
em cada segundo de alegria ou dor.
A pérola escondida que os mergulhadores
procuram com risco de vida
é o amor secreto que meu coração
tenta proteger, desajeitadamente.
Por que arriscar tudo, com tanto esforço,
por aquilo que não sabemos expressar
em palavras ou medir?!
Que visão chega a meu coração
quando sinto o oceano me envolver
nas mil e uma tonalidades de verde e azul?
Toco o limiar de um mistério,
a fronteira de um enigma
que é meu tesouro desde a infância
porque me desafia sem cessar
impresso em todos os anos de minha vida
como o prelúdio do futuro que não vejo
apesar de tocá-lo... no fundo do mar.
Um prefácio para um grande amor?
Ninguém responde... mas eu pergunto
sem jamais me fatigar!
Somente eu sei
que guardo, nas paredes de meu coração,
a pérola conquistada em todos os mergulhos
na busca incessante do sentido para a vida;

vale mais que todos os troféus...
A minha pérola é como estrela-guia
a multiplicar os sonhos adormecidos
que não ouso cantar em voz alta.
A visão dos golfinhos brincalhões
que não conhecem a inveja
nem se envolvem em competições
me faz vislumbrar um mundo diferente:
mais belo porque mais natural;
mais acolhedor porque sem desconfiança;
hospitaleiro, apesar da escuridão...
Guiada pelos golfinhos,
vejo através do que parece névoa;
em terra firme, sinto-me cega
porque insegura
quanto aos sentimentos e aos motivos
dos que me cercam,
me apressam, e me pressionam,
querendo me conduzir
aonde meu coração pode morrer...

As águas coloridas fluem,
curam e cantarolam
canções de fontes múltiplas;
aqui, minhas mãos sabem acariciar
porque são recebidas sem reservas;

aqui, tenho segurança para amar
porque acreditam em mim.

Nesta IMENSIDÃO AZUL,
não sou invasora, nem conquistadora:
sou IRMÃ , Amiga e Companheira
no Reino de Deus;
nas mil e uma tonalidades de azul,
não entro em conflitos;
me harmonizo com a natureza
da qual faço parte...

Nesta imensidão azul,
a pérola que conquistei
tornou-se facho de luz
nas ruas silenciosas
e não invadidas
de meu coração.

A imensidão azul
me fez perseguir sem descanso
a face resplandecente do Amor.

Não mais experimento o medo
de viver com a minha solidão;
não mais receio perder o rumo;

aqui, o amor não me assusta...

O mergulho do coração é o mais perigoso...
porque nas profundidades desconhecidas
de si mesmo.
Aceito os desafios do oceano
ou mergulho nas mãos de Deus?
Quando mergulho, inebriado,
quais as distâncias que supero?
Abandono-me à imensidão azul
ou persigo a face do Amor?
As vozes dos golfinhos
se comunicam com o meu silêncio?
Olho o mar ou dentro do meu coração?
Vejo os golfinhos ou a face de Deus?

Estou apenas mergulhando
ou me lançando, confiante,
nas mãos amorosas de meu Criador?

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 13 de julho de 1989.

O EGOÍSTA

O egoísta
é muito previsível...
e péssima companhia...
até para si mesmo.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 24/10/1988

ESPAÇO ILIMITADO

No espaço
ilimitado
do coração,
há sempre fronteiras
a conquistar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Genebra, Suíça, agosto de 1960

COM MEDO DAS PALAVRAS

(Inspirado no filme O Turista Acidental (The Accidental Tourist) - EUA, 1988 - de Lawrence Kasdan)

"- Graças à tecnologia,
não precisamos dizer uma palavra!
Deixemos que a TV converse com todos nós
e o vídeo também...
como o rádio vem fazendo há tanto tempo
(falando em nosso nome e para nós)...
Estamos sempre tão cansados
e preocupados com nossos problemas pessoais
que mal podemos iniciar uma conversação,
quanto mais mantê-la em nível que valha
a pena".

"- É muito mais fácil
quando alguém, bondosamente, nos libera
de tal responsabilidade!
Se acontece algo de errado,
ninguém nos culpará.
Assim é muito melhor!
Esqueçamos sentimentos ou emoções.
Ignoremos as pessoas e seus problemas.
Quem precisa de seres humanos complicados

quando temos máquinas, brinquedos,
computadores, e muitas outras coisas mais?..."

Tantas pessoas continuam a me dizer
todo esse lixo!
Chamo isso de filosofia descartável,
de tão primitiva e inútil...
Graças a Deus não vendi a minha vida
para os fazedores de dinheiro
ou amantes da mediocridade.
Insisto em ser uma pessoa independente
do que a comunicação de massa me diz!

Valorizo
o que existe dentro de mim:
minha maneira de pensar;
meu coração enérgico e independente
que ameaça saltar
de meu corpo frágil, temporário;
a dor e o sofrimento que experimento
a cada decisão que devo tomar.
Desejo também comunicar-me com as pessoas
utilizando umas poucas (muito essenciais)
palavras
com as quais estou me familiarizando.
Tenho a firme convicção de que

sem a comunicação pessoal,
qualquer um se torna menos que um
ser humano;
sem nos importarmos com os outros,
conseguiremos ir a algum lugar?!

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 17 de junho de 1989

Nota: COM MEDO DAS PALAVRAS foi escrito originalmente em inglês:

AFRAID OF WORDS

"— Thanks to technology,
we do not have to say a word!
Let the TV talk to all of us
and the video too…
as radio has been doing for so long
(speaking for us and to us)…
We are always too tired
as well as worried
with our personal problems
to even manage to start a conversation,
let alone to keep it worthwhile."

"— It is so much easier
when someone else kindly relieves us
from such responsibility!
If anything happens to go wrong
no one will ever blame this on us.
This is so much better!
Let's forget feelings or emotions.
Let's ignore people and their problems.
Who needs complicated human beings
when we have machines, toys,
computers, you name it?..."

So many people go on telling me
all that garbage!
I call it disposable philosophy,
so primitive and useless…
Thanks God I did not sell my life
to money-makers or mediocrity-lovers.
I insist on being a person
no matter what
mass communication tells me!

I value
what there is inside me:
my own thinking;
my strong-willed, strong-minded heart

threatening to jump out
of my frail, temporary body;
the pain and sorrow I go through
for every decision I take.
I also want to reach people
using a few (very essential) words
I have been getting acquainted with.
I choose not to be afraid of talking.
Deep down I firmly believe:
without personal communication,
any one becomes less than a human being;
without caring for others,
can we go anywhere?

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 17 de junho de 1989.

ONIPRESENÇA DA ARTE

Conviver com a arte
de segunda a domingo,
de janeiro a dezembro:
eis um projeto de vida!

Theresa Catharina de Góes Campos
Belém do São Francisco, Pernambuco, abril de 1962.

SONHAR...

é vencer
a mediocridade do dia-a-dia
apresentando um projeto
para o amanhã.
Os sonhos jamais são derrotados
porque constituem,
em si mesmos,
uma vitória sobre a realidade.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 04/02/1989

O ESFORÇO VITORIOSO

Não tem importância se falhamos.
A única razão para nos desesperarmos
é quando desistimos da busca.
Se os sonhos não existissem,
não haveria futuro.
Uma derrota é: não procurar sempre...

Nota: O poema acima foi escrito originalmente em inglês e publicado pela primeira vez em Ottawa, Ontario, Canadá.

Texto original:

NO SEARCH EVER FAILS

The failure doesn't really matter.
The only reason to despair
Is when we give up the search.
If dreams didn't exist
There would be no future.
A failure is: not searching forever.

Theresa Catharina de Góes Campos
(In: Presence – November 15, 1981 – p. 9)

AS MÃOS FALAM

(Inspirado no filme "Hiroshima, Meu Amor" (Hiroshima, Mon Amour) - França, 1959 - de Alain Resnais)

Porque o coração
guarda o silêncio,
as mãos falam...
E dizem tudo
o que o coração quer dizer,
chorar, gritar, sussurrar...
Mas o coração tem medo,
de tão frágil e magoado,
e se cala.
O coração não dorme
jamais...
apenas se esconde e se cala...
A mão repousa
na outra mão
docemente, embora com muita sensibilidade.
As mãos se procuram
quando os corações se calam,
enquanto o espírito busca
um canal de comunicação.
O coração não dorme... jamais!
As mãos repousam e,

com o silêncio, constroem a ternura sonhada,
quando falam de amor
sem se cansar
nem elevar a sua voz.
Como os corações sensíveis,
as mãos são eternamente jovens
e querem sempre
proclamar o amor.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 03 de junho de 1989.

Obs.: o poema "As Mãos Falam" foi escrito originalmente em francês

LES MAINS PARLENT

Parce que le coeur
garde son silence,
les mains parlent...
Et disent tout
ce que le coeur veut dire,
pleurer, crier, murmurer...
Mais le coeur a peur;
le coeur est si fragile et blessé!
et le coeur se taît...
Le coeur ne dort

jamais...
il se cache et il se taît...
La main repose
sur l'autre main
doucement, mais très sensible.
Les mains se cherchent
quand les coeurs se taisent
et quand l' esprit cherche
une voie de communication.
Le coeur ne dort... jamais!
Les mains reposent et,
avec du silence,
elles construisent la tendresse songée,
quand elles parlent d'amour
sans se fatiguer
ni élever leur voix.
Comme les coeurs sensibles,
les mains sont toujours jeunes
et elles veulent toujours
crier l'amour.

Theresa Catharina de Góes Campos

Brasília, 03 de junho de 1989.

TERNURA INSISTENTE

Os sorrisos que jamais esbocei
apagaram o brilho de meus olhos.
A ternura que não retive
dentro de mim
superou todos os obstáculos
e, vencendo o medo,
mostrou-se mais forte que a neve.
Ternura insistente,
ternura vencedora!

Theresa Catharina de Góes Campos
Paris, França, setembro de 1960.

CAMINHAR NA DOR

Nós somos o que construímos
com as nossas limitações,
sobretudo o tempo...
Somos o que fazemos
com a nossa dor,
as nossas frustrações,
com a nossa solidão.
As perguntas que formulamos
também expressam o que somos.
Somos as nossas escolhas,
as nossas prioridades conscientes,
os nossos princípios.
Nós somos o que fazemos
com a nossa dor.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 17/08/1988.

A DOR TAMBÉM CONSTRÓI

Do sofrimento,
alguns partem para a violência,
a inveja, o descrédito;
alguns se escondem
na amargura
ou insistem na destruição.
Outros, escrevem
páginas de beleza e perdão,
fazem filmes
de reflexão crítica,
cantam a ternura
e a solidariedade.
Nós somos o que fazemos
com a nossa dor.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 17/08/1988.

OS TESOUROS PERDIDOS

Se eu não tivesse arrancado
a rosa do meu jardim,
seu perfume ainda estaria
no meu coração para sempre.

Se eu não tivesse procurado
a paz com tanto desespero
e fechado meus olhos às dores e às lágrimas
de meu próximo,
a paz estaria comigo sempre,
em todo lugar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife, PE, 26/01/1970.

A LINGUAGEM DO CORAÇÃO

Se o coração falasse
a linguagem rude,
agressiva e ruidosa do mundo,
nós todos estaríamos perdidos.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife, PE, 05/03/1962.

NÃO MATEM A ESPERANÇA!

Quem já ensurdeceu de dor
não pode mais ouvir
palavras ferinas.
Quem ficou cego de tanta tristeza
e maldade que viu
hoje tem os olhos embaçados de lágrimas;
caminhos, beco e pontos se confundem.

O corpo geme e vacila;
a alma também;
a voz enrouquece, desiludida;
a esperança vai morrendo
e a gente vira fantasma.

Entontecidos e amargurados,
mas ainda procurando defender
a Fé que, apesar de tudo,
não morreu dentro de nós,
corremos, assustados e mortificados,
em busca de outros cegos,
à procura de loucos,
chamando os surdos,
questionando os mudos.

Brancos e negros, apesar do apartheid,
somos irmãos na dor
da desilusão que se repete.
Somos todos fantasmas da vida.
A união jamais alcançada
na alegria e no amor
hoje é irmandade de sofrimento.

O coração ainda bate no peito,
embora os olhos não mais sorriam.
A boca ainda emite gemidos;
não diz mais palavras de amor.

Os olhos conseguem chorar
e as lágrimas banham
a voz transformada pela dor.

Não mais importa que o sangue
corra nas veias como vertente natural.
Não mais importa que o nosso andar
pareça indicar uma vida normal.
A verdade vem à tona, persistente
como o suor que não se esconde;
já morremos dentro de nós...
porque matamos a esperança
em nosso íntimo
ao desistirmos de lutar
contra as injustiças
que não parecem nos atingir pessoalmente...

Theresa Catharina de Góes Campos
Dacar, Senegal, agosto de 1960.

MEU CORAÇÃO TE PROCURA

Onde estás?
Eu te procuro ontem e amanhã,
mas te perdi em todas as épocas...
Por que estás longe?
Por que te manténs silencioso?
Por que não me escutas
nas ondas do tempo?
Meu coração me diz que estás aí...
no contorno dos séculos...
pronto a me tocar no tempo
dos minutos e segundos há muito sonhados.
Mas estamos por demais angustiados
devido à espera tão longa.
Gritamos e choramos
porque eu estou aqui, hoje e agora,
neste instante amargo e solitário,
e tu estás aí,
no dia seguinte ou no amanhã.

Theresa Catharina de Góes Campos

(a seguir a versão original, em francês, deste poema, escrito em Québec City, Província de Québec, Canadá, em 1971)

MON COEUR TE CHERCHE

Où es-tu ?
Je te cherche... hier et demain,
mais je t'ai perdu
dans toutes les époques...
pourquoi es-tu si loin ?
Pourquoi gardes-tu ce silence ?
Pourquoi ne m'écoutes pas
dans les ondes du temps?
Mon coeur me dit que tu es là...
au contour des siècles...
prêt à me toucher dans le temps
des minutes et des secondes
autrefois songés.
Mais nous sommes trop angoissés
à cause d'une si longue attente.
Nous crions et nous pleurons
parce que je suis ici,
aujord' hui et maintenant,
(dans cet instant amer et solitaire)
et tu es là,
au lendemain ou dans l'avenir.

Theresa Catharina de Góes Campos

SONHOS IRMÃOS

Quando fugimos
dos gritos e das lágrimas
de nossos irmãos,
perdemos nosso direito
ao silêncio criativo.

Os sonhos dos que nos cercam
são irmãos de nossos sonhos.

Theresa Catharina de Góes Campos
Gruyères, Suíça, agosto de 1960.

AS MÃOS PRISIONEIRAS

As mãos que eu libertei
do coração
perderam a razão
de seus movimentos.

E as mãos supostamente livres
tornaram-se prisioneiras
do desamor.

Theresa Catharina de Góes Campos
Natal, RN, junho de 1971.

O ESPÍRITO DO NATAL: COMUNICAÇÃO

O Natal interessa a todos nós,
pois não é monopólio de ninguém.
Sou eu e você
e todos nós.
Se todos os gestos e todas as palavras
fossem comunicação...
os conflitos não levariam às guerras,
e sim, à compreensão e à tolerância.

A chamada trégua natalina
é a vitória da ternura
para com todos os seres humanos;
a transmissão da mensagem de solidariedade
por gestos e palavras extraídas do coração.
NATAL NÃO SE FESTEJA EM SOLIDÃO.

A comunicação é o toque mágico
dos presentes e abraços
de UMA NOITE MUITO ESPECIAL
em todas as latitudes, nos recantos
mais afastados do mundo.

Embora nem todo ato de tocar seja comunicação
nem toda forma de comunicação seja amor,
O NATAL É SEMPRE UM MOMENTO ESPECIAL
de comunicação e paz –
uma promessa de esperança
para a humanidade ameaçada, conturbada;
uma promessa de vida
num sistema internacional
de vasos comunicantes
e círculos entrelaçados.

Sem amor, não existe alegria de viver –
porque vida é comunicação
e NATAL NÃO SE FESTEJA NA SOLIDÃO!

Dizer FELIZ NATAL é reconhecer, no presente,
um bem maior que o passado;
é assinar uma Declaração de confiança
no futuro que se desconhece;
é abrir as portas fechadas,
colorir os pontos sombrios de nossa vida,
atravessar as pontes
e se lançar ao espaço infinito.

Dar um presente, mesmo silenciosamente,
é como dizer de público:
EIS A MINHA AMIZADE –
a dádiva maior
que todo ser humano tem
para oferecer.

Apesar de ogivas nucleares
e dos foguetes intercontinentais;
malgrado o imperialismo metamorfoseado,
apesar das superpotências e das
multinacionais,
os cometas, as estrelas e os planetas
fazem ciranda,
com os satélites, no firmamento...
as suas guirlandas vivas proclamam:
AINDA HÁ ESTRELAS NO CÉU!

Apesar do barulho das metralhadoras,
as crianças continuam a nascer

e nós as recebemos,
apesar de nosso desespero
e de nossa angústia,
e de nossos fracassos contínuos,
com uma ternura esperançosa –
mais preciosa do que nunca!

Que as crianças nos ouçam:
FELIZ NATAL, IRMÃOS!
E que o espírito de Natal –
a comunicação –
seja uma realidade visível,
palpável,
para todos nós.

Theresa Catharina de Góes Campos
Santos, SP, 10/12/1962.

QUANDO AS LÁGRIMAS DENUNCIAM...

(poema inspirado no filme "Mouchette" – "Mouchette, a virgem possuída" – França,1967- de Robert Bresson)

De tão indiferentes, nem perguntaram:
— Quem matou o seu sorriso, querida irmã?
Quem vestiu você de preto?
Quem colocou todas essas lágrimas
nas estrelas de seus olhos?

Sim, alguém matou o seu sorriso
e apagou o brilho especial
de seu rosto jovem.
Quem fez isso?
Quem apagou o seu sorriso?
Quem deixou a sombra de um pôr-do-sol
no orvalho de seus lábios silenciosos,
revestindo de tristeza infinita
a ternura que poderia existir em seus gestos?
Quem colocou tantas lágrimas
nas estrelas de seus olhos
hoje cansados e desiludidos?

Porque não lhe disseram
- e repetiram –
que apesar de obstáculos, das derrotas
e da indiferença,
a busca do amor continua:
é preciso PROSSEGUIR,
continuar a viver
mesmo que as lágrimas
não cessem de cair e
molhar as nossas mãos fatigadas.

Ainda que o corpo se recuse,
o coração tem que reagir
e continuar a crer, a esperar,
mesmo que as lágrimas
se recusem a parar
de envolver nosso rosto
empalidecido e chocado
porque a solidariedade
não nos resgatou
do desespero.

É preciso prosseguir,
caminhar sempre,
até que as lágrimas silenciosas
se transformem
em palavras de vida...

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 06 de julho de 1989.

HAICAIS DE HOMENAGEM AO CINEMA

(e dedicados a Meus Pais)

1

O olhar do cinema
transforma a vida
de quem olha a tela.

2

O som do filme
inspira os ouvidos
ao se escutar o cinema.

3

Na companhia das imagens
vivi, revivi a vida
dos personagens na tela.

4

Pulsações invisíveis senti
como ondas cerebrais
nascidas e alimentadas no cinema.

5

A alma vibrou

com a trilha sonora:
o coração cantou.

6

Sombras e luzes
invadiram com imagens
meu coração hospitaleiro.

7

A tela do cinema
falou com imagens
ao coração aberto.

8

Tudo vibrou.
Nada foi tocado.
Quase tudo falou...

9

Individual e coletivo,
de longe e tão perto...
eis o cinema.

10

O silêncio gritou
naquele filme distante,

iluminando a tela.

11

A lágrima das palavras
banhou as imagens
impressas na película.

12

Vestidas de cores,
imagens encontraram
sombras e luzes do cinema.

13

Projeção do filme na tela...
coração soltando a voz,
reescrevendo o roteiro.

14

Fotogramas,ecos de imagens
unidas às trilhas de som
reverberando na mente.

15

O percurso das lágrimas
começa nos fotogramas,
continua na alma.

16

Filmes podem
não envelhecer.
Nós, envelhecemos.

17

Não amei aquele filme
porque me perturbou
ou foi meu silêncio interior?

18

Quem gritou?
O filme? Eu? Os sons?
Foram as cadeiras vazias?

19

O projecionista abandonou o filme...
a imagem se perdeu,
o som virou silêncio.

20

O cinema não me trouxe
os sonhos que eu pedi?
Ou meu espírito se calou?

21

O amor, no filme,
sorriu para mim...
agora é fonte a cantar!

22

Percebi com gratidão:
ao se comunicar com a tela
meu coração se multiplicou.

23

Recebi o filme
no espírito preparado
para amar a mensagem.

24

Meu coração transitório
guarda e partilha
o olhar permanente do cinema.

25

A fonte da juventude,
que não existe,
o cinema descobriu.

26

O silêncio dos filmes
ecoa... porque vibra
com imagens e sons.

27

Cerejeiras floridas
tagarelando ao vento
perfumaram a platéia.

28

Viagens à volta do mundo:
ousadas na tela,
sem data para terminar.

29

O que eu não vivi
o cinema mostrou
e o mundo viu...

30

Imóvel e dinâmico,
silencioso e falante,
viva o cinema peregrino!

31

No espelho de tantas cores,

e de muitos sons,
o cinema refletiu a vida.

32

Riu tanto no cinema!
Desmarcou a consulta
com o psiquiatra.

33

O que ninguém confessou
o cinema revelou
sem hesitação nem pudor.

34

Tudo ficou mais fácil
e bem mais difícil
quando o filme terminou...

35

Não foi beijada...
mas saiu do cinema
como se tivesse sido...

36

Parado no tempo,
dinâmico e veloz,

o cinema continua e recomeça.

37

Terminada a refeição,
foram todos ao cinema
alimentar o espírito.

38

De tanto chorar no cinema
chegou em casa
esperançosa.

39

Se o filme é rebobinado,
por que desistir
de recomeçar a vida?

40

Se o filme tem edição,
por que se recusar
a reeditar sua vida?

41

Achou o filme confuso,
perturbador. Saiu.
Lá fora estava pior...

42

Olhou e não viu.
O cinema viu
e registrou!

43

Viu no cinema.
Contou lá fora.
Gostou ainda mais.

44

Sozinho
não se faz cinema
nem se vive a vida.

45

De meus queridos pais
recebi, com seu exemplo,
o cinema de presente.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 29 de maio de 2008.

A ESTRELA-GUIA DO PEREGRINO

Meu amigo me disse:
— "Proibi meus olhos de serem estrelas,
pois não conheço ninguém
suficientemente puro para olhar as estrelas."

Como ignorar que os homens precisam
desesperadamente
de olhos-estrelas?
Procuram, como peregrinos,
sorrisos que sejam como estrelas
em toda parte...
Acredito que é melhor
termos olhos e sorrisos
brilhando como estrelas e lareiras
do que, um dia, termos a revelação
de que alguém procurava por eles
e morreu sem experimentar
a bênção de encontrá-los.

Um dia, o amor virá...
E assim como a primavera desenterra as flores
e desperta as sementes escondidas,
soprará vida em nossos corações.
Um dia, o amor virá,
justificando a espera,
amadurecendo o coração.

Preparemo-nos:
Um dia, o amor virá...

Conheço um peregrino que atravessou
muitas vezes o mesmo deserto,

tão sedento de fontes e árvores,
tão ansioso pelo toque humano;
sufocado pelo calor e pelas tempestades
que dobravam seu corpo até o solo,
deixando seu espírito abatido.
Sedento, faminto,
sedento de calor humano.
Com os pés sangrando,
banhado em suor e, no peito,
a ânsia de lágrimas reprimidas.
Em meio à tempestade,
o peregrino SONHOU com a noite,
vislumbrando sua estrela-guia.
A areia e o vento perturbaram
a visão do peregrino,
mas não venceram a sua fé;
sentiu o frio, pressentiu a escuridão;
aguardou, tranqüilo, as estrelas...

Theresa Catharina de Góes Campos
Toronto, Ontário, Canadá – julho de 1971.

O MISTÉRIO DO SOFRIMENTO

Imitemos o poeta
com sua coragem para amar.
Viu as crianças ignorarem as estrelas
e darem atenção às pedrinhas do jardim;
contemplou, entristecido, quando esmagaram
uma pequena flor silvestre.
O poeta compôs versos
para a estrela que ainda não surgira
e correu para proteger
com suas mãos trêmulas
outras pequenas flores
que o vento ameaçava afugentar.
O poeta ama as folhas verdes
e cultiva seus sonhos mais impossíveis.
Ele acolhe a dor do amor
porque sabe que, atrás do sofrimento,
estão os versos de seus poemas.
O sofrimento é um mistério
que o poeta respeita.

Theresa Catharina de Góes Campos
Algonquin Park, Ontário, Canadá, 08/09/1972.

(A seguir, a versão original deste poema, em inglês)

SUFFERING IS A MYSTERY...

Emulate the poet
with his courage to love.
He saw children ignore the stars
and give attention to tiny rocks in the garden;
he was there, so sad,
when they smashed a little wild flower.
The poet wrote verses
for the star which was still to show up
and he ran to protect
with his shaky hands
other little flowers
the wind threatened to blow away.
The poet loves the green leaves
and cultivates his most impossible dreams.
He welcomes the pain of love
because he knows that, behind suffering,
he will find his poetry.
Suffering is a mystery
the poet respects.

Theresa Catharina de Góes Campos

Algonquin Park - Ontario, Canada, 08 de setembro de 1972.

CORAÇÃO NÃO É DEPÓSITO...

Um sorriso
não pode ser guardado...
nem mesmo no coração.
Sorriso é para ser dado.

Coração-depósito
seria coração morto.
Sorriso retido
seria lágrima escondida.

Sorriso é para ser ofertado!

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 12 de abril de 1966

ELE DEU ROSAS AO MUNDO

O objetivo único da beleza
é criar amor...
Nossas lágrimas apagarão nosso caminho
para que nossos filhos construam
as pontes que idealizaram.
Temos medo, porém, até de amar:
somos por demais orgulhosos para pedir,
fracos demais para tentar.
Por que lutamos às cegas
contra nossos melhores sentimentos
e nossas tendências mais generosas?
Por que choramos
quando o amor chega?
Por que expulsamos a verdade
com tanto rigor e tanta constância?
Por que deixamos o amor esperando?
Por que negligenciamos a justiça?

Algumas pessoas nunca se humanizam,
nunca aprendem a ternura,
nunca ofertam flores.
Alguns, nunca chegam a amar.
As rosas florescem para dar alegria
a um pedaço de terra
que elas transformam em jardim.
Florescem para ofertar o seu perfume.

Embora nenhuma rosa seja eterna,
a memória de um gesto de amor
pode ficar para sempre
em nossa memória.

Deus ofertou rosas ao mundo
para que homens e mulheres
aprendessem, pelo Seu exemplo,
a alegria de DAR.

Theresa Catharina de Góes Campos
Belém, Pará, 24/10/1970

Versão para o inglês:

HE GAVE ROSES TO THE WORLD

The only purpose for beauty
is to create love…
Our tears will wash our path away
so that our children will build
the bridges they dreamed.
Though we are afraid of loving:
we are too proud to ask,
too weak even to give it a try.
Why do we fight like a blind
against our best feelings
and our most generous trends?
Why do we weep
when love comes?
Why do we throw truth away?
In such a harsh way and so persistently?
Why do we leave love waiting?
Why do we neglect justice?

Some people never get to be human,
never learn tenderness,
never give flowers.
Some never get to love.

Roses bloom to give joy
to a piece of land
they change into a garden.
They bloom to give perfume.
though no rose is forever,
the memory of a gesture,
if a gesture of love,
lives forever in our memory.

God gave roses to the world
so men and women
would learn, by His example,
the joy of GIVING.

Theresa Catharina de Góes Campos
Belém - Pará, 24/10/1970

AS MÃOS VESTIDAS DE RUGAS

(poema inspirado no curta-metragem de Nirton Venâncio: "Um Cotidiano Perdido no Tempo" – Brasil,1988)

A cabeça enluarada em fios de prata
e as mãos vestidas de rugas,
mais que nunca,
precisam ser amadas.

O rosto sulcado de rugas
hoje espera, ansioso,
nossos beijos tardios.
A vista fraca não ousa confessar
mas precisa de nossa visão irrequieta.
O andar trêmulo do coração inquieto
aguarda, silencioso,
o apoio de nosso braço jovem.

Os dias longos e as noites curtas
são espaços abertos
para nós que, apressados,
desperdiçamos as horas
sem sentir
que a nossa pressa
é tão vã

quanto as nossas vaidades...
e pouco sábia!
Imaturos,
esquecemos
de beijar
os lábios deformados
por gengivas sem dentes...

Mãos trajadas de rugas
preparam
uma acolhida calorosa
para os beijos dos que virão
fazer a visita sempre esperada.
Cheguemos antes
das mãos vestidas de rugas
adormecerem...

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, DF - 24/07/1989.

NOVOS HAICAIS PARA O CINEMA

I
Brigaram demais
antes do filme
que os reconciliou.

II
Ninguém se entendia
porque todos discordavam
do filme provocador.

III
A criançada só não
jogou pipoca na tela
porque estava fora do alcance.

IV
Atentos aos celulares,
leram mensagens pessoais
e não viram o filme.

V
Conversaram sem parar
até o filme terminar.
Por que foram ao cinema?

VI
Entraram bem atrasados,
saíram antes dos créditos finais -
como opinar sobre o filme?

VII
No fim da sessão,

de coração iluminado,
pisamos a sujeira no chão.

VIII

O mundo esqueceu.
A imprensa também.
O cinema voltou a denunciar.

IX

O cinema, rotina
na minha vida, também
celebra meus aniversários.

X

Ah, que alegria,
encontrar os amigos
nas idas ao cinema!

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 1º de junho de 2008

HAICAIS DE LAMENTO PELA NATUREZA

Jardim seco
sonha
com chuvas.

Asa ferida
da ave diminuta
denuncia o homem.

Na pequenina folha
retirada sem amor
reflete-se o descuido.

A fonte cantora,
de água limpa,
tornou-se lama.

As dunas diáfanas
desapareceram:
vê-se um deserto...

Chuva
é sonho
de jardim seco.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 10 de junho de 2008

HAICAIS ANTI-TABAGISTAS

A meu irmão Fernando José Salvador Campos (In memoriam)

1
A névoa do cigarro
só traz morte
e dor sem fim.

2
A fumaça do cigarro,
cruel e mortal,
apaga muitas vidas.

3
Por que trocar
pelo fumo assassino
a sua vida preciosa?

4
Cigarro não faz companhia.
Encomenda a morte
antecipada e dolorosa.

5
Quem fuma se esvai
caminhando na dor
para o abismo da morte.

6
O cigarro assassino
apaga sua voz,
destrói seus pulmões.

7
Quem fuma se esvai,
vai morrendo antes,
à vista de todos.

8
Cigarro e vida
não combinam:
é duelo mortal!

9
A fumaça do cigarro
vai corroendo por dentro
como flor envenenada.

10
Estremeço, horrorizada,
ao ver alguém, qualquer um,
se matando com cigarros.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 12 de junho de 2008.

HAICAIS PARA MEU IRMÃO

(Fernando José Salvador Campos - Santos, 1/1/1946- Brasília, 18/6/2007)

Margaridas graciosas,
favoritas de meu irmão,
saudade me trazem dele.

O sorriso indefinido
de meu irmão
hoje vive em mim.

O silêncio vivo
de meu irmão
era só dele.

Onde está ele agora?
Aonde foi permanecer
o meu irmão querido?

O que dizia meu irmão
nada revelava, mas
seu silêncio falava.

Ainda escuto

os bons conselhos
de meu irmão.

Sem disfarces na morte,
nem máscaras de riso,
meu irmão respira, vive.

Que saudade dolorida
esta ausência fraterna
tão inesperada.

Não é sombra,
é presença, esta
ausência de meu irmão.

As mãos de meu irmão,
que tanto fizeram,
imóveis ficaram.

A voz inesquecível
de meu querido irmão
silenciou com dor.

Onde foi ecoar
o riso amado
de meu irmão?

Só posso chorar,
não mais conversar,
com meu irmão.

Morte antecipada,
teve agonia lenta,
a depressão de meu irmão.

Rotina preciosa
em minha memória,
a vida do meu irmão.

Registros diários
na mente, na alma,
a vida de meu irmão.

Como dialogar
com o meu irmão
agora tão ausente?

Saiu, lamento,
de minha vida,
o seu apoio fraterno.

Dolorida permanece

a ausência latejante,
a saudade de meu irmão.

Na fumaça do cigarro
ele se foi bem antes...
com muitas dores.

Ainda me faz chorar,
a memória de sua dor
sem alívio nem cura.

Morreu nosso irmão,
vivo em nosso coração
tão saudoso na recordação.

A fé me diz
que meu irmão
não sofre mais.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 09 de junho de 2008.

HAICAIS ESCRITOS COM FÉ

Cada um faz o que pode
e sabe. O impossível
Deus faz em nós.

Sem fé
não há
festa junina.

Mistério de Corpus Christi
revelado em cores, formas
vozes da natureza.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 12 de junho de 2008.

HAICAIS ALADOS

No Dia das Aves
o céu tem festa
de asas arco-íris.

Tico-tico no fubá
é música de sucesso
na festa do céu.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 19 de agosto de 2008.

HAICAIS FLORIDOS

Cravina apregoa
não ser miniatura
no poder de sedução.

Graciosas margaridas,
de meu irmão preferidas,
saudade me trazem dele.

De cachos floridos
vestiu-se a glicínia,
esbanjando perfume.

Chegaram as abelhas,
fazendo ruído,
tecendo mel.

Em toda semeadura,
já se antevê as folhas,
os frutos e grãos.

Flor-de-maio
como todas do ano
vestida com bom gosto.

Será a camélia
a flor para ofertar
à mulher "amélia"?

A flor se abriu,
depois dormiu,
estendida na relva.

Ganhou camélias
esperava rosas
devolveu lágrimas.

Vou pedir
ao ipê-roxo:
me liberte das dores.

Theresa Catharina de Góes Campos
(Primeira participação em reunião do Grupo Haicai Ipê - São Paulo, 14 de junho de 2008; e Brasília, julho de 2008.)

HAICAIS PARA MARIANO

De Mirian e David
nasceu Mariano,
a estrela deles.

Para Mirian e David
sorriu Mariano,
confiante nos pais.

De olhos abertos
ou dormindo,
Mariano é amado.

De braços abertos
ou sonhando, para os pais
Mariano corre.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 08 de agosto de 2008

HAICAIS

Coração,
embora magoado,
aquecedor.

Precisa-se
de aquecedor
para corações.

Coração ferido
espera chegar
o aquecedor.

Chegou a nêspera
para adoçar
minha boca.

Companheira fiel
dos rios na Mata Atlântica,
a nativa suinã persevera.

Entre os dentes,
a nêspera trouxe gosto
ao meu dia.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 24 de junho de 2008

HAICAIS JUNINOS

Milho e fogueira:
receita caseira
de festa junina.

Quadrilha animada
aquece festejos
de São João.

Lanternas azuis
reacendem os corações
antes desanimados.

Quentão no frio
é convite à dança
junto à fogueira.

São João e São Pedro
homenageados
nas festas juninas

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasilia-DF, 03 de julho de 2008

HAICAIS DA CONDIÇÃO HUMANA

Se Deus lhe poupar
de alguns sofrimentos,
diga Aleluia!

Se Deus lhe conceder
alguns sofrimentos,
também diga Aleluia!

A seu enterro
ninguém quer ir...
Mas vai.

Viver tão bem
que ao morrer
se diga também Aleluia!

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 17 de junho de 2008

HAICAIS DE RECONHECIMENTO AO CINEMA

Esquecidos nos arquivos,
fatos vieram à luz
em muitos filmes.

Cegueira inexiste
no cinema inteligente,
de olhos atentos.

Notícias antigas,
filmes atuais
para sempre.

Sensibilidade não vi
em muitas pessoas.
Encontrei no cinema!

Imagens de coragem
arquivadas no tempo,
reveladas no cinema.

Silêncio covarde
cinema denunciou
mundo afora.

Magia desaparecida,
na infância perdida,
encantou-me no cinema.

Coração magoado
mais de uma vez
o cinema restaurou.

Almas fragilizadas
ganharam alento
de filmes, revigoradas.

Imaginação, fantasia
na tela repetidas,
inspiradas na vida.

Ah, sair de si,
do cinema ir
vivenciar a vida.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 08 de agosto de 2008

MEDO DE ESQUECER

Se comento é porque
não esqueci.
Se não esqueci
é porque me recordo
e ainda não tomei
uma decisão
silenciosa
para a vida toda.

Converso como quem sonha;
espera uma chamada,
uma decisão
para não falar mais.

Estou falando...
como quem canta
as recordações
que deveriam ser
silenciadas.

Decidi falar ...
porque meus olhos choram.
Canto...
porque meus olhos estão abertos.
Recordo...
com medo de esquecer.

Theresa Catharina de Góes Campos
Mar del Plata, Argentina, fevereiro de 1964.

(este poema foi escrito originalmente em espanhol)

MIEDO DE OLVIDAR

Si hablo es porque
no he olvidado,
es porque me recuerdo
y aún no he tomado
una decisión
silenciosa
por la vida entera.

Hablo como quien sueña,
espera una llamada
para no hablar más.

Hablo como quién canta
los recuerdos
que debrían ser silenciados.

Hablo...
porque mis ojos lloran.
Canto...
porque mis ojos estan abiertos.
Recuerdo...
com miedo de olvidar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Mar del Plata, Argentina, febrero de 1964.

O SILÊNCIO ATUANTE

Diante das perdas,
face às dores,
encarando o sofrimento,
palavras se fazem
necessárias...ou
o silêncio atuante.

A voz que afirma
a idéia contida
na garganta.
Os sons a exprimirem
um sonho, a revolta,
discordam do silêncio.

Ainda que ausência,
o silêncio atuante
expressa resistência,
não é omissão.
Nem covardia.
É coragem, ousadia!
Palavras escondidas,
sons abafados,
cortam o ar,
são obstáculos ou

avanços.

O silêncio atuante,
o vazio consciente,
fruto de uma escolha,
pode ter assinatura
e personalidade
libertária.

O que se fala
pode nada dizer,
significar muito pouco.
Os mistérios escondidos
no silêncio
sem códigos
carregam na plenitude
o enigma de uma vida
ainda esperando
as senhas
da metamorfose prometida.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 12 de agosto de 2008

A ALEGRIA DA SAUDADE

Sob o peso da saudade
deixo lágrimas
no caminho.
À nostalgia do passado
com momentos felizes
retornam meus pensamentos.

Sendo parte de mim,
como enxerto na pele,
a dor da saudade,
lamento tantas ausências...
Volto a chorar
sem conseguir deter
a saudade
de habitar os meus dias,
sem dar férias
a meu coração.

Os soluços de hoje, porém,
expulsaram as lágrimas,
foram embora também...
Comigo deixaram,
para me consolar,
a alegria da saudade:
a memória do amor
que eu recebi ,
partilhei, ofertei.

A alegria da saudade
está nas memórias do amor.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 12 de agosto de 2008

AS MÃOS SUPLICANTES

Se fôssemos mais humanos,
não haveria
mãos suplicantes.

Nem nos campos de batalha,
nem nas ruelas
das favelas,
nem vivendo nas ruas,
nem esperando nas tendas
dos campos de refugiados.

Nos campos,
nas florestas,
nas cidades,
não haveria mãos suplicantes!

Nas minas de carvão,
nos mares e nos rios,
habitando palafitas,
sozinhos nas jangadas,
morrendo por diamantes,
padecendo em choupanas,
lutando por pão,
pedindo água,

buscando trabalho e vida,
não haveria mãos suplicantes!

Em lugar nenhum,
deste planeta habitado
por seres humanos,
haveria mãos suplicantes!

Ignoraremos
por mais tempo ainda,
absurdamente,
sem generosidade
nem reconhecimento
da igualdade de direitos,
o grito dos olhos,
a visão
das mãos suplicantes,
desesperadas?!

Realizemos o sonho
das mãos que cantam,
fazem florescer,
dançam e constróem!

Theresa Catharina de Góes Campos
Rio de Janeiro, RJ, 22/05/1963.

MEUS POEMAS TÊM HISTÓRIA

Meus poemas têm história
nem sempre revelada
nos versos polidos.
Lembro os sentimentos
geradores da poesia.
Recordo as situações.
Estremeço com
os fatos trágicos
cujos efeitos perduram
até hoje em minha vida.
Poemas abafados
em muitos soluços,
nos arquivos da memória
ali colocados
por golpes de misericórdia.
Selados dia a dia,
nas quedas ao chão,
afogados nas lágrimas,
esses versos não foram escritos!

O poema seminal
faz germinar
outros poemas,
outros versos
faz cantar.

Há poemas que explodem,
impedindo o poeta de abafá-los.
Do mundo não aceitam
ser excluídos.
Pedem passagem,
com determinação

recusas não aceitam.
Querem nascer,
mesmo cercados pela violência,
insistem em viver.

Todo poema tem um passado,
uma história a ser contada.

Versos há que chegam
tão de mansinho
como a luz da madrugada.
Recebem o orvalho da manhã;
deixam-se seduzir
pelo encanto do beija-flor.
Versos que parecem borboletas!

Os versos frágeis
é preciso proteger
com especial precaução
para que não se percam
no silêncio total.

Há uma poesia escondida
na memória lacrada,
a sete chaves fechada,
em dicotomia de coerência,
na mente e no coração,
na dúvida e na certeza,
no pesadelo e no sonho.

Nem todo poema
consegue contar
a sua história.

Há versos condenados
ao silêncio, impedidos
de cantar.
Sinos quebrados
lutando contra o silêncio.

Quando o poema consegue
sua história revelar,
o passado de seus versos,
faz outro poema cantar.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 15 de agosto de 2008.

A REBELDIA CONSCIENTE DOS VERSOS

Mandei calar,
o poema reagiu,
disse não!

Prendi os versos,
disse "não".
O poema gritou "sim".

Brigamos sem parar
até o sol chegar.
Anoiteceu sem acordo.

Tranquei as portas,
levantei os braços,
irritada.
A poesia reclamou,
indignada.

Gritou, esbravejou, vociferou,
à madrugada tudo denunciou.
Depois, exausta, chorou
um choro que comoveu
a alvorada,
pronta a ouvir confidências.

Tentei não ver,
fingi não ouvir,
soluços e lágrimas.
Tentei ficar insensível
ao clamor dos versos
aprisionados.

Eles recorreram
a instâncias superiores,
que também me ordenaram,
sem exceção, todas,
a libertar o poema
sem mais delongas.

Aí foi minha vez de chorar,
com voz embargada,
soluços altos,
lágrimas em cascata.

Pedi, supliquei,
com mil razões argumentei.
O poema não abdicou
de seus direitos.
Continuou insistindo
em realizar
sua missão profética.

Bati pé,
usei estratégia
com cenas de histeria.
A muitas artimanhas recorri,
mas não convenci
a poesia,
mais do que determinada
a abrir caminho,
deixar as grutas,
os desertos,
e se revelar.

A rebeldia
consciente dos versos

quebrou minha resistência.

Venceu a poesia,
carente de luz,
pedindo voz,
libertando o poema
antes ignorado
porque acorrentado,
impedido de ter vida,
asfixiado, sem respirar,
nem poder voar.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 17 de agosto de 2008.

CORAGEM DE MÃE

Se minha mãe não fosse
tão corajosa,
de coração determinado;
se não tivesse
me resgatado,
eu teria morrido
precocemente
em país estrangeiro,
afastada de todos
que me amavam.
Longe de mim,
bem distante,
irreconhecível
na existência que levava,
semelhante à morte,
muito longe mesmo,
de minha própria vida.

Igual a um número sem fim
de mulheres vitimadas
por uniões infelizes,
nas tragédias repetidas
no cotidiano dantesco
de seus lares.

Sobrevivendo,como eu,
aos anos de incerteza.
Dias de medo e de horror,
de violência diária,
disfarçada e cruel.
Anos de solidão,
dias sem sol
nem luar.
Dias sem luz,
anos ausentes de proteção.
Anos sem paz,
sem visão de esperança.

À coragem de minha mãe,
devo minha segunda vida.
Uma nova existência,
uma ressurreição em vida,
sem precisar morrer.
Uma vida a mim ofertada
pelo amor de minha mãe.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife-PE, 13 de dezembro de 1982.

CANÇÃO DO SONHO

— Eu quero!

— Não é para ti.

— Eu quero ter!

— Não é para ti. Não terás.

— Eu quero ganhar.
Porque é meu sonho
desde menina.

— Não tens, não terás,
não é para ti.
Que seja outro sonho...

— Eu quero.
Em meu coração
é para mim.
É meu sonho.

— Não tens, não terás.
Não é para ti.
Melhor esquecer.

Não tens, não terás.
Não é para ti.

— Eu quero meu sonho,
para ter hoje e amanhã
e depois...
eu o quero também
para esquecer o ontem,
com o brilho da lua,
a canção da fonte.

— Não tens, não terás,
não é para ti.
Sonhos, sonhos!
Mas não é verdade,
não os tens
em tuas mãos,
em tua casa.
Não é realidade,
é sonho.
Não o tens, não o terás.
Não é para ti, jamais.

— Mas o amanhã chega.
A canção do sonho
é hoje.

Não mais é ontem,
é hoje!
EU QUERO!
EU TENHO!

Theresa Catharina de Góes Campos
Montevidéu - Uruguai - fevereiro de 1964.

CANCIÓN DEL SUEÑO

— Yo lo quiero!

— No es para tí.

— Yo lo quiero tener.

— No es para tí. No lo tendrás.

— Yo lo quiero gañar.
Porque es mi sueño
desde niña.

— No lo tienes, no lo tendrás,
no es para tí.
Que sea otro sueño...

— Yo lo quiero.
En mi corazón
es para mí,
es mi sueño.

— No lo tienes, no lo tendrás.
No es para tí.
Mejor olvidar.
No lo tienes, no lo tendrás.
No es para tí.

— Yo lo quiero,
para llevar a mi corazón,
para tener hoy y mañana
y después...
yo lo quiero también,
para olvidar ayer
con el brillo de la luna,
la canción de la fuente.

— No lo tienes, no lo tendrás,
no es para tí.
Sueños, sueños!
Pero no es verdad,
no los tienes
en tu manos,

en tu casa.
No es realidad,
es sueño.
No lo tienes, no lo tendrás,
no es para tí, jamás.

— Pero mañana llega.
La canción del sueño
es hoy.
No es más ayer,
es hoy!
YO LO QUIERO!
YO LO TENGO!

Theresa Catharina de Góes Campos
Montevidéo- Uruguay, febrero de 1964.

HAICAIS PRIMAVERIS

Primaveras há
invisíveis aos olhos,
florindo no coração.

Imigrante na cidade,
a tipuana das florestas
mostrou versatilidade.

Esperando a primavera,
esquecemos o inverno,
sonhamos com flores.

Beija-flor viu sua amada,
não demorou a chegar,
para lhe dizer alô.

Cores perfumadas,
em desenhos originais,
retratam a primavera.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 29 de agosto de 2008.

TERRE DES HOMMES

À Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), aviateur, journaliste, héros... qui nous a écrit de beaux livres.

On va dire tout
aux étoiles d'Exupéry.
Mais il faut se taire
devant les hommes
perdus dans le désert
de leur orgueil.

On va courir
devant les fleurs,
mais pas si
on écoute les bruits
de la guerre.

Il faut beaucoup de courage,
beaucoup d'amour,
pour parler aux hommes.

Avec les fleurs
on peut parler d'amour.
En regardant les étoiles,
on peut causer
sur la tendresse
cachée au coeur pur
du Petit Prince.

On voit que,
sans retard,
le renard viendra.
N'oubliez pas les jardins,

la rose unique,
les fontaines au désert,
les champs du blé doré!

Theresa Catharina de Góes Campos
Paris-France, le 8 septembre 1960.

TERRA DOS HOMENS

A Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), aviador, jornalista, herói, que nos escreveu belos livros.

Tudo se vai dizer
às estrelas d'Exupéry.
Mas é preciso se calar
diante dos homens
perdidos no deserto
de seu orgulho.

Vamos correr
diante das flores,
embora não,
se ouvirmos os ruídos
da guerra.

É preciso muita coragem,
muito amor,
para se falar aos homens.

Com as flores,
podemos falar de amor.
Com as estrelas
podemos conversar
sobre a ternura

escondida no coração puro
do Pequeno Príncipe.

Sabemos que,
sem atraso,
a raposa virá.
Não esqueçamos os jardins,
a rosa única,
as fontes no deserto,
os campos de trigo dourado!

Theresa Catharina de Góes Campos
Paris-França, 8 de setembro de 1960.

O SENHOR RENOVA TODAS AS COISAS

Falsos amores
canções não cantam.
Amores fingidos
arte não criam.

Com todos os meus bens eles ficaram...
sem piedade ou vergonha,
de tudo que era meu tomaram posse.

Mas em corpo e alma eu me salvei.
Embora despojada de bens materiais,
resgatada eu fui.
A vida reconquistei,
minha liberdade retomei.

Pobre de bens materiais,
tudo construí de novo,
porque n’Ele tudo renovei...
acreditando nas promessas do Senhor,
com a fé revigorada n’Ele,
capaz de tudo reconstruir.
Porque Ele renova todas as coisas!

Despojada de todos os bens materiais,

perdi também os laços de afeto
que eu pensava ter
mas não existiam
nem confirmavam os laços de sangue.

Atingida por todos os lados,
com o amor me magoei.
Feridas que parecem eternas
continuam a pedir socorro.

Gemendo de silenciosas dores,
aprendi a lição que me faltava.
Amor que não existe,
afeição que não se tem,
não se pode perder.
Ganha-se a compreensão
do que não deve fazer falta
porque jamais existiu de verdade.
Amor ausente é alucinada ilusão,
uma sombra enganadora,
sem fonte de luz.

A presença maior
é o amor que se tem
com a fé renovada,
independente de bens materiais

e de falsos afetos.

A presença maior
do amor que se tem,
na convivência com a bondade,
que exercita o amor,
generoso e forte.

Assim, nada perdi:
despojada do nada,
do que não tinha valor algum,
do que não existia realmente,
graças a Deus tudo ganhei!

Theresa Catharina de Góes Campos

Brasília-DF - Dia de Ação de Graças - 25 de novembro de 1993

COLETÂNEA DE SONHOS

El sueño es para cambiar/usted y el mondo.

Coletânea de sonhos
para a tristeza anular
face às decepções da vida.
Porque é melhor aplicar
receita bem superior
à de fadas e bruxas,
personagens de lendas
antigas, repetidas,
cantadas por muitas gerações.

Coletânea de sonhos
junto ao peito carregar
não é miragem, é oásis!

Água e tâmaras,
abrigo de palmeiras,
tendas hospitaleiras:
coletânea de sonhos.

Nos livros, refúgio buscar;
na solidão interior,
cercada de convivência externa,

em coletânea de sonhos,
utopias cultivar.

Ter fé no sonho
da metamorfose prometida,
anunciada por sinos e fontes,
profetizada em versos,
forças vai nos dar
para o deserto atravessar,
mesmo com tempestades de areia.
Para os naufrágios da vida
corajosamente enfrentar.

Para sobreviver
aos naufrágios da vida,
uma coletânea de sonhos
se faz necessária.
Para que os náufragos sobrevivam
ainda mais fortes,
metamorfoseados
muito além dos mais belos sonhos.
Vidas celebradas,
cantadas por sinos e fontes.

Naufragar,
sofrer,

porém lutar ,
revigorados
por uma coletânea de sonhos.

Melhor não questionar
o porquê de tantas perguntas
e dúvidas
na coletânea de sonhos.
Seria como indagar
o porquê de tanta vida,
o porquê de tantos sonhos!

Theresa Catharina de Góes Campos
Santos-São Paulo, fevereiro de 1961

FALSA CONVIVÊNCIA

Isso é conviver?
na superfície?
Isso é conviver
ou usar máscaras?
Melhor falar, dialogar,
fazer confidências
ou silenciar?

Por neste momento temer
a resposta indesejada,
vou simplesmente viver
para um dia descobrir
o que hoje não sei...
e a temida resposta compreender.

Tal convivência apressada,
talvez até mentirosa,
sempre tão superficial
não me agrada
nem me satisfaz,
mesmo em seus disfarces.
Causa-me tanta dor!

O que fazer?
Viver
em busca das respostas.
Viver
para aprender
soluções que respondam
às dúvidas das respostas.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, março de 1994

VIDA-MORTE-VIDA

À querida amiga Luzinette Laporte de Carvalho, escritora e professora, luminosa e profunda, em sua espiritualidade e fé.

Vida-morte-vida
a correr e fluir
para chegar à vida-vida-vida.

Na flor, protegida está
a semente criadora.
Eis a vida seminal
a se perpetuar, vitoriosa,
disfarçada de transitória.

O fruto protege
a vida da semente
que recomeça, recria
numa visão de flores,
um miniuniverso
de cor e sabor
abrigados, protegidos.

Na vida seminal,
de aparência diminuta,

marca de toda semente,
a natureza se prepara:
veste-se e se desnuda
para os mistérios
simples,arrebatadores,
do florescer,frutificar.

Vida-morte-vida,
morte também seminal.
Vida-morte-vida
espelhando a vida do amor,
o enigma em tudo se revela.

Parece quase nada
uma semente.
Parece tão pouco,
é quase tudo
o poder da semente.
O sonho da flor,
o sonho do fruto,
os sonhos do amor.

A vida sonhada
que se concretiza.
A vida fragilizada
que se realiza

em tudo revigorada.

Vida semente
amadurecendo
em meio a pragas,
tempestades,furacões,
negligências e omissões.
Vida seminal, vencedora,
mesmo na morte
seguindo o seu caminho
de vida-morte-vida.

Vida que a violência viola,
impondo a morte aparente.
Vida que se impõe,
porque capaz de vencer.
Vida ameaçada a todo instante
que precisamos proteger.

Parece tão frágil,
pequena, diminuta.
Não é superficial
nem transitória.
Parece quase nada...
Na verdade, é tudo.

Porque nada supera
a vida seminal,
criativa e criadora,
original e plena
em seu potencial.

Nos gestos de amor,
vida seminal
em que Deus se revela
a nós, seus filhos:
permanência e potencial.
Nós, seus filhos sonhados,
escolhidos, planejados.

Nós, caminhos e portos,
rios, grutas e lagos,
montanhas e planícies,
até precipícios...
Nós, vidas seminais,
seres originais,
únicos e criadores;
nós, criaturas
desorientadas
ou pela fé guiadas,
sendo jardins e desertos
nesta vida seminal.

Todos nós, sementes,
flores e frutos divinos.
Nós, salvadores e náufragos
nas rotinas de convivência.
Ou na urgência
dos encontros inesperados.

Parece tão pouco,
se olharmos apenas
as aparências,
que tudo escondem.
Mas temos fontes e rios
de água e sangue fluindo,
palpitando, pulsando,
correndo em nossos corpos.
Seria pouco...
é tudo VIDA!

Theresa Catharina de Góes Campos
Garanhuns- Pernambuco, julho de 1962.

DIÁRIO DE BORDO

À minha avó materna, Júlia Laura de Oliva Góes - In memoriam

Cruzeiro marítimo
presente dela,
tenho Vovozinha por companhia.
Sou a neta mais velha,
menos jovem de tão séria,
talvez bem comportada demais.

Na viagem de navio,
nos passeios animados,
pareço mãe e avó...
Ela, viúva há anos,
é pura animação.
Dança , ri, faz compras,
canta, conversa toda feliz.
Uma ótima companhia!

Seu objetivo e sonho:
que a neta encontre
o primeiro namorado...
Vovozinha só fica triste
quando vê que eu afirmo
tudo apreciar
sem parar de escrever,
sem namorado arranjar.

Minha avó não perde tempo.
A muitos encanta
com a sua juventude especial,
a beleza amadurecida,
o entusiasmo pela vida.

Para ela, os candidatos
aparecem todos os dias!

Eu escrevo sem parar,
como se tivesse pressa
de memórias a relatar.
E Vovozinha não sai da pista,
não pára de dançar!

Sou neta, mãe e avó,
neste cruzeiro afetivo,
de tantas recordações,
que a memória há de guardar
e o coração festejar,
relembrando...
Ainda que um dia,
a minha Vovozinha
pare de dançar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Punta del Este - Uruguai, fevereiro de 1963

MAR DE PRATA

Sendo o mar, de prata,
meu coração, de ouro,
o sol trouxe esmeraldas
que nas águas cintilaram.

Sendo o mar, de prata,
meu coração, de ouro,
a noite chegou,
fazendo as águas brilharem,
com um manto de rainha
em diamantes bordado.

A chuva também veio,
respingando em tons de cinza,
cravejada de ametistas.

O rosto do relâmpago
mostrou-se com fulgor
gritando em voz poderosa,
deixando cair topázios.

Embora contemplando
o mar de prata,
a ninguém ofereci -
na verdade, ninguém viu,
ninguém ouviu -
meu coração,
que me parece de ouro.

Theresa Catharina de Góes Campos
Mar del Plata - Argentina, fevereiro de 1963

A VITÓRIA DAS LÁGRIMAS

Do sofrimento, das lágrimas
vertidas pela ostra,
nascem as pérolas.

A princípio, não são belas,
apenas corpos estranhos
que a ostra, invadida e ferida,
não conseguiu
de seu íntimo expulsar.

Sozinha, mesmo capaz,
a ostra não faz a pérola.
Sem esforço, sem resistência,
não surge a pérola.

Alguém poderia chamar
esse processo criativo
de tentativa frustrada,
insucesso, derrota...
mas todas as pérolas,
nascidas de lágrimas da ostra,
são belas vitórias!

Theresa Catharina de Góes Campos
Macaé - Rio de Janeiro, julho de 1963

NUANÇAS

A arte tem nuanças
e, como a natureza,
também de nuanças
a vida é tecida.

São cores, matizes,
tonalidades,contrastes.
Nuanças têm reflexos e luzes
com espessura,intensidade diversas.

Nuanças são como os sinos
com seus diferentes sons.
Como instrumentos musicais
criando vozes em harmonia
e rotineira dissonância.

Nuanças brilham
como estrelas
de tamanho e luz
bem diferentes!
Em isolamento ou constelações,
reluzem distantes
ou mais próximas de nossos olhos
nem sempre atentos
às nossas amigas em traje de gala.

Nuanças embelezam
os canteiros dos jardins,
os campos de trigo,
as profundezas do mar,
o teclado dos pianos.

Nuanças fazem o amor nascer
porque vestem a pessoa amada,
de sons,cores,tons e matizes
esplendorosos, resplandescentes.
Nuanças não encontradas nos outros,
que aparentam não oferecer
nuanças tão especiais.

A procurar nuanças e matizes
lá vou eu seguindo,
sonhando, ansiosa,
pela vida prosseguindo
a sonhar com fé
na diversidade
a meus sentidos oferecida
para ser apreciada,
para nuanças encontrar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Araruama - Rio de Janeiro, julho de 1963

RECONHECIDA PELO SORRISO

— "Reconheci você pelo sorriso..."
Ouvindo essas palavras,
chorei por dentro, em silêncio...
talvez um pouco de alegria,
por saber que algo em mim
ainda era reconhecível,
sem ter sido levado,
com os meus cabelos perdidos,
pelo câncer recidivo,
insistente em seus ataques
à minha tão humana fragilidade.

Depois, chorei bastante
na intimidade.
Não apenas uma vez,
mas todas as vezes
em que eu recordava,
sem deixar de refletir
sobre a permanência
de meu sorriso,
intacto apesar das lágrimas,
voltava eu a chorar.

Meu sorriso sobreviveu
às sessões de quimioterapia.
Ajudou a preservar
meu corpo ferido,
a alma ansiosa,
a respiração ofegante,
os olhos marejados noite e dia.

Na pele do rosto

onde o câncer e a quimioterapia
deixaram alguns sinais e
coloração de aspecto doentio,
o sorriso ainda se reconhecia.

Sorriso campeão,
não sendo eu heroína.
Sorriso vencedor,
apesar de minhas derrotas,
visíveis e tão conhecidas,
até na surdina propaladas.

O segredo do meu sorriso
talvez seja este:
não sendo eu atleta,
cultivo uma atitude campeã
fortalecida nas lágrimas.
Meu sorriso tem vivência,
por isso segue vencendo
montanhas e precipícios.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 13 de junho de 2002.

AS LÁGRIMAS DE NEVE SOBRE OS PINHEIROS

As lágrimas dos pinheiros
à margem do lago
coberto com um tapete
todo branco.

As vozes do vento e da água
partilham alguns segredos.
As lágrimas dos pinheiros:
a neve a chorar a noite inteira
sobre os pinheiros.
Onde estão as pessoas
plenas de amor a partilhar?

Mas quando o inverno é vencido
pelas flores,
as lágrimas deixam o rosto,
o peito dos pinheiros
com verde brilhante.

As vozes do lago e do vento
ainda estão lá.

— Tudo bem?
— Não, isso não vai bem!

— Vamos?
— Não, não vamos!

— Quem está ali?
— Quem chegou?
— Alguém está chorando.
— Não se chora de amor.
O amor se canta!

— Vamos sorrir, cantar e dançar
por causa do amor
que chegou à margem do lago
com o vento e o sol.
Canções de amor
que não se esquece jamais.

É preciso deixar
as lágrimas para o inverno
e a neve, para os pinheiros.
É preciso cantar
muito antes do inverno.
Porque os pinheiros em lágrimas
tremem de amor durante todo o inverno.

Até a primavera é preciso
a chegada das flores aguardar.

Para as lágrimas enxugar.
As lágrimas dos pinheiros
cobertos de neve à margem do lago.
As lágrimas dos pinheiros
têm uma voz poderosa
para segredos do amor confessar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Lac Léman, Genebra-Suíça, 1960.

LES LARMES DE NEIGE SUR LES SAPINS

Les larmes des sapins
au bord du lac
couvert avec un tapis
tout blanc.

Les voix du vent et de l'eau
partagent quelques secrets.
Les larmes des sapins:
la neige à pleurer toute la nuit
sur les sapins.
Où sont les êtres
avec plein d'amour pour partager?

Mais quand l'hiver est vaincu

par les fleurs,
les larmes laissent le visage,
la poitrine des sapins
en vert brilhant.

Les voix du lac et du vent
sont là encore.

— Ça va?
— Ça ne va pas!
— On va?
— On ne va pas!

— Qui est là?
— Qui est arrivé?
— On pleure!
— On ne pleure pas d'amour.
On chante l'amour!

— On va sourir, chanter et danser
à cause de l'amour
venu au bord du lac
avec le vent et le soleil.
Chansons d'amour
qu'on n'oublie jamais.

Il faut laisser
les larmes pour l'hiver
et la neige, pour les sapins.
Il faut chanter
bien avant l'hiver.
Parce que les sapins en larmes
tremblent d'amour tout l'hiver.

Jusqu'au printemps il faut
attendre les fleurs.
Pour effacer des larmes.
Les larmes des sapins
couverts de neige au bord du lac.
Les larmes des sapins
ont une voix puissante
pour avouer les secrets d'amour.

Theresa Catharina de Góes Campos
Lac Léman, Génève - Suisse, 1960.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Ao sertanista Orlando Villas Bôas*

Aproximar-se... ou se afastar
por respeito e amor?
No espaço do tempo avançar
para o encontro das semelhanças...
ou se distanciar,
cientes de tantos contrastes,
em nome das diferenças?

Olhar bem nos olhos
seria permitido
ou ofensivo?

Em sua nudez, vestidos.
Frágeis ante os semelhantes
estranhos, desconhecidos.
Frágeis mas conscientes
do que são.

Semelhanças e diferenças
teriam um ponto de encontro?

Caminhávamos para a união

ou para espaços separados
onde o diferente se festejaria
no sonho das semelhanças
universais, originais,
inegáveis e visíveis
apesar dos disfarces culturais?

Orgulho de ser um,
único e diferente.
Orgulho de ser dois e mil
nas muitas semelhanças.

Dilema permanente:
crescer nas diferenças
ou nas semelhanças?

Em tudo diferentes,
em tudo a nós semelhantes!

Diante da natureza,
são amálgama, crosta e cerne.
Semente, folha e fruto.

"Eis que sou um!
Eis que sou todos!"
Em mil canções celebrada,

em muitos acordes e tons,
somos vida
a ser protegida,
a ser respeitada,
em todos os ritmos cantada.

E nós? Estudamos ainda...
como lhes ser semelhantes
embora tão diferentes
em nossas perturbadoras
semelhanças.

Tão diferentes somos
em nossas semelhanças
que pretendemos preservar.
Para continuarmos diferentes,
enquanto únicos, autênticos,
sempre muito semelhantes.

Theresa Catharina de Góes Campos
Parque Nacional do Xingu - Estado do Mato Grosso, julho de 1966.
(Desde 1967, Parque Indígena do Xingu)

*Orlando Villas Bôas (12/1/1914 - 12/12/2002), sertanista e defensor dos povos indígenas, me recebeu gentilmente por alguns dias no Parque, em tudo colaborando para o êxito de minhas atividades e

missões como Assessora de Imprensa da Fundação Brasil Central. Quando ele precisava ir a Brasília, aceitava meu oferecimento e trabalhava na minha sala. Ao sair, costumava deixar um bilhete manuscrito de agradecimentos, usando um tom brincalhão, que eu encontrava no dia seguinte e me fazia sorrir.

Cuidadoso na proteção dos índios que viviam no Parque do Xingu, não era a todos os solicitantes que ele autorizava a entrada e permanência. Ressaltei a sua deferência para conosco, antes de levar meus alunos de Comunicação da Universidade de Brasília. Recomendei aos estudantes, inúmeras vezes, que por favor tivessem no Parque um comportamento exemplar, respeitando a natureza e os indígenas. Confesso, porém, que estive sempre com "o coração na mão", o tempo todo de nossa visita, ansiosa e preocupada durante aquela experiência inusitada, inesquecível, pela qual eu era responsável. Tudo correu bem, graças a Deus. E a Orlando Villas Bôas.

Theresa Catharina

Brasília-DF, 13 de dezembro de 2002.

PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

De tanto perguntar,
sem respostas obter,
aprendeu ao silêncio amar.

De tanto caminhar
sem chegar,
decidiu valorizar
todos os passos.

De tanto sonhar,
perdeu-se no sono,
acordou perturbada,
sonhando com a vida.

De tanto rezar,
sentiu Deus a seu lado
indicando seu Anjo da Guarda.

Saiu sem voltar,
chegou sem partir,
desapareceu outra vez
no silêncios dos sonhos
incompreendidos, enigmáticos,
sempre renovados.

Cantou versos,
escreveu canções.
Foi tocar os sinos,
badalar e celebrar
o passar das horas.

Na fonte dos sonhos,
nos sons e timbres dos sinos;
no canto das aves,
no sonho da semente,
reencontrou os sonhos
esquecidos, perdidos
nos corredores do tempo.

A roldana puxou a água
cantando os versos da fonte.
Sem responder às perguntas,
sem deixar de perguntar,
o silêncio já procurado,
e nos enigmas amado,
emudeceu nas dúvidas.
Apenas por um tempo,
desistiu de questionar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Cascais - Portugal, 1960.

SER E CONVIVER, APESAR DAS REJEIÇÕES

Rejeição que a pele corta,
registra e recorda,
também atingindo o âmago invisível,
o corpo exposto
até a ponta dos pés.
Esse devastador furacão,
a rejeição.

Rejeição repetida,
renovada,reativada,
a refletir uso e abuso,
a revelar outras rejeições,
multiplicadas, sucessivas.

Rejeição íntima,
violência emocional,
às antigas rejeições adicionada.
Não é preconceito, é calúnia.
Rejeições visíveis, explícitas,
humilhantes, cruéis.
Maléficas, mesmo implícitas,
a ferir, magoar mais e mais,
porque gratuitas, agressivas
sem razão, sem motivo aparente,

sem provocação nem racionalidade.

Rejeições contínuas, covardes
porque atingem a vítima
já fragilizada, enfraquecida,
sem poder de reação.
Rejeições em grupo,
maltratando de maneira vil
quem está só,
sem defesa.

Rejeições que provocam
outras rejeições individuais,
mas seminais,
corriqueiras,
como se nada fossem...
e ninguém as visse...
num processo de cegueira
irresponsável, voluntária.

Rejeições mascaradas,
em duplo sentido disfarçadas,
na astúcia escondidas,
hábeis na ambigüidade,
para evitar identificação
da falta de humanidade.

Rejeições que calam,
emudecem o íntimo,
a voz da vítima silenciam.
Rejeições impunes,
ainda que abusivas.
Rejeições que são recusas
à solidariedade.

Rejeições que magoam,
rejeições praticadas
como gestos habituais,
comportamentos adquiridos
de insensibilidade,
do dia à noite, sem interrupções,
enquanto durar a vida
de quem sofreu a rejeição.

Inesperadas rejeições,
um turbilhão interior
a causar desilusões,
a quebrar quem já se encontrava
alquebrada e ferida.

Rejeições
que não se consegue

da memória apagar
nem do coração extirpar.
Porque os anos, as décadas
só fazem reavivar
as calúnias repetidas
com tanta covardia.

Rejeição:negligência,
omissão nas relações,
ausência de generosidade.
Explosão de dores,
origem da lágrima,
do poema inspiração.

SER E VIVER, APESAR DAS REJEIÇÕES,
ainda que sejam afastamentos dolorosos,
separações inexplicáveis.
SER E VIVER, com o que temos,
para quem somos mostrar,
ou mesmo esconder.

Ir à fonte buscar
o alento que faltar.
Receber com gratidão
a água trazida pela roldana
como alimento de vida.

Ouvir a música que a roldana canta
trazendo devagar o presente da água,
seu estribilho, sussurros em meio ao deserto
de carências e dificuldades naturais
à sobrevivência.
Eis o essencial, reconheçamos,
que nos deve bastar,
suficiente para viver,
porque de nada mais precisamos
para ser e conviver.
Se conseguimos à fonte chegar,
a roldana movimentar,
bastará ter paciência,
continuar na persistência
de SER, dia a dia,
o que pretendemos SER.

Pode também ajudar
ir à praia procurar
as dádivas que são as conchas
que trazem sussurros do mar.
Não são ruídos, são preces,
que não precisam ser entendidas.
Basta que sejam ouvidas.

Relembre a música da roldana,

puxando a água com humildade,
cantando a mesma canção,
cumprindo a sua missão.
Pense no som que o mar
lhe oferece nas ondas
e balbucia nas conchas.
Sinta-se forte, fortalecido,
capaz de tudo, agora pronto...
Amadurecido, um renovado você,
consciente de sua condição humana,
vivendo sua dignidade como pessoa,
disposto a SER e CONVIVER.

Theresa Catharina de Góes Campos

HAICAIS DO VERÃO

Um verso para o verão
vai competir com o calor,
vai perfumar o suor.

O sol não pára
de beijar a areia da praia
com ardor incomparável.

Traga água de coco
para refrescar o verão
que não cansa de dar sede.

Vou passear de jangada,
vou deixar longe o calor,
trazer peixe ao entardecer.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 2 de outubro de 2008.

SAUDADE VAI DE CORREIO

Uma espada afiada
que fere o coração.
Uma dor pungente
de uma grande paixão.

Uma carta que leva
a intensa saudade
de alguém que partiu
levando consigo, a felicidade.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife-Pernambuco, 24 de outubro de 1960.

NA PRESSA, SE ESQUECE A VIDA

(ADVERTÊNCIA: Quem tiver pressa e gostar de celular, favor não ler! Não diga que eu não avisei...porque não pretendo pedir desculpas por minha sinceridade e convicção.)

A única pressa
que aceito:
a pressa para salvar vidas!

A pressa desnecessária
é uma forma de rejeição,
agressividade e violência,
um verdadeiro insulto.
Por isso a pressa me magoa
profundamente...porque
rejeita a convivência,
a partilha com os outros.

Tenho pressa somente,
muita pressa, mesmo,
para fugir dos apressados.

De carro e celulares,
sempre muito apressados,
sem tempo para nada,

enganando a si mesmos
na correria sem fim,
esgotam seu tempo
falando aos telefones,
porém mal conseguem
conversar, comunicar-se
de fato, com qualidade.

Têm pressa, muita pressa...
foi pena terem me visto,
esbarrado na minha pessoa,
pois mal podem me falar
umas poucas palavras
de cortesia ou informação.
A rapidez com que de mim
se aproximam e se afastam
até me faz sofrer...
Não parece encontro,
nem reencontro social,
apenas em mim esbarraram
e me reconheceram.

Onde há pressa,
há estresse,
muita ansiedade.
Por que tanta pressa?

Parece agonia
encurtando nossos dias!

A pressa que afugenta
a filosofia do cotidiano,
tão necessária,
ao contrário da maldita pressa,
impede nascer a arte,
a poesia escorraça...

A velocidade dos apressados
minha calma atropelam,
em mim esbarram.
Em cima da hora
ou repetidamente atrasados,
por isso correm, correm,
aos celulares agarrados.
As pessoas, deixam de lado;
os celulares, jamais.

Os sons dos celulares
intrometidos, abusados,
que, descorteses,
não pedem licença...
são desorganizados,
indiscretos ao máximo,

invasores de todos os espaços.

Quem posa de importante,
a mim não convence
de celular ligado.
Ora, se tão ilustres fossem,
teriam deixado uma secretária,
um assessor para atender,
em nome deles resolver.
Ora, autoridades e profissionais,
eficientes precisam ser,
na organização de compromissos
e horários tão inadiáveis.
Auxiliares não devem ser dependentes
de instruções na última hora.
Programação se faz com antecedência,
não precisariam depender
de telefonemas repetitivos.

Ruidosamente, os celulares
anunciam os apressados.
Sem o mínimo de respeito,
a comunicação silenciam,
os sons da vida apagam.

Quando esquecem os celulares,

voltam , coitados, seus donos,
de coração palpitando.
Por que os deixaram?
Foi a tragédia da pressa.
Imagine, seus celulares
largaram...como puderam?

Não consegui ouvir,
nem compreender,
o que me disse alguém,
sem largar, ouvindo seu celular,
já bem longe de meus ouvidos,
bem distante de mim.
Não vou saber mesmo
o que tentou me dizer,
a não ser que eu decidisse,
estar do outro lado da linha,
mais prestigiada que a convivência
pessoal, intransferível.

Temo que um dia
eu me veja a rezar:
"Livrai-me, Senhor,
dos apressados e seus celulares.
Escondei-me dos que não querem
me ver, nem escutar,

tão ocupados estão,
com seus celulares e
tantos compromissos
inadiáveis, mais agradáveis
que a minha simples pessoa."

Reconheço que os celulares
lhes permitem falar
com inúmeras pessoas
distantes e mais importantes.
Com as mais próximas,
entretanto, não conversam,
ignoram, silenciam.
Ainda que seja preciso
os bons modos esquecerem,
seus celulares não guardam.

De sua vida
detalhes contam,
nos elevadores, corredores,
nas salas de espera repletas,
nos banheiros públicos,
nas ruas agitadas,
até dirigindo seus carros,
muitas vidas arriscam...
Mas o celular não silenciam!

A pressa dos sem tempo
todo dia presenciar,
mesmo a contragosto,
é um grande pesadelo
para mim, angustiada
por ouvir sem cessar
os celulares chamando,
mais que as pessoas falando.

Uma das tragédias
de nossa sociedade tecnológica,
avançada materialmente,
quase retardada espiritualmente,
é termos pressa, muita pressa,
para o que não merece
nem justifica um só minuto
de nossa enlouquecida pressa.

Têm a posse dos celulares,
mas a posse da paz perderam.
Igualmente não sabem
que sem luta entregaram,
seu direito à liberdade,
à tão valiosa privacidade,
à individualidade

de seus passos,
hoje rigorosamente acompanhados,
identificados, denunciados...
Uma pergunta ouvem,
a todo momento respondem:
— "Onde você está?
O que está fazendo agora?"
Os adultos, se independentes fossem,
responsáveis por seus atos,
a tal questionamento precisariam
a todo momento dar uma resposta?

A pressa é destrutiva.
Não é presteza.
Não salva. Não constrói
nem restaura o que precisa
e pode ser regenerado,
aperfeiçoado.
A pressa gera
desentendimentos,
conflitos, incompreensões,
muitos ruídos na comunicação.

Talvez um dia,
que espero nunca chegue,
eu precise informar

aos inúmeros apressados,
que nem precisam
de mim se aproximar,
balbuciando frases incompletas,
sem conseguir disfarçar
a sua pressa.
Posso de bom grado aceitar,
seus cumprimentos de longe.
Compreendi, afinal,
capacidade não ter,
para falar com os apressados.

Não aprendi, não sei,
pela metade conversar,
sem as frases terminar,
sem os pensamentos concluir.
Como posso saber
o que não têm tempo
para dizer, explicar?

Os apressados, em sua rotina,
pelo caminho me deixam,
feliz, cada instante aproveitando,
com meus sonhos conversando,
meus sentimentos embalando,
bem tranqüila escutando,

o que diz meu Anjo da Guarda,
que jamais tem pressa...

Não sei fazer
refeições com pressa
porque apressada não sei comer.
Também não consigo, com pressa,
qualquer coisa aprender.
Nada vejo nem escuto
se apressada estiver.
Com pressa, só tenho medo.
Com pressa, não sei completar,
não consigo admirar
nem incentivar.
Com pressa não sinto
estar vivendo.

A pressa me tolda
os olhos abertos.
Se pressa eu tivesse,
com certeza esqueceria
os maravilhosos amigos.
Apressada eu magoaria
aqueles que tanto amo.
Concluo, portanto, que a pressa
não é fada, nem coisa boa!

Pressa é bruxa malvada,
não é magia nem lirismo.
De poesia despojada,
a pressa conduz ao caos,
a conflitos desnecessários
(tão desnecessários quanto a pressa
não motivada para salvar vidas),
aos precipícios da desesperança.

Pressa não civilizada,
desumana...Como se
tempo não houvesse
para o que deve ser feito
amorosamente,
sem pressa.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 09 de outubro de 2008.

Escravidão voluntária - Telefones celulares - abuso!

Publicado também no www.jornalada.com

No campo e na cidade, dentro e fora dos edifícios e veículos, uma praga se alastra como epidemia sem vacina, simulando progresso e liberdade. Telefones celulares e bips interrompem conversas, invadem o espaço sonoro; perturbam os momentos de oração e lazer, as salas de aulas, as bibliotecas, as igrejas, os cinemas e teatros. Um horror!

As pessoas não parecem entender que, ao invés de demonstrarem evolução, poder, eficiência e posse, estão revelando incompetência no uso de seu precioso tempo. Afinal, deixam-se envolver em compromissos supostamente inadiáveis, abdicam de seus momentos de privacidade, esquecem as mais elementares regras de etiqueta, mostram-se descorteses, egoístas ao extremo.

Falta de educação, organização, planejamento...salta aos olhos dos que, incomodados e/ou boquiabertos, resistem a esse tipo de escravidão voluntária, sentem-se mal e aguardam que, num instante de reflexão, os viciados no uso ininterrupto de bips e telefones celulares venham a compreender que se deixaram dominar por um vírus barulhento e visível.

Afinal, não se trata mais de prova de status...aparelhos reais ou de brincadeira surgem nas mãos de todos... como armas quase tão perigosas como os revólveres de brinquedo. Olhando-se à volta,

vemos que apenas os bichos ainda não dispõem de celular. E por isso são mais saudáveis do que nós!

Tenhamos a coragem de resistir, colocando limites aos exageros e abusos, dizendo "não" a esta nova forma de escravidão voluntária. Conscientes da liberdade que precisamos conquistar a cada dia, reconhecendo os direitos e a dignidade do próximo, aprendamos - e tenhamos orgulho de mostrar que sabemos exercer tal domínio - a manter nossos bips e celulares, apesar de ativos, agradavelmente invisíveis e calados, aguardando que a nossa inteligência determine quando, com urgência, precisamos utilizá-los!

Theresa Catharina de Góes Campos

Fonte: Boletim informativo do Cineclube dos Educadores

Data: 18/2/2000

MINUTO DE PAZ

A meus adorados Pais, com todo o amor de filha

Há algo nesta praia,
neste mar, nestas ondas,
nesta praia...

Voz que fala ao meu coração,
me tranqüiliza,
me faz achar a vida bela,
me faz ver beleza neste mundo triste,
me faz ficar em paz...

Por isso, não me interessa
saber que as ondas trazem conchas,
não me importa o movimento das águas,
a maré que está secando,
a areia que parece aumentar...

Agora, neste momento,
o meu mundo, a minha vida,
estão resumidos
neste canto de areia
em que estou sentada.
De tudo que me rodeia,
percebo apenas
a profunda paz que sinto
e me faz feliz...

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife-Pernambuco, 24 de outubro de 1960

POESIA MATUTINA

Para os meus adorados Pais, esta minha "sujeirinha poética", com um beijo carinhoso da filha Therezita.

Era manhã...
O raio de sol entrou
E o rostinho do bebê iluminou.

Depois, quando ele
as mãozinhas levantou
e os olhos pequeninos esfregou,
para o rabinho de um gato manhoso
o raio de sol pulou...

Todo o quarto percorreu,
em tudo que viu pousou,
em todo buraco penetrou,
a casa todinha percorreu.

Ágil e brincalhão foi visitar
a sala de estudo
da irmãzinha do bebê.
Os lápis de cor fez brilharem,
dourou os livros e cadernos,
brincou nos seus louros cabelos,
entrou no tinteiro aberto,
os óculos da garota experimentou,
a ouro o patinho de madeira folheou.

Ali estava tão divertido...
se não fosse a curiosidade
que o raio de sol agitava,
eternamente ali queria ficar.

Saiu, porém...
a cozinheira espiou
temperando a carne.
Foi ver se a babá
já se preparava
para cuidar do bebê.

Mas, ao vislumbrar o jardim,
o raio de sol voou
e na corola de uma flor se debruçou...

Com muito esforço,
penetrando nos ramos da árvore,
subiu a um ninho de sabiá
para nele descansar.
Depois, nas águas do lago roçou.
Aos trabalhadores sede levou
e fez a terra ficar queimando,
ao calor do meio-dia.

Será que alguém, todas
essas façanhas contemplou?
Essas aventuras matutinas,
simplesmente luminosas?
Esses caminhos rotineiros,
peregrinações extraordinárias?

Na paz de uma clareira,
o raio de sol adormeceu.
Por instantes deixou de ser travesso,
de ser moleque fatigado,
de ser malandro curioso,
de ser terno também.

E muito, muito depois,
bem acima do cume
das verdes montanhas,
muito além da terra diminuta,
no seio das nuvens,
sem nada falar,
sem nada mais fazer,
sem gritar nem chorar,
o raio de sol morreu...

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - Pernambuco, 24 de outubro de 1960.

POR QUE EXISTEM ROSAS

Para a minha adorada Mamãe, com todo o amor de sua filha. Salve o Dia das Mães!
Therezita

(Valéria era bonita,
era elegante,
era admirada por todos;
recebia sempre rosas,
mas não deixava de ser
egoísta,
indiferente,
leviana.

Valéria era bonita,
era elegante.
Só não era ternura,
só não era amor,
só não era rosa.)

Deus colocou no mundo as rosas
para tornar menos árida a terra,
para alegrar a nossa vida
e tudo o que ela encerra.

As rosas brotam
porque precisam perfumar.

Deus também colocou no mundo as rosas
para que fossem ofertadas
pelos homens, uns aos outros;
para que embelezassem um lar,
para que tornassem singelo

um trecho qualquer de caminho.

As rosas florescem
porque sua missão é alegrar.

As rosas são belas,
as rosas são puras,
as rosas são presentes de Deus
à humanidade pecadora.

As rosas existem
porque purificam a terra.

Só a rosa murcha,
só a rosa morta,
só a rosa que já deu tudo,
não tem perfume.

A senhora é rosa, Mamãe,
porque perfuma a nossa vida,
porque alegra a nossa casa,
porque purifica a nossa alma.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife-Pernambuco, 14 de maio de 1961.

Obs. Original manuscrito, do qual eu não tinha cópias, reencontrado por minha irmã entre os pertences de nossa Mãe, em outubro de 2008, quatro meses após a sua morte. Poema que Mamãe guardou, mesmo tendo mudado de residência (em diferentes cidades, estados e até país!).

Theresa Catharina

LÁ NO FUNDO, BEM NO FUNDO, NINGUÉM VÊ...

Alegrias e dores,
existem dentro de mim.
Um sofrimento sem fim.

Lá no fundo, bem no fundo
de meu peito,
fustigando o coração,
ficam a tristeza, as dores,
a saudade que não sai...
Uma saudade imensa
daqueles que se foram
apesar de amados por mim.

O amor e a dor se aninharam
tão fundo, no mais fundo
de meu ser entristecido.
Parecem adormecidos
para sempre...

Não é verdade:
de minha vida são companheiros,
este amor, esta saudade,
na dimensão gigantescos,
no sofrimento imensos,
que me causam noite e dia.

Não estão adormecidos!
Nem de mim distantes!
Ininterruptamente latejam,
pulsam e sangram,
como se quisessem explodir
para na superfície surgirem,

à flor da pele, no marejar dos olhos,
e visíveis se tornarem.

Mas eu empurro
lá pro fundo, bem no fundo,
no mais fundo
de meu ser tão dolorido.
Porque ninguém vê,
ninguém percebe
esta saudade tão doída,
dos que não posso mais conquistar,
agradar, acarinhar,
com diligência amar.

Para onde foi a minha dor?

Lá no fundo, bem no fundo,
no mais fundo de meu ser,
as dores expostas, sem curativo,
as dores mais profundas
que choram sem parar.
Incapazes de falar,
sem forças para gritar,
agora já fazem parte de mim.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 12 de outubro de 2008.

O QUE ESCREVEMOS NÃO MORRE

Dedicatórias eternas,
em textos encontrados vivos,
sempre vivos, disponíveis,
cumprindo a sua missão,
dizendo a sua mensagem,
embora a morte já tenha levado
tantas pessoas queridas!

Essas palavras escritas ficaram,
não foram enterradas,
nem cremadas se findaram.
Décadas se passaram
sem que as páginas escritas,
vítimas do esquecimento fossem,
nem pelo furor da morte destruídas.

Quando encontramos
o que nós dedicamos
às pessoas que amamos,
os momentos especiais são revividos.

Porque a morte furiosa
não sabe, nem pode destruir
o que escrevemos com tanto amor!

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 12 de outubro de 2008.

A VIDA E O TEMPO NAS FOTOS

O tempo passa,
deixa o passado esquecido,
o hoje despercebido.

Quando o futuro vier,
serão nas fotos antigas
(a cada dia mais valiosas!),
nas imagens relembradas,
que voltaremos ao tempo,
à vida daquele tempo,
que não mais podem voltar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 12 de outubro de 2008.

HAICAIS PARA A NATUREZA

Árvore ornamental,
a cássia transforma paisagens
em exibição natural.

Estiagem dramática,
ameaçando a sobrevivência
de pessoas corajosas.

A minhoca é pequenina,
mas de tanta utilidade
para os pescadores !

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo-SP, 24 de novembro de 2008.

NEM SEMPRE O CORAÇÃO CONSEGUE MEU CORPO CARREGAR

Os meus limites, como pessoa,
estão delineados, eu sei.
Até que ponto eu consigo ir,
embora em silêncio, eu bem sei.
Não sei sobre isso me expressar
ou em detalhes a outros explicar.
Dolorosamente, no meu íntimo eu sei.
Identifico com bastante clareza
o que não posso suportar.

Minha fragilidade eu conheço,
em suas minúcias e nuanças,
que somente Deus tão bem conhece.
Porque Ele assim me fez,
tão incapaz diante do inexorável.
Das minhas fraquezas já sei.
Calo-me, porém já sei,
o que não posso fazer
porque me faltam forças
físicas e mentais.

Nem sempre meu coração,
o que eu tenho de melhor,

com tanta capacidade,
pleno de sentimentos vigorosos,
nem sempre este meu coração
consegue em seus invisíveis braços
o meu corpo frágil carregar.

Confesso, envergonhada:
não é para tudo que eu consigo
este meu corpo levar...
Fico imóvel, incapaz, congelada,
sem conseguir caminhar,
sem que possa reagir,
porque meu coração não agüenta
tudo o que a vida nos dá
para sofrer, enfrentar.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 14 de junho de 2008
(data do falecimento de minha Mãe).

SUBIU NO CAJUEIRO PARA LER E SONHAR

No quintal de sua casa,
subiu no cajueiro amigo
para ler e sonhar.

Brincou de amarelinha,
cantigas de roda cantou,
com as amigas solidárias;
pulou corda, jogou dominó
(porque xadrez não sabia),
jogou até paciência,
depois cansou e, fatigada,
foi dormir...
Porque o amor não veio.

No dia seguinte, tudo recomeçou...
Brincou com suas bonecas,
jogou dominó, pulou corda,
cantigas de roda cantou.
No cajueiro, carregadinho de frutos,
subiu para ler e sonhar,
de livro na mão, mil sonhos na cabeça.

De nada adiantou
tanta preparação,
com animada programação.
O amor não veio,
nem sendo chamado
com tanta fé e ternura.
A realidade precisou enfrentar:
o amor não chegou.

Os anos se passaram...

Mudou de interesses, mudou de idade,
mudou de sonhos também.
Nem assim, com maturidade,
o amor apareceu.

Mudou de endereço,
teve a vida transformada.
Mesmo assim não desistiu
do seu sonho acolher,
visível, concretizado.
Nunca achou impossível
ver o amor chegar.

O amor não veio, é verdade,
é fato reconhecido.
Mas valeu o tempo de espera.
Valeu, ainda mais, com certeza,
o sonho de amor acalentado.

Theresa Catharina de Góes Campos
Arcoverde - Pernambuco, outubro de 1962.

ÀS VEZES O CORAÇÃO IMOBILIZA O CORPO

Muito sensível, veloz, absorvendo
até o que não desejaria aceitar,
às vezes o coração imobiliza o corpo.

Congela seu furacão interior,
acorrenta os membros do corpo,
silencia a boca, até a mente,
qualquer ação impedindo.

Os pulmões mal conseguem respirar...
porque a ordem do coração
foi tudo imobilizar.

Os ouvidos ouvem,
mas nada podem fazer
para o corpo libertar.

É preciso com paciência esperar
que alguém venha libertar,
do coração traumatizado,
o corpo imobilizado.

Na verdade, é preciso rezar,
com fé na ressurreição orar,

para que o coração atingido
volte a bater em seu ritmo,
reaprendendo a respirar...
para a saúde da alma voltar.

A bênção de respirar
normalmente, sem agonia,
em dinâmica harmoniosa
com o corpo também sofrido.

Nas orações persistindo,
o coração consolado,
pelo tempo de Deus libertado,
dará, enfim, alforria ao corpo.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 15 de junho de 2008.

I WILL WRITE TO YOU

I will write to you
yesterday,
the precious time -
not today,
not tomorrow,
because it will be too late
if I do not contact you
much in advance...
yesterday,
the so precious yesterday.

I will write to you
yesterday,
the seed of all times,
the seed of my dreams for the future.
Yesterday, not tomorrow!
Before today,
before tomorrow!
Yesterday...
the very precious yesterday,
much before today,
so the future
will be with you
beside me.

Because tomorrow
should be today...
perhaps in the past,
maybe yesterday...
Tomorrow should be today!
Why to wait?
It will certainly be too late...

I know it would be too late!
I do realize this.
So I promise myself today
to write to you
yesterday,
the precious yesterday,
I must emphasize.

Then we will be together
yesterday, today
and tomorrow.

With open heart
and welcoming hands,
using my mind
as a magic time machine,
I will write to you...
Yesterday, not today.
I am not waiting for tomorrow!

Theresa Catharina de Góes Campos
Thousand Islands, Province of Ontario - Canada (August, 1971)

ESCREVEREI A VOCÊ

Escreverei a você
no dia de ontem,
no precioso ontem -
não no dia de hoje,
não amanhã,
porque será tarde demais,
se eu não entrar em contato
com você
com muita antecedência,

ontem,
no tão precioso dia de ontem.

Escreverei a você
no tempo do ontem,
no passado seminal,
que o porvir sonhado semeia.
Ontem,
não amanhã!
Antes de hoje,
antes de amanhã!
Ontem,
o muito precioso ontem,
muito antes de hoje,
para que o futuro
seja com você
a meu lado.

Porque o amanhã
deveria ser hoje...
talvez no passado,
talvez ontem...
O amanhã deveria ser hoje!
Por que esperar?
Certamente será tarde demais...
Sei que seria tarde demais!
Cheguei a essa conclusão.
Assim eu prometo
a mim mesma, hoje,
escrever a você
no dia de ontem,
no precioso ontem,
devo enfatizar.

Porque o amanhã
deveria ser hoje...
talvez no passado,
talvez ontem...
O amanhã deveria ser hoje!

Estaremos juntos, então,
ontem,
hoje e amanhã.

Escreverei de coração aberto a você,
com mãos acolhedoras
e usando a minha mente
com a magia de máquina do tempo,
escreverei a você...
Ontem,
não no dia de hoje.
Eu não vou esperar o amanhã!

Theresa Catharina de Góes Campos
Mil Ilhas, Província de Ontário - Canadá (Agosto de 1971)

A VIDA DE BÊNÇÃOS QUE DEUS INSISTE EM ME CONCEDER

A dor maior que sinto,
meu sofrimento contínuo,
por quase todos ignorado,
aumentado pelo tempo,
a cada dia mais escondido
e tão bem disfarçado,
ninguém sabe,
ninguém perguntou,
nem procurou saber,
muito menos ter contato.

Por isso permaneço
profundamente só
na vivência dessa imensa dor
que nem ouso revelar;
à margem da solidariedade
que eu poderia receber,
caso eu fosse sinceramente
convidada a confidenciar.

Certamente, porém,
estou determinada
a não ter meu sofrimento
suavizado, talvez,
porque joguei tais dores
na vida de meus amigos.
Não quero isso!
Sentiria um remorso imenso,
um doído ressentimento
como se um mal enorme fizesse
àqueles a quem tanto amo
e só desejo fazer o bem.

Assim, vou eu vivendo,
malgrado essa dor
tão íntima, apesar de visível;
por quase todos conhecida,
em sua origem já decifrada,
há décadas identificada
mas sempre silenciada.

Não tenho como
eticamente desmascarar,
ou expondo mil feridas,
ou sem por dentro me destroçar,
ainda mais do que estou,
me defender dos que me acusam
na ausência e no silêncio,
além de falsamente
documentada
em registros maledicentes
de entrevistas em jornais,
até registros na internet,
em correspondência familiar
que nem a morte apagou
porque destruídas não foram.

Por que não me defenderam,
os que a vida inteira
tão de perto me conheceram?
Reconheço, porém,
que as calúnias por muitos
consideradas verdadeiras
também os tornaram
meus caluniadores,
cúmplices das mentiras

que meu nome mancharam
nos meus relacionamentos mais próximos.

A mim resta o agradecimento
pela vida que Deus insiste
com tanta generosidade me conceder,
me dispensando as forças
e tantas bênçãos renovadas.
Meu dever é a meu Criador louvar,
aleluias todos os dias cantar,
mil graças testemunhar...
porque ainda respiro
surpreendentemente
uma rotina inesperada
de tanto amor, tanta amizade!

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF,17 de dezembro de 2008.

O BELO, MISTERIOSO ENIGMA DOS DESENCONTROS

O encontro acontece,
não se explica, é.
Desencontros se revelam
enigmas e mistérios,
às vezes ilógicos,contraditórios.

Na busca do que não procurei,
misteriosamente me realizei.

De tudo que me levaram
restou-me o nada essencial,
a fartura seminal
do despojamento quase total.

Na busca do que não procurei,
esse desencontro sofrido me realizou.

As palavras que sonhava ouvir
não me foram presenteadas.
Nesse desencontro em silêncio
as palavras não pronunciadas
me devolveram um silêncio criador.
A força do carinho que não recebi
revigorou-me interiormente.
Do tesouro que me arrancaram das mãos
ficou um mapa das minas de diamantes
ainda não conhecidas,
nem mapeadas.

Em todas as ausências
encontrei presenças
já decodificadas

para inserção em mim
como ausências
que se tornaram
presentes.
A companhia das ausências
que foram vivências
e companhia tão queridas.

Quando chegaram as doenças,
entre elas a epilepsia
que não me abandonará
até o momento final,
comecei a construir minha saúde.
A partir da imobilidade
nos períodos de permanência na UTI,
nas incertezas das sessões de quimioterapia,
nos repetidos e difíceis exames ,
surgiu a decisão para aprender mais
com os desencontros.
Determinada, aceitei a realidade
de que o encontro jamais poderia ser
um posicionamento individual,
nunca dependeria apenas de mim.
Dos desencontros, porém,
com seus belos enigmas e mistérios,
deveria eu cuidar.

Do peso certo durante cinco décadas,
passei a conviver com a obesidade
a exigir atividades físicas
e restrições na alimentação,
cuidados antes desnecessários.

Mesmo quando não havia sol,

lua, estrelas visíveis no firmamento,
destacou-se nos meus sonhos
a luz dos olhos
de alguém especial,
a luminosidade das águas
sem imobilidade.
Sobretudo encontrei a luz
sem face nem brilho
que pressentia meu coração
até na insondável escuridão
que tentava negar a esperança de luz.

Do branco e do negro fiz arco-íris.
Do verde eu teci matizes,
do azul bordei nuanças.

Da força de vontade do corpo,
chamando a mente e o coração,
em convocação para trabalharem juntos,
saíram versos e sons silenciosos,
músicas jamais executadas,
canções escondidas, inéditas.

Minha vida colori
usando a pena como se fosse
alaúde, flauta e sanfona.

Com a pena transformada,
em condutora de sonhos
atuando magicamente,
consegui criar cores e formas.
Como se a pena fosse
esmeril e pincel.

O orvalho se fez na minha face
todos os dias, nascido das lágrimas
que permaneceram nas sombras.

Nas pessoas iguais, percebi diferenças.
Nos diferentes, também enxerguei semelhanças.
Fui capaz de amar essas igualdades e diversidades.

Seguem pulsando, os enigmas anunciados
pelos perturbadores mistérios dos desencontros.

Do amor rejeitado
fiz uma receita para viver.
Ignorada, aprendi a ver,
a observar e reconhecer,
reflexiva e ciente,
o visível e o invisível,
no ontem e no hoje pressentidos,
consciente dos enigmas e mistérios.
Dos golpes nasceram harpas,
flautas e cítaras.
Dos sonhos desfeitos,
ficou uma partitura de aleluias,
canções de louvores nos sinos a badalar,
testemunhando sem jamais cansar:
foi Deus, foi Jesus, Menino e Redentor.

Com voz de defesa inaudível,
figura quase invisível
a males e dores maiores,
superiores às minhas poucas forças,
já muito abaladas,
eis que sou resgatada pelos anjos.
Junto-me aos pastores de Belém

e aos sábios Reis Magos
desde o Oriente guiados
também por sonhos, estudos
e pela estrela única do Natal,
esplendorosa e deslumbrante
com seu manto a desfilar
no firmamento todo iluminado.

Vê-los posicionados, contritos,
em adoração diante da Criança,
foi a Epifania que me uniu
ao universo do Criador,
em Sua plenitude do Bem e do Amor,
em suas dimensões mais incompreensíveis
por nossa pequenez,
em nossa vida seguindo
caminho de dor, esplendor.

Os desencontros se desfizeram
no encontro maior do presépio.

Descobri, para minha satisfação,
que mesmo golpeada...
sou resistente e resiliente,
além de multifacetada,
em metamorfoses bastante experiente.
Lembrei do comentário de amigo,
na faculdade, afirmando ser eu
uma violeta que se demorava
a notar, mas a partir do momento
em que era percebida,
passava a ser apreciada.

Gerada no amor de meus pais,

muitos séculos antes eu fui
Pensamento e Palavra de nosso Criador,
argila nas mãos amorosas de Deus.
No Plano maior da Divina Providência,
ouso pensar que sou poema incompleto
do Senhor do Tempo, cujos versos
têm mil formas e rimas.
Eternos, incontáveis versos...
nascidos do poder da Palavra,
criadora da Luz e de tudo que existe.

Na imobilidade, dancei a vida.
Nos movimentos, encontrei o pensar filosófico.
Na transparência me escondi,
nas sombras me vesti de luz.

No vazio, com o nada que me deixaram,
realizei a alquimia do quase tudo.
O que me tiraram não me pertencia,
descobri, afinal conformada.
O que Deus me deu, ninguém me tirou.
Recebi o melhor, não o mais fácil,
nem o mais previsível:
o belo, misterioso enigma
dos desencontros.

Reconheci uma visão dos mistérios
nos ecos e brilhos matizados da luz.
Apreciei a luminosidade na vibração dos sons.
Percebi os movimentos do firmamento imóvel.
Ouvi o silêncio e as sombras.
Escutei os lamentos inaudíveis.
Senti a proximidade das estrelas.
Na ausência das distâncias

para o espírito e os sentimentos,
sem obstáculos interiores,
muito íntimos e pessoais,
seguindo parâmetros incomuns,
paradigmas impopulares, minoritários,
me considerei realizada...
e a caminho de novas realizações.

Até do amor rejeitado...
aquela recusa que seria
uma rejeição inaceitável
por envolver os laços de sangue
mais profundos,
o amor forçado a não existir,
de toda essa recusa,
transmutada e transfigurada
de forma seminal,
construí um amor difuso,
às recusas acostumado,
enfim, uma existência plena
apesar das imperfeições,
malgrado as carências mais dolorosas.
Uma realidade que não se vê,
mas existe. Talvez na forma de avesso.
Talvez nos muitos desencontros.

Uma energia escondida,
mas que de fato existe,
vai se renovando no percurso da vida,
uma energia assim inesgotável,
presente, embora invisível!
Uma energia de libertação
das prisões interiores,
concomitantes e sucessivas,

invisíveis, contemporâneas.

Uma energia pesquisada,
evoluindo para que o fim seja encontrado
somente quando, no desfecho inexorável,
no minuto final inevitável,
caminhos a percorrer não mais houver...

Nos momentos de maior lucidez,
poderia ser considerada louca.
Logo percebi, no entanto,
do meu viver não desejar
esse estado de lucidez diferente apagar.

Nas ondas do oceano,
busquei imobilidade.
Nas estrelas procurei
a escuridão da noite.
No sol, quis encontrar a lua.
Na lua esperei encontrar
o calor germinador do sol.

Consegui realizar,
no encontro dos desencontros,
no âmago de mim mesma,
na força indômita do espírito,
todos aqueles mais antigos ideais
que aos outros pareciam impossíveis.

Lúcida e determinada,
eu compreendia ser
uma loucura consciente,
uma percepção de vida não-alienada,
embora à primeira vista surreal.

Ficando surda aos ruídos
insensatos do mundo,
passei a ouvir os sons inaudíveis,
silenciosos...mas tão reais!

Reunindo essa matéria insólita,
invisível, escondida nos mistérios
de enigmas jamais solucionados,
caminhei, resoluta, para Ser, Agir e Viver Melhor.

Porque nossa escala de notas musicais
tem mais que notas...
são sinos a badalar, convictos,
melodias de louvores,
partituras de sonatas abençoadas,
gritos de Aleluia.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 21 de dezembro de 2008

NOSSO DESTINO NAS PALAVRAS

Com as palavras
somos amados.
Também com elas
somos perseguidos.

Verbalmente se é agredido,
caluniado, crucificado,
em vida e depois da morte.

Esperemos que as palavras
sejam uma defesa para nós;
inspiração que não esmoreça,
razão de muitas lutas idealistas.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 26 de setembro de 2008.

HAICAIS DO AMOR E DA AMIZADE

Se amizade não houvesse,
a ausência do amor
tornaria a vida impossível.

Se a esperança não fosse
o sustentáculo da vida,
nem amor nem amizade contariam.

Casulos e borboletas,
amor e amizade são,
em metamorfoses dinâmicas.

Seminais, transformadores,
são o amor e a amizade,
nos seus movimentos e fases.

Se amor e amizade
em silêncio apenas existissem,
frágil demais seria nossa vida.
De amor e amizade vivemos;
com os dois sentimentos,
à vida dizemos "sim".

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 30 de novembro de 2008

SONHOS DESFEITOS NÃO MATAM IDEAIS

Dedicado a Áureo César Coelho do Valle*

Sonhos desfeitos ,
como as perdas e ausências
de entes queridos,
são golpes da vida,
mas nenhuma dessas tristezas
tão profundas quanto o sofrimento
que nos infligem, dolorosamente,
têm o poder de matar
nossos valores, nossos ideais.

Somente nós temos,
de acordo com a nossa vontade,
nossa fraqueza e ganância,
o poder de matar, destruir
nossos princípios, nossos ideais.
Sim, não adianta negar:
reconhecer precisamos
que desculpa não há
para nossas indecisões,
os silêncios de omissão,
as fraquezas e indignas ações.
Porque apenas nós podemos
silenciar, esquecer e matar,
nossos valores, nossos ideais.

Cabe a nós protegê-los,
fortalecer nossa vontade,
fugir da ganância e do mal,
para que esses princípios
além da morte sejam cultivados .

Porque são a nossa herança,
nosso maior patrimônio,
para nós e outras gerações.
Vivem além da morte,
nossos valores, nossos ideais.

Os sonhos desfeitos nos trazem lágrimas.
Os ideais e valores as enxugam
e de novo para a vida nos despertam.

Que desculpa é essa,
de que as ilusões,
os muitos sonhos desfeitos,
fizeram ruir princípios,
ideais e valores...
se nem a morte pode
destruí-los?

Sonhos desfeitos
vêm com o dom da vida,
assim como as perdas,
tão inevitáveis como dolorosas.
Mas ideais e valores nascem
de nossa vontade e decisão,
de nosso caráter cultivado
ao longo da vida, antes de
mergulharmos na luz invisível,
desconhecida, da eternidade.

Quando somente o espírito -
a alma vencedora, imortal -
em sua plenitude existir,
nossos ideais e valores

permanecerão com vida,
falando em nosso nome,
luminosos como a estrela de Belém,
apontando o caminho, orientando,
em honra a nós construindo.

Porque sonhos desfeitos
ideais não matam ...
os sonhos renovam,
ideais reafirmam,
valores consolidam.
Na verdade, sonhos desfeitos
nos dão a maravilhosa oportunidade
de nos fazer repetir ,
com a fé da rotina heróica,
a essência do melhor
que cultivamos em nós.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília -DF, 26 de dezembro de 2008

***SOBRE O MEU POEMA "SONHOS DESFEITOS NÃO MATAM IDEAIS"**

Escrevi "Sonhos desfeitos não matam ideais" porque o economista, auditor da receita federal e professor Áureo César Coelho do Valle, em 10 de dezembro/2008, relembrou como eu era na Faculdade...suas palavras me decidiram a registrar o que ele falou, sua afirmação de que , ao ler o meu livro mais recente - "Pensamentos para ser, agir e viver melhor", confirmou que ali estavam os mesmos valores e ideais que eu tinha, quando nos tornamos colegas e amigos, no Curso de Jornalismo (FNFi - Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do RJ), desde março de 1963...e que me tornei a cada dia mais determinada na

minha fé. Fiquei profundamente comovida quando Áureo César, de forma espontânea, fez esse comentário.

Estávamos os três - ele, sua esposa Ione e eu sentados à mesa de sua hospitaleira cozinha, compartilhando uma refeição deliciosa. Que generosa hospitalidade - me receberem em sua residência - e dizer essas palavras que tanto me emocionaram! Só mesmo na casa de amigos se tem uma experiência afetuosa como a que vivenciei, uma autêntica dádiva de Natal, merecedora de registro porque perdura para sempre em nossa memória, em nosso coração.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília -DF, 28 de dezembro de 2008

PARA ONDE MANDAR A TRISTEZA?

Encontrei a tristeza dentro de mim.
Fiquei assustada.
Amedrontada, ansiosa,
sem saber o que fazer...
Como tantas pessoas humildes
que visitei em suas palhoças,
decidi matutar, matutar,
para ver o que fazer
amanhã, depois de amanhã...

Pensei em mandá-la exilada
para qualquer lugar desterrada,
desde que mais distante fosse...
Outra idéia foi torná-la reclusa,
em solitária permanente.
Morte por fuzilamento, nem pensar!
(Aliás, nenhuma morte, a não ser a natural,
eu poderia aceitar, ressalto convicta.)

Aí o caso ficou difícil de resolver,
bem complicado, de fato.
Continuando a matutar,
vislumbrei algumas soluções:
mandá-la viajar para bem longe
foi a primeira alternativa.
Se a tristeza implicasse
com o destino e as escalas da viagem,
eu proporia que ela apresentasse
seus próprios roteiros.
Mas com uma única exigência
de minha parte: seus planos
não poderiam incluir continuar

morando comigo.
As outras idéias seriam aceitáveis,
consideradas justas por mim,
que continuava intimidada com a tristeza,
sitiada por sua persistência,
um verdadeiro cavalo-de-tróia,
ferindo meu "calcanhar-de-aquiles",
meu frágil coração.

Ora, ora, a tristeza também decidiu
matutar, matutar, à beira de seu casebre
instalado dentro de mim,
afirmando eu que ela invadira
(jamais obtivera minha autorização)
inesperadamente meu corpo,
coração...e, na sua petulância
plena de disfarces e máscaras
inusitadas, dramáticas,
chegando aos poucos, de pouquinho,
até a dominar minha mente! -
enquanto eu matutava, matutava,
para depois ocupar bastante espaço.
Não lhe pertencia, o lugar em que vivia
nos meus domínios.Não era dela!
continuo a dizer, chorando,
muitas vezes aos gritos,
reafirmando eu, ainda assustada,
que deveria sair sem mais delongas,
sem matutar mais, por favor!

Ora, ora, depois de muito matutar, matutar,
a tristeza resolveu se defender
de minhas acusações tão agressivas
(seriam histéricas? vou matutar,

matutar, antes de meu comportamento analisar...).
Em sua defesa, a tristeza argumentou
que eu estava muito esquecida...
ou talvez fosse fingimento meu ...
porque ela se "alembrava" bem,
não tinha esquecido, não,
ela se "alembrava direitinho":
recebera meu convite, e aceitara!
Por que não? Agora era minha hóspede,
sem data certa para sair...
em casa tão agradável, com generosa dona.
Como estava gostando de minha hospitalidade...
sim, era sempre bem tratada, ressaltou
a tristeza com repentino atrevimento:
com educação, cortesia, como ela merecia!

E eu ansiosa, a matutar, a matutar,
suando frio, a matutar sem parar,
o dia todo pensando, atormentada ,
como parar de matutar, matutar
e uma solução imediata encontrar.

Enquanto eu matutava, matutava,
dentro ou fora de casa,
sonhando ou bem acordada,
a tristeza tomava conta de mim,
se apossando de todos os espaços
possíveis e disponíveis!
Como enfrentá-la? Como expulsar
um falso hóspede, sem convite?
Enquanto eu matutava, servia café,
chá de hortelã, sobre o tempo conversava.

Depois de muito matutar,

apesar de minha pressa,
cheguei à conclusão,
talvez arriscada, não sei,
em favor da não-expulsão
de uma tristeza tão pacífica,
sem agressividade e companheira.
Uma tristeza melancólica, ainda
não-depressiva, companheira...

O resultado de tanto matutar
foi a realidade da vida aceitar.
Dei permissão para a tristeza ficar,
porém, assumindo a coragem
necessária, fundamental a todas as vidas,
seus limites em minha casa demarquei,
seu espaço reduzido indiquei,
sem hesitação, sem mais matutar,
não mais silenciosa, alienada,
conscientemente falei e agi.
E aí, sim, fiz um convite formal, sincero,
para um hóspede querido em minha casa,
que teria quase todos os privilégios renovados
periodicamente:a alegria faceira, sábia, companheira
para conviver sem atritos com a tristeza.
A alegria que também inspira os seres humanos
a grandes realizações, fortalecendo-os nos sonhos,
e fica matutando, matutando, sobre os segredos
de toda existência: tantos caminhos difíceis
que tristeza e alegria percorrem juntos.

(Ora, ora, que tanto matutar é esse?!
Ufa, agora chega de matutar!)

Theresa Catharina de Góes Campos
(1966) Ilha do Bananal - Goiás (desde 1988, Estado do Tocantins)

ACIDENTE EM XAVANTINA

Ao descermos do pequeno pássaro,
o Cessna diminuto no céu imenso,
soubemos que precisaríamos trabalhar
com menos recursos do que habitualmente.
Não poderíamos contar com veículo algum,
desta vez, para nosso transporte e dos materiais.
Deveríamos, desta vez, nos movimentar
sem a ajuda do jipe e do caminhão.

Fui a primeira a indagar
o porquê da situação
ainda mais precária
do que as condições
de costumeira escassez
dos recursos mínimos.

Esperava uma resposta
com desculpas meio absurdas,
nada objetivas, enfim,
eu não estava aceitando mesmo
a ausência do jipe e do caminhão,
os únicos veículos da localidade.

No entanto, a informação que
de pronto me transmitiram
deixou-me boquiaberta...
antes de explodir em risadas,
sem acreditar mesmo na
história que me pareceu
de todo mirabolante.
Até imaginei ser um trote, uma brincadeira

para enganar a jornalista recém-formada.

Quando insistiram no "causo"
estranho, inusitado, quase surreal,
voltei às minhas risadas...
Quando eu conseguia falar,
perguntava: mas como isso aconteceu?
Não há trânsito aqui!
Apenas dois veículos circulam,
os únicos de Xavantina:
o jipe e o caminhão!
Como podem ter se chocado?
Os motoristas estavam cegos?
Estariam dormindo, cansados?

Tranqüilos, bem tranqüilos,
na maior calma do mundo,
com toda a naturalidade,
confirmaram: o choque ocorreu
porque ambos os motoristas
dirigiam em alta velocidade,
ambos sabendo serem os únicos
existentes em Xavantina,
pensando ambos, igualmente,
que não encontrariam o outro veículo.
Acharam ambos que não haveria
tal possibilidade de perigo...
Aliás, saíram com ferimentos leves
do acidente para eles inesperado,
mas os veículos ficaram inoperantes,
porque bastante danificados.

Consegui parar de rir,
diante de tal absurdo,

passando a reclamar
de tamanha irresponsabilidade.

Assim, não houve outro jeito:
fomos caminhando todos...
com a nossa bagagem pessoal
e materiais de trabalho,
e os atenciosos funcionários
da Fundação Brasil Central
auxiliando a levar outros volumes,
uma carga preciosa porque útil,
tão esperada e necessária.
Todos (menos eu, apenas conformada
porque não havia alternativa)
muito resignados, pacientes, tranqüilos,
tudo encarando com a maior naturalidade,
no seu contexto habitual de carências e absurdos.

Theresa Catharina de Góes Campos
Xavantina (desde 3/3/1980, Nova Xavantina) - Mato Grosso, 1966.

PERGUNTAS EM BUSCA DE RESPOSTAS

A realidade da vida me desafia
nas perguntas que buscam respostas.
Porque ambas mistérios cantam,
ambas, enigmas silenciam,
escondem muitas palavras,
com tanto medo de falar...

Ou seria porque essas palavras
ao temeroso coração nada diriam,
a sete chaves tudo guardariam?

Perguntar à semente sobre a árvore
que traz, pequenina, dentro de si,
ainda invisível, silenciosa, seria inútil.
Nem o vento a balançar
todas as frágeis, coloridas folhas
consegue uma resposta -
apenas sente a beleza...
e se dá por satisfeito !
Nada questiona à natureza,
apenas beija formas e cores,
se diz satisfeito com o que vê!

O vento segue falando,
cantando a sua canção,
sussurrando,embalando,
sem perguntas fazer,
cumprindo a sua missão.

Theresa Catharina de Góes Campos
Vermont, Wisconsin (EUA), setembro de 1971.

SEM FÔLEGO

Sem fôlego, tal a vastidão
que percorro do alto, embevecida,
o imenso espaço de árvores e rios,
durante o vôo no pequeno Cessna
para chegar a Aragarças.

Aperta-me agora o coração
na aterrissagem sem problemas
de nosso pequeno pássaro,
habilmente tripulado por jovem piloto,
experiente e conhecedor dessa rota.

Em terra como no ar,
parece-me que os colegas
não se sentem como eu.
Ou talvez escondam
seus reais sentimentos.
Ou, mais experientes,
se controlem sem dificuldade.
Nada lhes parece inusitado.
Nada consideram insólito.
Cumprem suas funções regulares
com tranquilidade, apesar
do muito que é preciso fazer.

Acostumados demais à rotina
ou talvez já bastante desiludidos.

Quando esqueço a beleza do vôo,
a visão das distâncias
sem ocupação demográfica,
o peito me dói sem cessar,
ao perceber o chocante abandono,
com tantas carências da população
em suas necessidades básicas
de habitação ,saúde, educação...
ao ver o povo sem os seus direitos
elementares pelo Estado negligenciados.

Impossível, porém, não constatar
com muita admiração,
a dignidade de valores fundamentais,
a coragem de nossa gente indômita,
embora resignada e tão sofrida.

Em casa e na escola,
tudo parece faltar,
menos a responsabilidade dos professores,
tão humildes quanto determinados,
dia após dia trabalhando
com o mínimo disponível

(com frequência, falta até o mínimo!).

Deverei voltar outras vezes,
com meus olhos de jornalista
buscando se houve melhorias
para esses meus compatriotas.
Estremeço, já angustiada,
antevendo seus rostos
precocemente envelhecidos,
sua aflição envergonhada,
a índole bondosa, hospitaleira,
com certeza esperando
(mas tão longe da realidade!)
que sejamos nós a trazer
as mudanças com que tanto sonham...

Descerei do Cessna ainda mais
sem fôlego, já angustiada,
com o coração doendo, mais
apertado do que na primeira vez.

Meus textos fazem perguntas...
As soluções demoram.
Mal poderei, sem angústia,
na próxima viagem, abrir os olhos ...
porque talvez eu vá me deparar

com a mesma situação deplorável.

Anseio profundamente por essas mudanças,
por melhorias na vida das pessoas
que agora estão a me rodear,
me oferecendo um sorriso aberto,
silencioso e desdentado.

Voltarei a ficar sem fôlego,
de coração apertado, doendo,
porque a Faculdade não me preparou
para situação tão dolorosa.
Mas essa minha desculpa,
embora verdadeira, não é desculpa,
nem me exime de responsabilidade.

Theresa Catharina de Góes Campos
Aragarças-Goiás, 1966.

A INFORMAÇÃO DO SILÊNCIO

Às vezes, o silêncio fala mais
que as palavras ruidosas,
muito mais...
Ocorre, porém, que as pessoas,
em sua maioria,
assim como não prestam
a devida atenção às palavras,
também ignoram a informação do silêncio.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 29/11/1988.

O OUTRO SOU EU

Somos nós, o próximo.
O outro sou eu...
no meu coração pulsando,
nas minhas veias fluindo,
como eco ressoando.

Quando iremos viver,
agir, decidir, conviver
com essa realidade
da condição humana?!

Esse é o prisma, indiscutível,
o contexto, a circunstância,
a perspectiva básica,
o fundamento e a essência
de nossa frágil existência
com limites individuais
se revelando comunitários.

A base, o alicerce ético
de toda civilização humana:
a identidade com o próximo,
nosso eu solidário.
O essencial para estabelecer

nossa rotina e os momentos,
os dias extraordinários
de nossas vidas individuais
que também são coletivas.

Semelhantes e únicos,
somos nós em todo lugar.
Ecos, sombra e pulsações,
nas batidas do coração.

Meu próximo sou eu,
que o outro sou igualmente.
Revelados nele os segredos.
Nele inserido, nele completado;
embora tão imperfeitos,
originais e tão criativos .

Meu próximo sou eu,
espelho e fonte de luz.
No próximo estamos nós,
sem poder negar que somos
irmãos. Para sempre irmãos!

Theresa Catharina de Góes Campos

Hampton, New Hampshire (EUA), outubro de 1971.

AS VEIAS INVISÍVEIS DO CORAÇÃO

Onde e como tocar
as veias invisíveis do coração?
Cadê o mapa, cadê?
Sei não, como chegar
a meu coração descontrolado...

Onde estão os caminhos?
Quem tem os roteiros,
as palavras e os cantos?
Ele não sabe, nem eu...
Nem eu sei ! Sei não...
Como vou saber?
Já vou logo dizendo
que não sei mesmo
o coração decifrar.

Se o coração vive escondido,
só perguntando, sem responder,
como se pode qualquer coisa saber
dessas veias invisíveis
que os olhos não vêem,
as mãos desconhecem?
É muito mistério, enigma demais
pra minha cabeça inquieta,

que vive se recusando
a brigar com o coração!

Por que tanto medo de enfrentar
quem não se vê nem ao luar,
nem quando o sol chega
para também tentar?
Por que a mente não esclarece,
não abre o caminho?
Sei não, sei não...
Eles não sabem, nem eu!

Como chegar a uma decisão,
fazer um mapa, um roteiro,
se o coração não fala,
só faz bater, bater,
pulsar, pular como louco,
sem nada para dizer,
tão escondido como a semente
do fruto, da árvore e da flor?
Sei não, é mistério...
Ela não sabe, nem eu...

Se ninguém me contou...
nem chave eu recebi
para abrir a tal porta

que se diz haver no coração,
como vou encontrar
essas veias invisíveis do coração?

Como eu saberia,
se não vi mapa nem roteiro
dessas veias invisíveis do coração?
Sei não, sei não, acho que não...
Acho que sim, ou não sei não...
Vá desistindo de me pressionar
porque não adianta insistir...
Não tenho resposta
porque nem há como perguntar!
Sei não, não sei mesmo...
Estou ainda por descobrir
se há música escondida
nos meandros do coração.
Talvez sim, talvez não,
vou apurar os ouvidos...
Nada sei, reconheço,
sei não...sei não...

Se tantos não sabem
o coração decifrar,
como vou eu saber?
Acreditem: eu também não sei!

Eles não sabem, nem eu!
Deve ser mesmo muito difícil,
em qualquer idade e lugar,
um coração entender!

Theresa Catharina de Góes Campos
Água Preta, Pernambuco, fevereiro de 1962

(Estávamos sentados na varanda de uma residência, em Água Preta, um lugarejo onde a família nos oferecera hospitalidade, em apoio ao movimento estudantil do qual fazíamos parte, como líderes da entidade estadual pernambucana. Conversávamos baixinho, para não perturbar os donos da casa, nossos anfitriões, de quem já nos tínhamos despedido, com palavras de agradecimento, pois precisavam dormir e, no dia seguinte, realizar os seus trabalhos rotineiros. Dulce, Ricardo e Paulo Gileno, assim como eu, tentávamos não adormecer, apesar de muito cansados, porque o trem passaria de madrugada, antes do alvorecer, e precisávamos regressar a Recife. Aquelas horas no alpendre, tão agradáveis, apesar da fadiga, foram momentos de confidências partilhadas na maior confiança. Quando um cochilava, os outros ficavam atentos... Ali, no alpendre, éramos jovens idealistas, unidos também pela amizade... às vezes amadurecidos e fortes, outras vezes bem frágeis...)

Theresa Catharina

PARA O MAPA DA VIDA DECIFRAR

Deus fez o mapa de nossas vidas ...
somente Ele conhece
para onde nossos passos
finalmente vão nos levar.

Para o mapa de sua vida entender,
nas suas grutas, nos recuos e meandros,
basta a Deus, o Senhor do Tempo, entregar,
em Suas mãos abertas, os dias e as horas.
Porque não temos o código final,
nem as senhas eventuais nos são conhecidas.
Nem dos minutos, que sem medo vivemos,
de segundo em segundo, conhecemos
seu mais simples desfecho.

Talvez adiante, quem sabe no futuro,
compreender possamos
todas as dores, os sofrimentos,
as sombras que não pudemos recusar,
os porquês sem consolo algum,
os momentos que tentamos rejeitar,
embora esse direito não tivéssemos,
na condição humana fragilizados.

Para o mapa de nossa vida decifrar,
precisamos com paciência esperar
que o tempo nos ensine, passo a passo.
Não adianta pressa, porque ainda
que o tempo corra, não pare jamais,
as lições só chegam com o passar do tempo.
Muitas vezes, de repente, quando já desistimos
de nossa existência saber compreender,

as respostas chegam, de mansinho,
para enxugar nossas lágrimas.

Para o mapa de nossa vida decifrar,
faz-se mister em Deus depositar
toda a confiança que nos falta.
Nosso bastão é a esperança,
para não desistir de caminhar,
embora quase cegos, sem saber,
tantas vezes trêmulos, desiludidos,
para onde nossa existência,
com tantas dúvidas, nos vai levar.

O Senhor do Tempo e Senhor da História
está sempre, como Pastor, a nos guiar,
não nos deixando abandonados, sozinhos
para, sem aparente defesa, contra o mal lutar.
Ele, o Mestre, vencedor das Trevas,
em Sua química de amor,
transformará nossos erros e desacertos,
para nos conduzir à luz da imortal vitória.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 11 de janeiro de 2009.

NÃO DIREI "NÃO" A DEUS

Não direi "não" a Deus...
nem a pau!

- "Que bobagem é essa,
menina tola, falando sozinha?
Isso não é poema ! "

Vou pensando, silenciosa:
sim, não é poesia.
Parece um soluço, só,
soluço de lágrimas,
reconheço, desolada,
bastante desconfiada:
não é poema, não.

Como Deus não dorme,
estava a me escutar...
- "Pode continuar, filha!
Não dê ouvidos a quem
não gosta de poesia.
Vá tentando e lá chegará,
lhe garanto Eu .

A jornada vai ser longa,
continue caminhando,
sempre a sorrir e pra frente,
escrevendo seus versinhos.

Não desvie de sua rota,
não vá desanimar:
acolha o seu caminho,
por ele se entusiasme.

Não fique parada, não -
esse é o segredo maior
de tudo realizar. "

Não direi "não" a Deus...
nem a pau!
Ele me conhece,
como conhece você,
na palma de Sua mão,
nos recôncavos de Seu coração,
desde o início dos tempos,
mais profundamente do que nós
poderemos nos desvendar.

Não direi "não" a Deus...
nem a pau !

Se, enlouquecida,
um dia eu lhe disser "não",
sei que do meu "sim"
Ele não vai jamais desistir!

Theresa Catharina de Góes Campos
Arcoverde-Pernambuco, junho de 1962

HAIKAIS DA ALAMANDA

Ante as folhas vistosas
da alamanda tóxica e catártica,
fujo ou fico a me deslumbrar?

Sinto medo da alamanda
ou me rendo à medicina
natural e terapêutica?

Que visão de beleza
a alamanda nos dá,
confiante em seus poderes!

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo-SP, 24 de janeiro de 2009

HAICAIS DA CASA DE PRAIA

A casa de praia recebeu
aquela gente cansada
que ali encontrou alegria.

Apesar de tamanha confusão,
na casa de praia tumultuada,
os risos ecoaram longe.

O "adeus" à casa de praia
na verdade é "até logo"
ao reencontro de amigos.

Não esquecemos confidências
na casa de praia ouvidas
com trilha sonora do mar.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo-SP, 24 de janeiro de 2009.

HAIKAIS DO PERDÃO

Sendo a vingança, de Deus,
não há alternativa,
só nos cabe o perdão !

Encurralados pelo desamor,
da vingança proibidos,
só o perdão nos é permitido.

Ainda que sejamos
golpeados e caluniados,
só existe o caminho do amor.

Surpreendidos pelo desamor,
só nos cabe chorar
e reagir com amor.

A rebeldia do cristão,
neste mundo enlouquecido,
está na ousadia do perdão.

Nem sangue nem tiros
nos são permitidos:
só o amor e o perdão.

Nem mentiras e baixarias
podem ser nossas armas:
só palavras de perdão.

A rebeldia do cristão,
neste mundo ensandecido,
está na coragem do amor.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 13 de janeiro de 2009

TRÊS HAICAIS

A cantárida é um inseto,
um besouro com a química
dos segredos de Afrodite.

A menina trouxe a pêra
mas não queria esperar
para o sabor comprovar.

As cores da tarde outonal
deram todas as nuanças
que o pintor procurava.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo-SP, 24 de janeiro de 2009

O CORPO VOA... E O ESPÍRITO?

Embarca o corpo
com destino certo
ou talvez incerto.
Vestimos o corpo
para o destino sonhado,
esquematizado, planejado,
com ou sem escalas
de surpresa ou escolhidas.
Preparamos o corpo
e a sua bagagem
muitas vezes excessiva,
visando às aparências,
fazendo antecipação
do que enfrentaremos.

O espírito também voa...
ainda que o corpo não voe,
fique parado, imóvel,
em suas reconhecidas limitações.

O espírito sempre pode
ir bem mais longe que o corpo.
O espírito com certeza pode
ver com maior profundidade

a invisível verdade,
o coração escondido,
as palavras não registradas,
nem mesmo pronunciadas
ou não escutadas,
as imagens ainda não definidas,
não fotografadas, nem filmadas.

Porque o espírito é mais forte
que o corpo fragilizado
por sua condição humana.

Os voos espirituais
começam em sonhos
de velocidade supersônica
inacreditável, imensurável.

As viagens do espírito
são pioneiras, desbravadoras.
Aventuras inesquecíveis,
expedições memoráveis
a regiões inexploradas.

Theresa Catharina de Góes Campos
Araruama-RJ, dezembro de 1963

A VIAGEM DENTRO DE MIM

A viagem dentro de mim
não tem previsão de retorno,
não tem rumo certo.
A viagem de meu coração
me leva e me faz ficar
em muitos países
sem nunca chegar a eles,
ou neles permanecendo,
sem conhecer a dor de um adeus.

A viagem dentro de mim
me reserva tantas surpresas!
Daí eu ter tanto medo...
e fico, chorando,
dentro de meu coração.

Theresa Catharina de Góes Campos
Montevideo, Uruguai, fevereiro de 1964.

(a seguir, o texto original, em espanhol:)

EL VIAJE DENTRO DE MI

El viaje dentro de mi
no tiene una previsión de regreso.
no tiene una dirección cierta.
El viaje de mi corazón
me lleva y me hace quedar
en muchos países
sin jamás llegar a ellos
y sin conocer
el dolor de uno adiós.

El viaje dentro de mi
me atesora
tantas cosas inesperadas!
Entonces yo tengo tanto miedo...
y me quedo, llorando,
dentro de mi corazón.

Theresa Catharina de Góes Campos
Montevideo-Uruguay, febrero de 1964.

SI OLVIDO EL DOLOR, ME OLVIDO!

Si olvido,
pierdo todo...
mismo el recuerdo...

Si olvido,
pierdo el sueño,
la fuerza de la memoria
y el aprendizaje
de todo sufrimiento.
Yo no tengo más
lo que he ganado
en días muy lejos
por las manos del amor.

Si olvido,
olvido el dolor,
la melancolía,
la inseguridad...
pero ME olvido también!

Theresa Catharina de Góes Campos
Buenos Aires - Argentina, febrero de 1964

SE ESQUEÇO A DOR, ESQUEÇO DE MIM!

Se esqueço,
perco tudo...
até a recordação.

Se esqueço,
perco o sonho,
a força da memória
e o aprendizado
do próprio sofrimento.
Não tenho mais
o que ganhei
em dias muito distantes
pelas mãos do amor.

Se esqueço,
esqueço a dor,
a melancolia,
a insegurança,
mas ME esqueço também!

Theresa Catharina de Góes Campos
Buenos Aires, Argentina, fevereiro de 1964.

NO PAIS DE SÃO SARUÊ

(poema inspirado no filme "O País de São Saruê" – Brasil,1971 – de Vladimir Carvalho)

Não faltam terras
nem sementes
no Pais de São Saruê...
Nem braços, nem mentes criativas.
Não há escassez de riquezas,
nem obstáculos intransponíveis.
Aqui, os mil e um recursos
se contrapõem à face gigantesca da miséria
e poderiam torná-la coisa do passado...
mas os mil e um recursos esperam
pela vontade dos líderes no poder,
que ficam a mistificar,
adiar e protelar
o que não têm o direito de adiar.

No Pais de São Saruê,
nada falta... só JUSTIÇA!
Nada falta e, no entanto,
aqui fazem da terra,
madrasta cruel...
e tudo parece faltar
porque não há JUSTIÇA!

Até Deus parece distante,
quando não se faz JUSTIÇA!

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília -DF, 17/07/1987.

AS FLORES VESTIDAS DE LUZ

Eis que o momento esperado
nos sonhos e no dia-a-dia
chegou, afinal realizado.
As flores vestiram-se de luz,
as folhas saudaram o arco-íris
e sorriam para o sol
com a mesma alegria
com que acenaram
para o orvalho matinal.

Você esperou por mim
no topo da colina.
O seu sorriso tinha a magia escondida
que eu só conhecera, antes,
na mansidão do pôr-do-sol.

O seu sorriso cobriu de prata
as planícies que recordávamos;
e as flores continuaram sorrindo,
enquanto os córregos sussurravam,
trocavam confidências inesperadas
com as árvores mais amigas;
e os ramos de todas as árvores
inclinavam-se para ouvir as abelhas
numa coreografia de movimentos sonoros.

Ansiosos pela ternura um do outro
viemos de tão longe,
com o coração pesado
e magoado... bem medroso
por causa de gestos falsos
e das palavras vazias;

coração medroso
por causa dos sonhos
que morreram meninos
e das carícias perdidas
nos vales profundos do tempo.

Eis que o milagre do amor
revestiu o mundo de uma nova beleza,
como o toque novo de verde
que a primavera usa
como varinha de condão
após o silêncio do inverno.
E as árvores abriram seus braços –
não mais vazios de folhas –
para o céu primaveril.
Todo o universo parecia novo
quando as promessas de amor
deram um sentido à busca
que parecia sem sentido.

Theresa Catharina de Góes Campos
Lac Léman, Genebra -Suíça, 05/09/1960

(a seguir, a versão original deste poema, em inglês)

THE FLOWERS DRESSED IN LIGHT

Then, the moment I waited for so long,
in my dreams and in my daily routine,
came as reality at last.
The flowers dressed in light,
the leaves greeted the rainbow
and smiled at the sun
with the same joy they waved

to the morning dew.

You waited for me
at the top of the hill.
Your smile had the hidden magic
I had seen before only
in the quiet sunset.

Your smile covered in silver
the plains we remembered;
and the flowers were still laughing,
while the streams were whispering,
exchanging unexpected confidences
with the most friendly trees;
the branches of the trees
were bowing and listening to the bees
in their choreography
of sounds and movements.

Eager for each other's tenderness
we came from so far away,
with a heavy heart,
feeling hurt… and so much afraid
because of false gestures
and empty words;
a fearful heart
because of dreams
which died young
and lost caresses
in the deep valleys of time.

Then the miracle of love
gave a new beauty to the world
like the new green touch

Spring always gives
with its new green touch
after the silent Winter.
And the trees opened their arms –
no more empty of leaves –
for the spring sky.
The whole universe looked as new
when the love promises
gave a sense to the search
which apparently had no sense.

Theresa Catharina de Góes Campos
Lake Leman, Geneva -Switzerland (September 5, 1960)

A METAMORFOSE CONSCIENTE

Enfrentei as recordações tristes
para que a amargura
não me transformasse
no que eu não queria ser;
enfrentei a insistência da tristeza
para não me perder no labirinto
de eventos que não posso controlar.
Persisti na esperança...
Continuei a percorrer,
com medo mas sem desistir de caminhar,
as avenidas da poesia.

O braço forte de Deus me sustentou
até onde a busca me levou.
Antes de ser árvore, fui semente;
fui nuvem, perdida no céu,
antes de me transformar em chuva
e fertilizar o solo.

Os desencontros, as derrotas
e as não-respostas
me levaram à caverna escura
onde o meu tesouro estava guardado,
esperando por mim...

Theresa Catharina de Góes Campos
Cap-de-la Madeleine, Província de Québec - Canadá, junho de 1972.

(versão original do poema)

THE CONSCIOUS METAMORPHOSIS

I did face my sad memories
so that bitterness
would not change me
in what I did not want to be;
I faced the stubborn sadness
so that I would not get lost
in a labyrinth of events
I cannot control.
I went on being hopeful…
I went on walking,
feeling afraid but
not wanting to give up,
walking through poetry avenues.

God's strong arm supported me
wherever my search took me.
Before being a tree, I was a seed;
I was a cloud, lost in the sky,
before I changed into rain
and fertilized the soil.

Defeats, no-answers
and failure in meeting
took me to the dark cave
where my treasure was being kept,
waiting for me…

Theresa Catharina de Góes Campos
Cap-de-la Madeleine - Province of Québec, Canada (June, 1972)

RAZÃO DE TODAS AS COISAS

Eu penso.
Eu existo.
Eu amo.

Porque você pensa em mim.
Porque você existe.
Porque você me ama.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - Pernambuco, abril de 1960.

SLOGAN DE VIDA

Viver sem arte
não é viver:
dê poesia de presente!

Theresa Catharina de Góes Campos
Garanhuns - Pernambuco, 15/04/1970.

HORTA E JARDIM: CORES E PERFUMES COTIDIANOS

As frutas coloridas
deram um toque de arco-íris
ao lanche saudável das crianças.
As flores fizeram da sala
um jardim interno, acolhedor.
Os morangos do nosso quintal,
recolhidos amorosamente
em minhas mãos fatigadas,
golpeadas e feridas,
chegaram à mesa da varanda
no aconchego de meu avental.
E nós todos, mãe e filhos,
cheirávamos a hortelã!

Nesses versos despretensiosos
meu coração quis fotografar,
como, se fosse eu artista,
decidiria em cores pintar,
uma cena bem realista
de meu cotidiano familiar,
na aparência tecido
com a arte da natureza,
no jardim e na horta,
cultivados e protegidos,

antes de a neve chegar
para tudo, com firmeza,
em longos meses dominar
com a sua uniformidade
misteriosa, desafiadora.

Assim, em nossa imensa casa,
em cuja frente plantamos
cento e vinte mudas de árvores -
elmo chinês, rápido em crescer -,
nossos morangos perfumavam,
na sua época tão breve,
a cozinha em permanente atividade.
Mas em todos os cômodos,
nos quatro andares da residência,
onde eu espalhava dezenas de ramos,
todos nós, mãe e filhos,
cheirávamos a hortelã!

Theresa Catharina de Góes Campos
Ottawa - Ontário, Canadá (13/06/1982)

A DESCOBERTA MAIOR

Descobri que,
se eu estou a perder,
posso até sair ganhando.
Os soluços podem quebrar grilhões!
Se fiquei livre é porque
vivi a plenitude do pranto,
tomando as lágrimas
para construir o meu canto.

Por trás de cada soluço
encontrei vitórias não-planejadas.
Foram se tornando visíveis...
depois que aceitei
e confessei a derrota
que veio gerar a vitória.

O que perdi, não mais me prende...
O que não tenho mais,
não mais me preocupa.
Quando perdi,
sempre me libertei
porque me desprendi
de tudo que não me pertencia;
me libertei de verdade,
nos mínimos detalhes,
em toda a plenitude.

Quando escuto os meus
lamentos de dor,
tenho o conhecimento
fortalecido
da amplitude do amor.

Se estremeço, é que eu sinto.
Se me dói, é que estou viva!

Quando reconheço as derrotas,
identificando minhas perdas
mais dolorosas,
mostro-me consciente
dos passos necessários
para a vitória tecida
nas lágrimas e nos soluços.

Quando não vejo,
percebo e sinto;
quando não posso tocar,
eu sonho além dos limites;
quando não tenho a benção do sonho,
imagino sem barreiras...

Nas perdas, consigo
nos obstáculos me encontrar;
perdendo, eu ganho;
o que perdi, me enriquece;
o meu choro, o meu lamento
vira canto...
ainda que um canto de dor!

Se eu fico, não devo partir;
se eu parto, não posso ficar.
Se eu perco as forças,
entendo a energia que eu tive...
Se eu vivo é porque...
não morri dentro do pranto!

Se não aceito chorar,

eis que não posso aprender!

O que perdi, abriu as portas
de minha prisão temporária.
Quando eu me perco,
me vou encontrar;
quando me encontro, percebo
os pontos de luz e sombra.

Se recusamos o pranto,
por que cantar a canção?!

As minhas perdas
me transformam
e me vão levar
a momentos de coragem;
quando estou vulnerável,
reúno todas as forças;
quando sou magoada,
eu me ponho a caminhar...

Se eu choro, posso fugir;
na fuga, posso vencer.
Se eu choro, posso mudar;
se eu mudo, posso vencer.
Se eu choro, depois sorrio...

Da lágrima, faço janela;
do pranto, faço canção;
da canção, faço arco-íris;
da perda, faço caminho.

Nas minhas lágrimas,
eu me purifico, me afasto,

dessa maldade do mundo!
Com os meus versos enfrento
toda a calúnia do mundo.
A minha canção me liberta
dessa arrogância do mundo.

E quem zombou
não me viu,
a sorrir
por entre as lágrimas...
E quem fugiu,
depois das maldades,
vitoriosa não me viu
vencer o mal
com a canção dos meus versos!

Se amo
é porque te quero
nos teus versos e
no teu pranto
a construir os teus sonhos.

Se recusamos o pranto,
como fazer a canção?

De que me serve o choro
que não me leva à canção?
De que me serve a lágrima
que não me dita o poema?

Do choro, faço meu barco;
do pranto, faço acalanto;
do choro, faço uma porta
e uma janela escondida.

Nas lágrimas, eu vejo as estrelas;
no pranto, eu sinto o luar.
Das lágrimas não quero fugir
porque refletem os teus olhos.
Da prisão de teu olhar,
eu já consegui voar.

Se aceito perder, eu ganho
o riso que eu não perdi;
se aceito chorar, eu ganho
o poema de meu pranto
e a canção que me procura,
e me encontra,sem falhar,
nas rugas do meu coração.

De que me serviria vencer,
se não pudesse cantar?
Perder também é ganhar,
a lágrima conduz ao riso;
o riso pode ser um lamento,
um grito disfarçado de dor.
No choro, posso encontrar
o riso, o sorriso, a canção
que se escondiam de mim!

E quem quiser descobrir
a descoberta maior,
aceite as lágrimas do canto;
vá chorando, vá sofrendo
e aprenda a se conduzir
à vitória do viver.

O que não tenho me enriqueceu.

Descobri que o sucesso
também pode derrotar
e que as resistências talvez tragam
muitas afirmações corajosas.

Se choro, é porque senti;
se canto, é porque chorei;
se eu vivo é porque morri
na dor , em cada uma das dores;
se venço é porque aprendi
com as perdas, os golpes
do meu viver desprotegido.

E perdendo, vou ganhando;
nas quedas, me levantando;
sofrendo, vou conseguindo
viver sem desistir;
e amando, caminhando
no amor e na dor,
vou construindo o meu SER.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 24/07/1989.

ESPAÇO INFINITO DO CORAÇÃO APRENDIZ

No "meu" espaço infinito,
sempre cabem meus amigos.
O meu coração, aprendiz,
estuda e fala todas as línguas.

No "meu" espaço infinito,
embora também limitado,
os caminhos são bem-vindos,
os obstáculos, vencidos.

Esse espaço infinito
é universo de sonhos
que se renova e recria
na luz do realizar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Água Preta, Pernambuco, 18/05/1962.

A ESPERANÇA INVENCÍVEL

Conhecemos alguns caminhantes
de esperança invencível,
fortalecidos por uma energia
que,dentro de si mesmos,
movimenta seus corpos,
impelindo-os a caminhar
enfrentando ventos e neve.

Homens e mulheres a buscar um ideal
ao qual se dedicam
porque lhes sintetiza a vida.
Um poder imperecível,
uma crença
a iluminar cada vereda
com uma alegria independente
de qualquer recompensa material.

Um escândalo para o mundo!
Uma bênção para nós!

Theresa Catharina de Góes Campos
Gruyères, Suíça, agosto de 1960.

Versão original:

THE UNFAILING HOPE

We know a few people
who walk with unfailing hope,
a force inside moving their body,
forcing them to walk
against wind and snow.

Men and women searching,
giving themselves to an ideal
that summarizes life to them.
An imperishable power,
an ideal,
brightening up any path,
giving joy,
independent of any material reward.

A scandal to the world!
A blessing to us!

Theresa Catharina de Góes Campos
Gruyères - Switzerland, August, 1960.

ASSÉDIO POÉTICO

Como os poetas, em geral,
vivem no mundo da lua,
escrevem com a luz do coração,
e não se cansam de oferecer
versos carinhosos aos amigos,
como se presentes fossem,
magicamente tocados,
envolvidos em sentimentos
e com palavras inspiradoras.

Ignoram, talvez, se
os seus poemas desajeitados,
jamais por alguém solicitados,
nem esperados, também,
incomodam quem os recebe...

Talvez porque, nesta existência sofrida,
entre muitas outras razões,
parecem os poetas em outro mundo viver.
Ah, essa gente, por tantos incompreendida!
Sonham numa outra dimensão...
diferente, com certeza.Ou esquisita.
Em outro universo, no espaço sideral,
parecem os poetas transitar, respirar.

E não se cansam de insistir,
compondo, enviando versos,
sem perguntar se os seus poemas
vão ser bem-vindos, acolhidos...
se há um espaço disponível,
na vida intensa, apressada,
dos destinatários ocupados,
à realidade do cotidiano atentos,
sem o tempo necessário à leitura
de poesia desprezada por autoridades
porque seria inútil à sociedade...
E porque precisam cumprir numerosos,

importantes e urgentes compromissos.

Como os amigos dos poetas
são destinatários educados,
gente séria, de coração bondoso,
às vezes escolhem ficar calados.
Sem nada dizer, sem reclamar,
sofrem com paciência o assédio
dos poetas, seus amigos.

Como nossa vida pertence a Deus,
o Poeta Maior de todos nós,
nossa dádiva são versos pessoais
porque só podemos dar o que temos:
nossa poesia, por demais reveladora
de nossa fragilidade avassaladora,
abrindo portas e trilhas sem fim
em nosso íntimo desvendado
quase sem pudor ou reserva.

Os poetas ficam insistindo,
nem se desculpam aos amigos,
por tantas mensagens mandarem.
Com certeza, os poetas tentam,
com desespero disfarçado,
estabelecer maior comunicação
entre as pessoas queridas.
Tentam, persistentes, manifestar
os sentimentos que afloram
além dos diálogos comuns,
práticos, realistas, pragmáticos.

Que nos desculpem os amigos
por nossa impertinência.
Que nos perdoem o assédio poético.
Somos culpados, reconhecemos.
A nosso favor, digo apenas, que
vivemos com o coração na mão,
sempre a pulsar, fazendo poesia.

Inclusive para ofertá-la aos amigos.

Pedimos ainda mais compreensão
para essa inundação, avalanche de versos,
porque assédio poético não é crime.
Os poetas fazem questão de afirmar
a não existência desse crime, decididos
a continuar invadindo, com afeto e lirismo,
o espaço de seus familiares e amigos.

Se Deus onisciente, o Poeta Maior, que
nos concedeu o potencial de, com palavras,
também criar, repetir versos e poemas,
nos aceita, nos entende perfeitamente,
esperamos que nossos destinatários
reservem um pouco de seu tempo
para acolher nossas poesias singelas.

E que Deus, Poeta Maior,
nos abençoe a todos nós,
com palavras responsáveis,
eficientes e criadoras,
mas sobretudo fraternas,
no dia-a-dia solidárias,
sejamos ou não poetas.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo-SP, 31 de janeiro de 2009.

ENXUGAR AS LÁGRIMAS

Você já pensou
na beleza criada
pelas mãos paradas
a desenharem
o gesto em potencial?

Alguém já explicou
que a essência das mãos
se definiria...
no que estão prestes a criar?

Se os homens cantassem
os sonhos e as ilusões que matamos
nas profundezas de nossos corações,
muitas mãos se uniriam
a criar e a construir,
apaziguar, consolar...

Se proporcionássemos às crianças
a alegria da paz,
na companhia de pássaros e borboletas,
os seus risos seriam puros
e teriam o poder inocente
de apagar nossas lágrimas.

Theresa Catharina de Góes Campos
Montreux - Suíça, agosto de 1960.

(a seguir a versão original, em inglês):

WIPING OUT TEARS

Have you ever thought
about the beauty
quiet hands create
when they draw
the potential gesture?

Has someone ever explained you
that the essential thing in a hand is…
what the hand is about to create?

If men would sing
the dreams and the fantasies
we kill deep down in our hearts,
many hands would get together
in order to create and to build,
to quiet down and to console…

If we would provide the joy of peace
to all children,
as well as the company of birds
and butterflies,
their laughs would be pure and
they would have the innocent power
to wipe out our tears.

Theresa Catharina de Góes Campos
Montreux - Switzerland, August 1960.

CRIAR EM MEIO À DESESPERANÇA

CRIAR, realizar, construir,
malgrado a repetição
dos gestos maquinais.

Sonhar, perdoar, mesmo chorando,
apesar da mediocridade
aparentemente onipresente,
falsamente onipotente.

Criar, refazer, renovar, reavivar,
em meio à desesperança,
ao desespero que reaparece,
ao desamor insistente.

Avançar, em meio a tantos perigos.
Rezar, quando a fé vai se apagando.
Criar o bem tão essencial,
nos momentos mais cruéis.
Tudo para que a graça da Fé renasça!

CRIAR: eis a vitória luminosa
dos heróis, santos e poetas!

Theresa Catharina de Góes Campos

Québec - Província de Québec, Canadá, 13/01/1973.

MIRAGEM DO REFÚGIO INACESSÍVEL*

Se os jovens fossem jovens
aceitariam o sacrifício heróico
tal como parte e condição do amor.

Se os homens soubessem transmitir
todas as palavras que aprisionam
dentro de si, covardemente,
as canções e as mensagens que apagaram
fluiriam sem cessar, noite e dia.
E os sonhos seriam realizações;
as sementes protegeriam o trigo latente,
e, mesmo invisíveis, as sementes
seriam pão e flor, árvore e frutos.

Porque algo tão simples
parece um sonho distante,
sinto medo do mundo.
Quero buscar um farol...
para ali viver protegida, mas
capaz de proteger outras vidas.
Porém a raiva do mar, os recifes
e as ondas de som furioso,
estão em meu caminho,
não me permitem passar.
Isso é realidade ou, quem sabe,
uma visão juvenil, imatura,
criada pelo medo que eu sinto?

Theresa Catharina de Góes Campos
Caux-sur-Montreux - Suíça, agosto de 1960.

*Atendendo a meu pedido, a comemoração familiar de meus 15 anos (13 de janeiro de 1960) foi um piquenique com a minha mãe e meus irmãos, Fernando José e Victoria Elizabeth, nas proximidades do Farol de Santo Agostinho, localizado na praia do Cabo de Santo Agostinho (Cidade do Cabo, próxima ao Recife, em Pernambuco).
Meu pai não pôde ir conosco porque estava trabalhando, mas providenciou o veículo e o motorista para o nosso passeio.
O destaque, nessa programação para celebrar meu aniversário natalício, foi a visita que fizemos ao Farol, especialmente solicitada por mim, pois eu dizia, na época, que seria ótimo viver num farol.
À noite, em casa, na Praia de Piedade (Jaboatão - PE), meus pais, meus irmãos e eu festejamos na forma tradicional: bolo e parabéns, recordando os momentos tão agradáveis no Cabo de Santo Agostinho, o que vimos no
interior do farol, o que conversamos com o faroleiro.
Para falar com mais sinceridade, o fato é que, na época, eu afirmava querer morar num farol, quando me tornasse adulta. Seria essa a minha vocação paralela, num local que me parecia ideal (tranqüilo e solitário), o que não me impediria de exercer, concomitantemente, a vocação de jornalista, escritora e poeta. (Bem, era o que eu dizia, compenetrada...)
Devo registrar que meus pais, sabiamente, riam um pouco e comentavam sobre as dificuldades, sobretudo a solidão, no trabalho e na vida em um farol. Mas não se posicionavam contrários à minha decisão...
Meses depois, cursando o clássico, no Colégio de São José (Recife - PE), fundamos e passamos a editar, no formato tablóide, um jornal estudantil, impresso em branco e verde, com fotografias e bastante informativo. Chamava-se "O Farol", nome escolhido por mim e aprovado com a minha argumentação sobre periódicos homônimos, históricos, no Brasil e em outros países, o simbolismo da palavra, etc.

Durante os três anos de nosso curso clássico, "O Farol" esteve sob a responsabilidade das quatro fundadoras e editoras: Tereza Halliday, Tereza Dubeux, Isabel Brayner e eu.
Depois, nos tornamos universitárias e deixamos o nosso jornal "O Farol".
Na comemoração dos quarenta anos de nossa formatura do clássico (1962-2002), houve a publicação de um número especial de "O Farol", com a reimpressão de artigos selecionados.
Ainda guardo alguns números desse meu jornal tão querido, editado e redigido com o entusiasmo pioneiro de suas quatro editoras e inúmeras colaboradoras. Impossível não me emocionar, ao reler suas páginas, embora tivesse havido, antes, outros jornais em minha vida.
Como o meu "tablóide" da infância, que eu fazia manuscrito, desde os oito anos, sozinha, e também se chamava "O Farol"; e outros, na adolescência, em trabalho de equipe, como o informativo impresso do CESP - Centro dos Estudantes Secundários de Pernambuco, entidade cuja diretoria eu integrei, como secundarista e participante do movimento estudantil democrático.
Representando o CESP, ao lado de ótimos colegas e amigos, fiz muitas viagens inesquecíveis, para reuniões e congressos, servindo e aprendendo com populações carentes, o que me deu a oportunidade de conhecer melhor Pernambuco e o Brasil.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 31 de janeiro de 2009.

A FORÇA DA MULHER

Do vento e da semente
ela extraiu sua energia,
seus poderes subestimados.
De rosas e poemas
teceu a beleza de sua força,
perfumou o seu caminho.

Theresa Catharina de Góes Campos
Kingston - Ontário, Canadá, 01/10/1975.

QUE SEJA FELIZ...

A quem me magoa
desejo felicidade e peço:
não me magoe mais!

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 24 de fevereiro de 2009.

AS TRÊS MAIORES DÁDIVAS

De nossos pais recebemos,
meus irmãos e eu,
os três melhores presentes
que se pode dar a alguém,
seja em que tempo for,
esteja-se onde estiver,
em qualquer época da vida.

Determinados no amor
a cumprir sua missão,
nossos pais nos ofertaram
os três melhores presentes
que se pode receber:
a Fé, a disciplina e o
seu exemplo inesquecível.

Filhos e parceiros de Deus,
na vida que receberam,
nas vidas que transmitiram,
nossos pais foram autênticos
Reis Magos, ofertando com afeto
os seus tesouros do amor maior,
vivendo a contínua revelação da
Epifania familiar, em seus atos

e palavras educadoras.

Repetindo ambos, sem cessar,
os seus exemplos de vida,
jamais se fatigaram eles de
mostrar a sua vivência de fé,
na disciplina do amor diuturno,
nas ações de princípios visíveis.

Com as suas três maiores dádivas:
fé, disciplina e seu exemplo,
para a vida nos prepararam com
ideais de caráter e princípios
vivenciados no cotidiano de amor.

Sabiam eles, muito bem,
o quanto a fé nos fortalece
em todos os momentos
desta vida tão plena
de perigos e sofrimentos.

Sabiam nossos pais,
com certeza, que sem
disciplina, pouco se realiza
de belo e útil nesta vida...
muito menos a construção

do caráter, o exercício da
responsabilidade necessária.

E que ensinamento haveria,
para os seus tão amados filhos,
maior que o exemplo diário
de suas vidas honestas,
de educadores incansáveis ?

Nossos pais já se foram deste mundo,
mas os seus melhores presentes,
as suas três maiores dádivas
que ofertaram a seus descendentes,
são presentes relembrados, repetidos
na memória, nas lembranças,
em tantas mil recordações, como
na saudade imensa que deixaram!

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo - SP, 1º de fevereiro de 2009.

SE PAPAI CHEGASSE MAIS CEDO...

Se meu pai chegasse mais cedo,
todos os dias me levaria
a passear e brincar no parque.
Eu queria tanto, tanto mesmo,
que todos os dias fossem
como os domingos ensolarados...

De qualquer modo,
chovendo ou fazendo sol,
com papai sem sair
tão cedo para trabalhar,
qualquer dia sempre seria
um domingo feliz para mim!

Theresa Catharina de Góes Campos
Niterói- RJ, agosto de 1963

OS AMIGOS NOS LIBERTAM

Amigos são pessoas escolhidas,
muito especiais e diferentes;
caminham a nosso lado
como anjos protetores,
segurando nossa mão
(ainda que isso não seja visível),
tocando nosso arredio coração
por demais temeroso,sensível.

Louvado seja Deus,
pelas bênçãos da amizade
que nos resgata do egoísmo atrofiante.

Todos os dias, aleluia,
nossos amigos queridos
conseguem nos libertar...
de nossa individualidade
exclusiva, narcisista.

Todos os dias, mesmo
ausentes, distantes...
ainda que estejam
no silêncio refugiados,
atrasados, indecisos,
os nossos abençoados,
preciosos , queridos amigos,
aleluia, enfim nos libertam
de nós mesmos.

Theresa Catharina de Góes Campos
Thousand Islands - Estado de Nova York, EUA (outubro de 1975)

O BEBÊ E AS BRINCADEIRAS DO SOL

O bebê estava chorando
exigindo atenção, um olhar -
esperando carinho
mas sem sucesso:
os adultos tinham afazeres demais.

O sol descobriu a cortina aberta
e entrou já mostrando os dentes.
Sentiu a pele do bebê,
tocou suas bochechas,
beijou seus olhos curiosos
e, ternamente, dengoso,
fez cócegas a seu nariz vermelho e sujo.

Uma criança pequena
é a platéia mais atenta
para a dança, a coreografia
de cores e brilhos
nas brincadeiras do sol.
O bebê atendeu ao chamado
de calor, luz e sombra;
amou, sem reservas,
as lantejoulas bailando,
os movimentos inesperados;
e até esqueceu que os adultos
estavam tão ocupados.

Theresa Catharina de Góes Campos
Fort Henry - Província de Ontário, Canadá, setembro de 1975.

HELOÍSA HELENA DE CASTRO GUIMARÃES
(Acróstico)

Heloísa respira e vive uma
Existência orientada pela caridade.
Lá no seu íntimo, sensível às artes,
O norte e o sul, tão atentos,
Igualmente indicam, sem dúvida,
Seu foco no ser humano -
A preocupação permanente.

Há na sua vida o sofrimento
Em fases, estágios prematuros.
Legado de saudades antecipadas
Em que a ausência materna
Não pôde acompanhar sua infância e
Adolescência sob a proteção paterna,

Dádivas afetivas Heloísa recebeu
Em abundância: muito amor e carinho.

Caminhos de luta, acertos e realizações
A seus passos determinados, conscientes,
Se abriram para a sociedade e o mundo.
Trilhas, estradas iluminadas pela ética.
Rompendo os obstáculos com seus ideais,
Onde ela estivesse, com seus princípios.

Ganhou muita gratidão, amizades, admiração.
Uma vida dinâmica e produtiva, generosa.
Intensa e profunda em sua disposição
Magnânima, de atitudes compreensivas.
As pessoas que encontra, conquista...
Reconhecendo necessidades e carências,
A todos se mostra prestativa, cordial...
E procura atender com bondade,
Sem jamais aceitar esmorecer.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo-SP, 29 de janeiro de 2009.

O FRUTO DA JAQUEIRA

Nos gomos da jaca,
no bagaço também,
há deliciosas vitaminas.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF - 04 de março de 2009.

A ESPERTEZA DO POEMA

Os versos não mais aceitaram
viver no íntimo do poeta.
Sem negociar, reagiram,
com voz firme se rebelaram...
exigindo seu lugar no mundo.

A esperteza do poema
no início usou máscaras
de sono e silêncio.
Disfarces e artimanhas,
mil posições de imobilidade,
fingindo até não dispor de voz;
como se mãos não tivessem
para retirar as mordaças.

Ora, mas a poesia tem energia,
uma determinação de heroína.
Com poder de convencimento,
abandona as eventuais redomas
e grita sua mensagem,altaneira.

Tudo bem se muitos não enxergam
o ritmo, o lirismo de seus versos.
Não importa o silêncio de reprovação.

Nem o desinteresse, na pressa da vida.
Nem aqueles que fecham as janelas,
sem aceitar uma visita de cortesia.
O poema abre caminhos, decidido
a não se calar, a não se esconder.

Não aceita mais viver em túneis.
Quer sair dos subterrâneos,
deixar as absurdas catacumbas,
fugir dos túneis sem saída,
não mais viver em cavernas.

É preciso manter a fé, a todo custo,
cultivar a esperança de encontrar
uma porta aberta, uma acolhida
à poesia de braços abertos,
olhar amigo, ouvidos atentos.

Theresa Catharina de Góes Campos
Charlottetown - Prince Edward Island, Canadá (24 de outubro de 1971)

ONDE SE ESCONDE A POESIA SILENCIOSA?

Janela com grade é janela?
Porta fechada continua sendo porta
ainda que não dê acesso?
Vasos com flores na varanda
pequena de apartamento lá no alto
podem vir a ser um jardim?

A poesia nasce com as flores?
Ou nas asas dos pássaros,
nas folhas das árvores?
E onde se esconde a poesia?
Onde vive, quando silenciosa?

Quem colocou o som
dentro dos búzios encontrados
na areia e nos recifes do mar,
atrás das rochas, escondidos?
Por que as ondas do mar
são tão irrequietas na praia?
Nem param na areia, nem
sossegam quando retornam?

Tais perguntas não me incomodam,
apenas se repetem dentro de mim.
São melodias que saem das pautas
avistadas nas paredes invisíveis
de meu coração também irrequieto,
inquiridor, tão desassossegado.

Se não sei as respostas,
não é por isso que vou
parar de me questionar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Rio de Janeiro, maio de 1963.

HAICAI DO SUCESSO

Chorar não aconselho.
Para tudo conseguir,
bem melhor é sorrir.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 03 de dezembro de 2008

SOUNDS OF THE SOUL

If I remember,
I cry.
Why to recall
all those sufferings?

What should I do?

Forget myself?
Change it all, even
the best of myself?

How to stop
this pain
living with me?

Will this suffering ever stop,
will this pain ever go away?

Do I fully realize...
what all this pain did,
it is doing to me,

inside and out,
hidden and visible,
during so many years,
painful decades?

All is gone
except the pain
which insists
to stay with me!
Why? Why this?

If all my strength
is also gone?!

Maybe this pain
built me!

I should be grateful,
I should be repeating
words of thanks,
whether walking or dreaming,
accepting the pain,
realizing it built me
into a mature person
who knows at last
how to feel, to accomplish,
to realize and perceive...
how to love despite all !

Theresa Catharina de Góes Campos
Ottawa-Ontario, Canada (November 29, 1982)

SONS DA ALMA

Se eu lembrar,
vou chorar.
Por que recordar
todos esses sofrimentos?

Que devo fazer?

Esquecer a mim mesma?
Mudar tudo, até
o melhor do que sou?

Como apagar esta dor
que vive dentro de mim?

Será que este sofrimento,
um dia, terminará?
Será que, um dia, esta dor,
esta mágoa irá embora?

Será que eu realmente
compreendo...

O que este sofrimento me fez,
o que esta dor vem me causando,

dentro de mim e no meu exterior,
durante tantos anos
e dolorosas décadas?

Tudo se foi,
exceto a dor

que insiste em
comigo permanecer!
Por que isso? Por que motivo?
Se toda a minha força
também já se foi?!

Talvez porque essa dor
me tenha feito o que sou!

Eu deveria ser grata,
deveria estar repetindo
palavras de agradecimento,
estivesse eu a caminhar
ou sonhando, aceitando a dor,
compreendendo que me fez
o que sou, uma pessoa
amadurecida que finalmente
aprendeu a sentir, realizar,
entender e perceber...como,
apesar de tudo, amar!

Theresa Catharina de Góes Campos
Ottawa - Ontário, Canadá (29 de novembro de 1982)

GIRASSÓIS NO MEU CAMINHO PARA LUJÁN!

Girassóis nos campos,
em meu caminho para Luján!

Uma visão de esplendor
para jamais esquecer.

Ondas de girassóis,
um mar de esplendor,
sorrindo para dar boas-vindas...
girassóis acenando para todos nós,
em cada lado da estrada
para a Basílica de Luján.

Por que me sinto tão magoada?
Os girassóis cumprimentam a vida,
agradecem a Deus,
sorriem orgulhosamente,
tão alegres com a sua vida!

Não há razão para eu continuar
me sentindo magoada
com palavras que ouvi,
atitudes que me surpreenderam,
comportamento perturbador,

acontecimentos inesperados...

Com certeza eu posso
sobreviver com alegria.
Sem dúvida eu posso
viver com alegria.
Basta que eu admire
os esplendorosos girassóis,
para rezar se curvando,
contando as suas bênçãos,
felizes por encontrarem o sol,
o vento, o firmamento,
com encanto e alegria
acenando para todos nós,
em ambos os lados da estrada
para a Catedral de Luján.

Como ouvir sem chorar, sem
mágoa nem tristeza dentro de mim,
palavras mentirosas a dizerem
exatamente o oposto do que pensam;
ações, gestos e atitudes que negam
tudo que foi dito...contrariando
pensamentos e afirmações?

Como escutar tudo isso

sem chorar?

Olhando os esplendorosos
campos de girassóis
que cumprimentam o céu,
acenando para os peregrinos
em seu caminho para Luján.

A dor parece ter se acalmado
somente porque os girassóis
estão, de um modo tão amável,
dizendo "olá" para mim...

Ao chegar em Luján,
rezar e cantar eu pretendo;
reconhecer as muitas bênçãos
que tenho, sem demora...
a Deus agradecendo
na Catedral de Luján.
Haverá girassóis na igreja,
certamente, espalhando
beleza sobre todos os peregrinos.
Ou deveriam estar, ainda,
olhando com alegria para o sol,
a sua imagem permanecendo
apenas em nossa memória,

viva em nosso coração,
nos campos acenando
como anjos sorridentes,
arcanjos amigos,
em multidão surpreendente,
maravilhosa, esplendorosa,
em cada lado da estrada,
em nossa peregrinação a Luján?

Theresa Catharina de Góes Campos
Luján - Argentina, fevereiro de 1964

SUNFLOWERS ON MY WAY TO LUJÁN

Sunflowers in the fields
on my way to Luján.

A vision of splendor
to keep forever.

Sunflowers' waves,
a sea of splendor,
smiling to welcome,
sunflowers waving
to all of us
at each side of the road
to Luján Basílica.

Why do I feel so hurt?
The sunflowers greet life,
thank God,
smile proudly,
so glad with their life!

No reason for me
to go on feeling so hurt
due to people’s words,
surprising attitudes,
disturbing behavior,
unexpected events...

I can certainly survive
with joy.
Surely I can live
with joy.
I just have to admire
the splendorous sunflowers,
smiling and waving,
bowing to pray,
counting their blessings,
happy for meeting the sun,
the wind, the sky,
gladly and charming

waving to all of us,
at both sides of the road
to the Luján Cathedral.

How to hear without crying,
without feeling
hurt and sad ,
inside me, untrue words,
speaking just the opposite
of what is thought;
actions, gestures and
attitudes which deny all
that was said ...
against feelings and
thoughts?

How to hear all that
without crying?

Regarding the splendorous
fields of sunflowers
greeting the sky,
waving to the pilgrims
on their way to Luján.

The pain seems to quiet down.

Just because the sunflowers
are saying such a nice hello to me...

Arriving to Luján,
I intend to pray and sing,
to count my blessings
with no more delay...
thanking God for everything,
at the Luján Cathedral.
Sunflowers will certainly be
at the church, spreading beauty
all over the pilgrims.
Or should they still be
looking gladly to the sun,
their picture remaining
with us only in our memory,
alive in our heart,
waving like angels in the fields,
smiling and friendly angels,
as a surprising, wonderful,
splendorous crowd,
at each side of the road,
on our pilgrimage to Luján?

Theresa Catharina de Góes Campos
Luján - Argentina (February, 1964)

ATÉ ME ENXERGAR COMO PRISMA E CALEIDOSCÓPIO

Porque eram lamentos
em lágrimas transformados,
seguidos de soluços...
Porque eram dores escondidas,
gritos esquecidos na memória,
eu me determinei a esconder,
a sepultar essas memórias,
amigas de todas as horas...
esses bons companheiros,
embora não fossem populares.

Negligenciei, porém, o fato
de que eram, além de lamentos,
gritos continuamente abafados,
disfarçando lágrimas e soluços,
algo talvez mais precioso e duradouro.

Fiz várias tentativas, para me livrar
desses incômodos sentimentos.
Mas não consegui, confesso...
A força do que eu não queria
reconhecer irrompeu em mim,
me inundou, me jogou ao chão.

Até que me fiz doente...
e no sofrimento consegui
me enxergar como prisma,
me perceber como caleidoscópio.

Fui obrigada a me curvar,
a olhar de frente, constrangida,
a soluçar tanto, até que, em
minha mente, aceitei o inevitável.

Porque além de lamentos,
esses gritos,lágrimas e soluços,
eram atitudes, ações de vida:
eram versos e poemas
reclamando seu espaço,
pedindo voz e libertação.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, setembro de 2001.

AS VIAGENS DO VENTO

Vento gosta de viajar sem parar.
Sozinho, seguro de si, vigoroso,
assovia, canta, desperta a lua,
convoca as estrelas, acorda o sol.
Até faz visitas sem avisar...
bate nas portas das casas,
ameaça quebrar as vidraças,
entra nas casas falando alto,
faz voar as flores nos vasos,
arranca do jardim os amores-perfeitos.
Ou vai entrando sem bater,
como se fosse dono de tudo.
Até nas igrejas históricas
o vento entra sem a menor cerimônia.

O Vento veleja, navega,
convoca as ondas, desperta
os peixes, os cavalos-marinhos,
chama as sereias pra cantar com ele.
Faz até coro com os golfinhos,
unindo sua voz às suas melodias
de comunicação, inteligentes,
sensíveis, que acompanham
seus movimentos graciosos.
Vento veleja e navega,
sem ter medo das ondas do mar.
Acho até que ele faz
coleção de búzios e conchas,
para não se esquecer do mar.

Não sei se o Vento viaja
com ajuda de mapas.
O certo é que não pára
de viajar, subir e descer
montanhas, escadarias,
vales e colinas, senhor de si.
Viaja até o Polo Norte,

segue depois até o Polo Sul.
Conhece os iglus, sorri dos
pinguins trajados a rigor.

Chega aos escaldantes desertos,
ao oásis hospitaleiro dos berberes.
O Vento atravessa também os lagos,
cruza os desfiladeiros, sem medo;
faz-se presente nos vales,
quando é de sua vontade.
Sim, porque ele me parece
ser um viajante egoísta e mimado.
Malcriado, insolente e voluntarioso.
Quase um ditador ...se a natureza
deixasse o Vento mandar em tudo.
Nas florestas e matas, o Vento
não se faz de rogado: assovia
e canta com as folhas,
os ramos e as copas
de árvores tão altas
que podem estar a desafiá-lo.

Será que o Vento também conhece
canções de ninar, ou
histórias para contar
às crianças como eu?
Se o Vento não sabe,
é porque não aprendeu...
e não aprendeu porque
ele não pára de viajar.
Que vida boa!
Se parasse um pouco
iria aprender a recitar,
com os garotos de Olinda,
a história das igrejas.
Se ao menos por alguns minutos
o Vento aceitasse parar,
nas lindas paisagens de Olinda,
aprenderia com os pequenos guias,

a repetir a história da cidade
e de seus mosteiros serenos.
Mas Vento não pára nem
para aprender, só faz passear...

Vento viaja, voa, veleja
e navega, afoito, ousado.
Viaja e viaja pra todo lugar.
Até sem bússolas, nem mapas.
Vento nem precisa de avião!
Aliás, gosta muito de empurrar
o vôo desses aviões, acompanhar
suas asas, os seus motores,
porque, penso eu, sem ter muita certeza,
que o Vento os considera seus amigos.
Deve ser também admirador
de seu colega viajante Marco Polo,
de Dom Quixote e do meu herói aviador,
o escritor francês Saint-Exupéry.

Vento só faz viajar.
Viajar e passear...
O Vento não cansa de viajar.
Nem de viajar, nem de velejar,
nem de voar, nem de navegar.
Nem de assoviar e cantar.
Nem de entrar sem cumprimentar
e sair sem dizer até logo ou adeus.
O que Vento gosta mesmo é de viajar.
E brincar de esconde-esconde.
Não aceita ordens nem limites.
É indisciplinado e teimoso.
Decide viajar e pronto! Vai!
Sem combinar com ninguém.
Que aventura, a vida do Vento!
Vento viaja, viaja, até cansar.
Acho, porém, que ele não cansa.
Pois ninguém cansa de coisa boa.
Vento vive a brincar,rodopiar e dançar.

Vento veleja, voa, navega e faz um balé
de nuvens e mais nuvens de poeira.

Sem relógio nem roteiro,
é uma aventura atrás da outra.
Nem sei por que, às vezes,
o vento parece estar zangado,
com raiva das pessoas,
que correm dele, depressa.
tentando escapar de sua fúria.
Vento vive a passear.
Sua vida é brincar, brincar.
Que vida boa o Vento leva!
Vou perguntar se posso, um dia,
quem sabe, acompanhá-lo
em suas muitas viagens.
Nem precisará me dizer
qual o destino: vou com ele,
para onde o Vento me quiser levar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Olinda-Pernambuco, junho de 1961.

BOLAS E CARAMBOLAS

Porque o nome da carambola
lá no fim tem bola,
vou comer a carambola.
Depois, vou sair pra brincar,
jogar um tempo com a bola.

Por que eu não posso
chutar também a carambola?
Porque de plástico é a bola,
só posso usar a bola
no futebol? não posso
botar, na boca, a bola?
Por que não posso, suado,
tomar sorvete de graviola?

— Está bem, está bem,
já entendi...vou jogar
lá fora, brincar com a bola.

Antes, vou comer a carambola!
Vou pedir sorvete de graviola.
Quem sabe, se eu não desisto,
se ficar insistindo, pedindo,
ganho tudo isso, que eu tanto quero?

Não somente a bola,
mas a carambola...
e o sorvete de graviola.

Quando eu acabar
de jogar com a bola,
voltarei para casa. Aí,
não vou querer mais carambola.
Nem carambola, nem bola,
nem o sorvete de graviola.

Isso meus pais me disseram:
que vou chegar com sono
e mais cansado que eles.
Sabem que eu vou largar a bola,
recusar as carambolas,
esquecer o sorvete de graviola.

Logo, logo, fecharei meus olhos.
Talvez, então, nos meus sonhos,
estarei falando sobre jogos e bolas
e muitas, muitas carambolas,
enquanto me delicio
com o sorvete de graviola.

Theresa Catharina de Góes Campos
Caruaru-Pernambuco, janeiro de 1962

MANDEI O SOL BUSCAR A CHUVA

Fazia tanto calor!
O sol brilhava demais...
Mandei que ele fosse
buscar a chuva, rápido,
rapidinho, sem demora.

Como as horas se passavam
e os pingos da chuva não chegavam,
fiquei muito aborrecido...
"Vou conversar é com as sombras
do sol, pois acho que são poderosas."

Não fiquei surpreso quando,
logo, logo, bem depressa,
os pingos da chuva estavam
lavando o meu rosto.
Achei bom demais...porque
mamãe vive a me exigir limpeza.
Que bom, minha mãe não quer
o seu filho de rosto sujo!

Theresa Catharina de Góes Campos
Salgueiro - Pernambuco, julho de 1961

FESTA DE BONECAS

A Tânia Maria Barros, vizinha de infância em Natal-RN, e nossa amiga até hoje.

Decidimos comemorar
o batizado de nossas bonecas.
Desenhamos os convites,
temos um bolo de verdade,
embora de tamanho pequeno,
sucos de fruta para beber,
até não se querer mais...
porque depois, no fim da festa,
costuma faltar lugar na barriga.

Minha irmã Victoria e eu vamos
ter uma festa de bonecas.
Chamamos Tânia, nossa melhor amiga,
a vizinha da linda, enorme casa,
juntinho à nossa residência,
com jardim de rosas de fazer inveja,
e muitas outras flores,
todas cuidadas pelas mãos de fada
de Dona Inês, mãe de Tânia,
João Eduardo e Carlinhos.

Nossa festa vai começar
no muro alto que separa
apenas as nossas casas.
Para nós, não representa
obstáculo algum.
Porque é ponto de encontro
entre vizinhas amigas,
uma ponte que atravessamos
de um lado a outro,

sem a menor hesitação.
Como se fosse uma porta aberta
habitualmente, para acesso fácil
aos nossos jardins e quintais.

Quase todo dia, conversamos
e brincamos juntas,
na maior animação.
Não precisamos abrir portão.
Subimos cuidadosamente
o muro alto, como de hábito.
É a nossa sala de visitas -
ao ar livre, com vista para a rua
e os jardins de nossas residências.

Entre as duas casas,
entre vizinhas amigas,
festejamos o batizado
de nossas bonecas,
que não deixaríamos pagãs.

Mês que vem, teremos festa de novo!
Vamos preparar mais uma comemoração:
o aniversário de nossas bonecas.
Não vai faltar um bolo de verdade,
enfeitado com sementes de romã,
nem suco,nem roupa nova para elas.
Porque tratamos nossas bonecas
como se fossem nossas filhas.

Theresa Catharina de Góes Campos
Natal - Rio Grande do Norte, junho de 1971.

A VIDA É RICA ...EM RISCOS

A vida é rica...
em grandes riscos
e muita rispidez.
Sejamos fortes!
Sejamos persistentes!
Para viver, insistentes.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, agosto de 1987

OVO DE PÁSCOA (haicais)

Colorido ovo de Páscoa,
símbolo da festa cristã,
não pode mesmo faltar.

Comer em demasia
os ovos de Páscoa
é acabar com a festa.

Ser moderado para comer
os deliciosos ovos de Páscoa
evita obesidade e outros males.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 18 de março de 2009.

APRENDIZADO DA ALEGRIA...PARA CONSTRUIR E REALIZAR A PESSOA QUE SONHAMOS SER

Muito precisamos fazer,
ao longo de nossa vida,
para construir e realizar
em nós, a pessoa que nasceu
no Pensamento criador e no plano de Deus,
Aquele que nos concebeu e nos conhece,
como pessoa e ser humano
com potencial de superações,
apesar dos limites e obstáculos,
desde toda a eternidade,
desde todos os séculos.

Embora eu me considere independente,
confesso que ainda assim,
sofro demais, e lamento,
sem aceitar com humildade
ou de forma natural, como deveria,
a dor dos muitos desencontros.

Reconheço, envergonhada,
o meu sofrimento...porque
todo desencontro é rejeição.
Não sendo misantropa,

nem muito menos masoquista,
mas humanista, social e solidária,
me dói a frustração do afeto
que não se concretizou
apesar do meu empenho e sonhos;
me dói a amizade que não
foi possível, como eu tanto gostaria;
me dói a ausência da estima
que não recebi, apesar de querer.
Deixo-me perturbar com os rompimentos,
para mim sempre inesperados.
Sinto-me transtornada com
os conflitos que se estabeleceram
de repente e não foram resolvidos.
Dói-me a ausência de comunicação,
o desinteresse permanente, explícito,
os afetos negligenciados sem pudor.

Ninguém busca o desencontro.
Procura-se, ao contrário, o amor,
a amizade, o apoio que faz falta.
A vida toda perseguimos o amor,
ainda que isso se tente negar
ou esse objetivo maior dissimular.
A ninguém o desencontro interessa
- esse fracasso externo e íntimo

que nos é "forçado goela abaixo"
pela vida, até ameaçar nos derrubar...
porque, sem podermos fugir
da condição humana, somos
frágeis, solitários seres humanos.
Muitas vezes, permanecemos à deriva,
sem rumo e desesperados
por causa do "chão que nos faltou",
nos instantes em que a realidade
se impõe a nossos olhos, ao coração
afinal conscientizado pela mente.

Conquistar nossa independência
como indivíduo - eis a solução,
o único meio de salvação,
seja na ausência dos desencontros
ou apesar da dor dos desencontros.
Um processo fundamental,realista,
necessariamente essencial e pragmático
à nossa libertação do que não podemos
ter, e assim precisamos reconhecer,
pois não nos pertence, não faz parte
de nós, nem de nosso corpo,
nem de nossa alma preciosa.

Daí o aprendizado contínuo

na conquista da alegria pela vida,
que nos concede habilidade para enxergar
seus encantos, descobrindo suas dádivas.
Um processo educativo de amadurecimento
que, na verdade,enquanto estivermos vivos,
nunca vai, felizmente, terminar.

Não temos escolha...porque
não há outros caminhos,
nem soluções fáceis e rápidas.
Opção não é, mas direção
obrigatória, porque o ser pessoa,
única em sua originalidade,
independente como deve ser,
sem a solidariedade rejeitar,
sem a humanidade abandonar,
nem da sensibilidade descuidar,
faz nascer dentro de nós
o único remédio para a dor
dos muitos desencontros.

Integridade e independência,
na conquista de nós mesmos,
vai pouco a pouco representar
uma solução com dignidade,
além de com revelações nos presentear,

sem que cessem os encontros possíveis,
as revelações, os enigmas e mistérios.

Se dói a dor dos desencontros,
muito mais dói não ser pessoa.
Para ser o que sonhamos ser,
há também a alegria dos encontros
possíveis, renovados e cultivados
ao longo de nossa existência.
Mesmo os encontros únicos,
inclusive os encontros fortuitos,
eventuais ou superficiais,
têm o seu papel em nossa vida,
a sua importância para o nosso
amadurecimento necessário.

A vida toda é, na verdade,
um processo sofrido de
nascimento e crescimento,
de mudança e repetição,
consolidação e transformação.
Um aprendizado obrigatório,
libertador, a partir de rejeições e
daqueles desencontros que não
sonhamos nem planejamos
como desencontros definitivos.

Vamos aprendendo, a duras penas,
ao longo de nossa existência,
lutando todos os dias, todo alvorecer,
a cultivar nossa alegria: o nosso abrigo,
a nossa força, o nosso alimento essencial.
Sobretudo, a alegria que precisamos ter
para dar ao nosso próximo,
que isso espera de nós.

Alegria que só depende de nós; a alegria de
estar vivo e querer na vida permanecer ;
alegria de fazer, construir e criar;
a alegria capaz de com o próximo viver
em solidariedade plena: alegria de
ser, alegria para continuar a ser
o que sempre fomos e, talvez,
num determinado momento, nós
nos permitimos esquecer, ignorando,
nós mesmos, o que precisamos ser.
Porque foi assim que sonhamos ser,
a isso nos propusemos como pessoa realizar,
fazendo a nós mesmos o que devemos
cumprir, essa maravilhosa promessa de SER.

Theresa Catharina de Góes Campos

São Paulo, 19 de janeiro de 2009.

MIRABOLANTE!

Circo é mirabolante, sensacional!
Como são eletrizantes, mirabolantes,
os voos dos trapezistas, de tirar o fôlego.

Mirabolantes, os números dos malabaristas,
hábeis nos movimentos rápidos dos malabares.
Os artistas do circo, mirabolantes, lançam arcos
para o ar, no seu trabalho mostrando perícia,
acompanhada com a poesia de cores e luzes .

Quantas histórias mirabolantes,
interpretadas pelos animados ,
mirabolantes e mágicos palhaços!

Viajando, passam por muitas cidades,
fazendo, em todas elas, espetáculos
mirabolantes, fantásticos, fantasiosos,
os esfuziantes acrobatas e palhaços.
Com os seus risos, na platéia repetidos,
fazem o público se divertir e sorrir.

Gostaria de ser um artista de circo,
batendo palmas também para os
trapezistas, malabaristas, acrobatas,
fazendo mágica que eu nem explico
nem sei o segredo...ah, se pudesse,
aprenderia a viver e trabalhar no circo,
transformando a minha vida, todo dia,
numa aventura muito mirabolante!

Theresa Catharina de Góes Campos
Pelotas-Rio Grande do Sul, julho de 1962.

PESCARIA NA QUERMESSE

Eu já vi que nem sempre os peixes
vão parar nos anzóis dos pescadores,
ainda quando eles usam, como iscas,
as minhocas de qualidade...
E quando os pescadores voltam
trazendo peixes, não trazem prendas.

Comigo, porém, é muito diferente,
quando faço pescaria de sucesso
nas animadas festas da paróquia.

Sigo os conselhos do meu pai:
um pouquinho de habilidade e
paciência para direcionar bem
a vara de pescar na minha mão.

A cada dia estou mais experiente
nas pescarias de quermesse.
Assim, ganho uma prenda diferente
por todo peixe que retiro da areia fina.
Eu consigo pescar, mas os peixes
vão continuar lá na barraca, voltam
a seu oceano, um mar de brincadeira.

Para mim, é como um jogo do qual
saio vitorioso, exibindo o que eu ganhei,
com pose de pescador habilidoso.

Penso que aprendi como se deve
fazer na vida: vou ser pescador
sem precisar de minhocas,
nem esperar horas,em silêncio,
à beira do rio, a fisgada na isca, ou
que o peixe decida se deixar pegar.
Vou continuar me divertindo
nas quermesses festivas, populares.

Posso crescer, isso posso, espero
que sim. Vai ser legal, ser adulto.
Só não posso esquecer de ir pescar
prendas e mais prendas nas quermesses.

Theresa Catharina de Góes Campos
Porto Alegre- RS, julho de 1962.

O ALEIJADINHO PERFEITO

Admira-se um artista perfeito,
contemplando suas esculturas
em Congonhas do Campo.
Vê-se o nosso Aleijadinho
sem doenças nem dores.
Um homem realizado no tempo
que transcende a sua existência,
vivendo com arte única, original,
a tragédia de sua vida pessoal.

Obras que nos comovem,
a força e o vigor ali estão.
Inquebrantáveis, com solidez,
em nada lembram o corpo frágil,
deformado e dolorido.
De sua alma heróica dão
um testemunho perene.

Pensamos, desde o primeiro impacto:
Que Aleijadinho, que nada!
O escultor de tantas maravilhas
não pode ser, nunca foi, de fato,
um pobre Aleijadinho.

Eis o mistério, a glória da arte,
a emoção concretizada,
o sentimento visível,
refletindo as idéias do autor;
tornando invisíveis os defeitos físicos,
os efeitos da doença em seu corpo
martirizado,mas nunca vencido.
Quem aplaude o Aleijadinho,
vê e admira o que ele fez,
o que deixou para nós.

Nos olhos de suas imagens,
nas mãos de seus personagens,
nas pregas das vestimentas,
os cabelos, os inúmeros detalhes
em seus anjos e santos percebidos,
nos convencem de que ele foi,
na verdade, um artista incomparável,
o Aleijadinho perfeito !

Theresa Catharina de Góes Campos
Congonhas do Campo, novembro de 1964

MINHAS RAZÕES PARA ESCREVER

Espalhei poesia na minha vida,
pintei com versos as lembranças
esculpidas, construídas, mas
adormecidas no coração silencioso.
Talvez por anelar que a mesma poesia
respingue de versos a vida de outros.

Fiz chover poesia nos meandros,
nas grutas azuis e nos labirintos
de meu íntimo, quiçá para curar,
quiçá para recordações reavivar,
de tantas paisagens, esquinas...
ruelas e cidades de encantadoras,
charmosas praças visitadas.
Coloquei ritmos e rimas
em todas essas lembranças.
Aspergi de versos os canteiros,
borrifei de poesia as flores cultivadas.
E não deu outra coisa: os caminhos
floresceram em cores de poesia.

Tudo isso digo para confessar:
escrevo porque sou/permaneço
frágil e temporária, até assustada

com a mortalidade dos entes queridos,
o desamparo de nossa condição humana.

Escrevo porque sou
forte, consciente, plena
de fé na imortalidade potencial.
Porque sou e permaneço
muito determinada.

Mais facilmente eu diria
a pura verdade, sem mais
nada alegar...nem justificar.
Teria razão se eu dissesse,
simplesmente, sem rodeios:
escrevo porque não consigo
parar de escrever, silenciar
de todo o meu teimoso coração.

As palavras me acordam
com vigor e suavidade
no seu chamado ao papel,
à caneta, à máquina de escrever.
Pela mão me tomam, resolutas
palavras e versos de poesia.
O meu coração tocam,
meu intelecto direcionam,

escrever me obrigam...
pode crer, não duvide...
porque é a pura verdade
dos escritores e poetas.

Quando as palavras me acordam,
às vezes começo a sonhar!
Quando no íntimo silenciam,
já iniciei meu discurso ousado.
Como se fosse dona do mundo,
quando apenas sou escriba,
jornalista não-alienada,
com ideais e metas a realizar
sem demora porque já são
tardios e devidos, prometidos
a mim mesma, a primeira pessoa
a quem dei minha palavra.

Escrevo porque as palavras
também me correm nas veias.
Os versos pulam dos olhos
onde as lágrimas marejam
e a poesia escorre pelo rosto,
chamando a prosa para conversar,
convocando textos e mais textos.

Escrevo porque sou,
porque eu quero ser.
Porque meus olhos vêem,
os ouvidos escutam,
a boca - aberta ou fechada,
deve cumprir sua vocação,
sua missão humanista.
Ou silenciar...para refletir,
sonhar com o silêncio
do amadurecimento necessário.

Que a poesia, os versos, as palavras
pelo mundo afora com amor aspergidas
me façam crescer (e aos outros, também).

— Ei, tenho algo a lhe dizer:
vamos acabar com tanta lenga-lenga,
pois a poesia existe, não precisa
de tanta explicação...por favor
trate de aprender a fazer haicais,
para encerrar esse longo discurso
seu (relatório, depoimento, sei lá!),
com versos precisos, enxutos.
Não demore a fazer isso, porque
preciso fugir, antes que o texto
lhe venha reclamar atenção

(como me fez confidência).
Uma prosa com ele, há muito
lhe é devida e prometida.

Faço poesia porque
a mim não me dá trégua,
não quer largar do meu pé!

— Do seu pé não vou largar,
enquanto você viver.
Não vou sair de seu lado,
não vou largar do seu pé!

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 07 de março de 2009.

CINZAS (haicai)

Cinzas nos lembram
nosso futuro final,
a nos chegar um dia.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 07 de março de 2009.

HAICAI DO AFETO DEMONSTRADO EM VIDA

Importante é demonstrar
nosso afeto pelos outros
quando eles vivos estão.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 03 de março de 2009.

SONHEI COM SANTOS-DUMONT

Nessa noite fui presenteada
(talvez no amanhecer de hoje,
disso não me recordo bem...)
com um sonho precioso.
Logo eu, que não costumo sonhar,
ou de meus sonhos lembrar,
estando de olhos fechados,
para o mundo adormecida.

Numa imagem brilhante,
inacreditavelmente nítida,
em luz diáfana azul celeste,
Santos-Dumont estaria sendo
homenageado num evento
com a projeção de um filme
sobre a sua vida memorável.

Na cena projetada em meu sonho,
ele caminhava, luminoso e firme,
esbelto, altivo, elegante
como sempre é retratado,
usando o chapéu que fez moda
e terno de corte impecável.
Saía de um túnel também azul,
amplo e de traçado moderno.

Ele mesmo, Santos-Dumont,
herói de coração generoso:
recebeu o dinheiro de prêmios
e distribuiu entre seus mecânicos,
fez doação aos pobres de Paris.

Nesse meu presente de sonho,
tudo estava em azul registrado.
Uma imagem única, singular,
tudo em harmonia se integrava,
compondo uma visão dinâmica,

fazendo sobressair, inconfundível,
a figura de nosso Santos-Dumont.

(Que eu me lembre,
de olhos fechados
só tive antes pesadelos,
situações absurdas,
bastante assustadoras.)

Nesta manhã, porém,
recebi do sono o presente
de um sonho a preservar
na memória: seria um filme de
homenagem a Santos-Dumont,
com ele à frente, a se destacar
na cor azul da Aeronáutica,
o mesmo azul intenso dos céus
que tanto amou e o motivou
a pesquisar e a fazer voar.

O azul da paz, também, que
Santos-Dumont sonhava dar
como benefício aos vôos humanos.
Porque o seu sonho declarado,
ideal de ciência e de vida, era
o avião como instrumento de paz,
com potencial para unir os povos,
para tornar as viagens aéreas
uma oportunidade de intercâmbio
entre nações distantes, um meio
de conhecimento, uma fronteira
a mais para o homem conquistar.

É verdade: sonhei com Santos-Dumont.
Mas eu me via confusa, num labirinto,
talvez semelhante ao labirinto inesperado
que o inventor brasileiro vivenciou
nos últimos anos de sua existência
perturbada pelos conflitos do mundo.

Os aviões usados na guerra
foram o seu pesadelo real.
Essas imagens bélicas
o levaram à depressão, ao
desespero de sua alma pacífica.
E nos roubaram Santos-Dumont
bem antes do que nós esperávamos.

Porque os pacifistas nunca vivem demais!
De gente assim, estamos sempre
precisando e sonhando ter conosco.
Pessoas assim, tão essenciais,
deveriam permanecer neste mundo.
Como eterna é a sua memória,
o sonho real, verdadeiro, que
o nosso Santos-Dumont nos legou.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 06 de março de 2009.

PS

Registro aqui, mais uma vez, porque é uma de minhas repetidas citações, o pensamento do escritor e aviador francês Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), que escreveu em seu livro "Piloto de Guerra": "A guerra não é uma aventura. É uma doença. Um tifo."
Aliás, na França, Alberto Santos-Dumont (20/7/1873 -23/7/1932) conquistou, em vida, uma enorme admiração e o respeito à sua memória como pioneiro da aviação mundial.

Theresa Catharina

AS DORES CHORAM INVISÍVEIS

As dores choram por dentro,
a alegria constrói o riso,
a gargalhada, o sorriso.
As dores têm dificuldade
para achar companhia.
Sozinhas, desacompanhadas,
não saem à luz do sol.

As dores são leitos de rios,
ou como os veios das minas.
No coração, são as veias.
As dores são pessoais,
recônditos sombrios
bem individualizados.
Malditas e condenadas,
jamais seguem, as dores,
para o arquivo morto renegadas.

Mesmo se as lágrimas
não cobrirem o rosto,
o sofrimento vai atingir
os nervos e as células.
Mas o sofrimento pode
também fazer pessoas
mais humanas, gente melhor.
O sofrimento, às vezes,
pode curar a alma.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife-PE, dezembro de 1982.

ESTAMOS NO MUNDO PARA SER FLOR E FRUTO

(Haicais)

Do pó viemos,
na terra crescemos...
para ser flor e fruto.

Luz e arco-íris fomos,
(muito antes de ser pó),
no pensamento de Deus.

Rejeitando as sombras,
sonhando ser árvore,
vivemos nossos dias.

Na terra lutamos,
com o sonho, porém,
de um dia ser estrela.

No deserto crescemos,
sonhando ser fonte,
enfrentando os ventos.

Com a semente na terra a crescer,
voltarei a sonhar, quando estrela
eu for...porque semente desejo ser.

A semente canta na terra,
se movimenta, encanta...
Como a roldana das fontes.

Estrelas também cantam.
Não escutamos...porque
não aprendemos a ouvir.

Os cantos da vida
que não ouvimos
têm melodia e ritmo.

O pulsar das sementes
é ritmo e vibração na terra,
criando flores e frutos.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 19 de março de 2009.

PASSARINHO SALTITANTE

De galho em galho
pulou o passarinho...
não sei se fugindo
ou ao encontro do sol indo,
apressado, saltitante.

Será que está fazendo
exercícios matinais...
procurando frutas maduras,
caçando larvas para se alimentar
e a seus filhotes famintos levar?

Para onde vai, tão gracioso,
esse passarinho cantando,
saltitante, de árvore em árvore?
O que vai fazer, essa ave sonora
da qual nem sei o nome?
Será que busca outras vozes?
Persegue o calor, as sombras
ou os raios do luminoso sol?

Ou apenas vai levando,
muito cuidadoso e diligente,
os sonhos de minha mãe,
embaixo de suas asas?

Theresa Catharina de Góes Campos
Serra Talhada - Pernambuco, abril de 1962.

HAICAI DA PARTILHA

Neste mundo tão carente,
ao invés de desperdiçar,
vamos doar e partilhar.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo-SP, 13 de fevereiro de 2009.

SARDINHA

(haicai)

Pequena e deliciosa,
vai afugentar anemia,
sardinha nas refeições.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 18 de março de 2009.

CANSEI O CORPO, SEM FATIGAR O CORAÇÃO

Fatiguei o meu olhar
mas o meu coração
continuou atento, sem
cansaço algum demonstrar.

A mente se exercitava
quando o corpo ficou exausto.
Fatiguei o meu corpo
mas não o meu coração.
Por isso lhe entreguei
o leme de meus pensamentos,
a direção desta cabeça inquieta,
sem qualquer hesitação.

Porque noites longas não há
para o pulsar de meu coração.
O coração comanda a minha mente;
direciona esta cabeça dinâmica
nas travessias dos dias,
na aventura das estações.

Cansei as mãos,
sem fatigar o coração.

Pernas e braços ficaram,
covardes, do lado de fora.
Mas este meu coração,
corajoso e lírico demais,
entrou em todas as grutas.
Sem medo, explorou cavernas
que o meu corpo se negou
a estudar e conhecer.

Porque meu corpo é medroso.
Meu coração age com audácia:
tem alma pioneira, ousada,
com pensamentos aventureiros.

As mãos e os pés cansei,
sem fatigar o coração.
No silêncio falei sem parar.
Enquanto a boca enrouqueceu,
força ganhou o pulsar do coração.

Fatiguei o meu corpo,
estes membros descartáveis,
sem cansar meu infatigável,
amoroso coração - indomável!

Theresa Catharina de Góes Campos

Teresópolis-RJ, fevereiro de 1965.

SEM QUE EU PERCEBESSE...

Fui surpreendida, distraída.
Sem que eu percebesse
a aproximação, as calúnias
me cercaram, me sitiaram.
Quando me dei conta,
nada mais pude fazer.
Porque, de súbito,
me vi sozinha, desolada,
numa aflição desmedida.

Passei por um naufrágio...
do qual jamais fui resgatada.
Submergi, num desespero
silencioso, sem respirar.
Num esforço consciente
e por obra e graça de Deus,
emergi, afinal, com fendas
invisíveis na alma negligenciada
pelos que me cercavam
ou de mim se aproximavam.

Fui me fortalecendo,
a cada dia me salvando
de meu naufrágio íntimo.
Nessa tragédia pessoal,
nenhuma oportunidade
para eu me defender
me foi proporcionada.
As dezenas de cartas
que resgatei são provas
do êxito em convencer
aqueles que jamais deveriam

ter se deixado enganar.

Calúnias não precisam
ser repetidas. Uma vez só
que sejam ditas...é o bastante.
Quando são por escrito, então,
têm efeito contínuo, devastador.

Fiquei cimentada no turbilhão
das calúnias que, alheias
à minha verdade, continuaram
a me prejudicar sem trégua.
Ou talvez não...pensando melhor,
compreendi ter sido preservada
na minha individualidade,
demonstrando a mim mesma
- e talvez para alguns outros -
ser mais forte que a covardia
das mentiras absurdas, mas
sem questionamento aceitas.

Sou. Apesar das calúnias.
Apesar do mal, aqui estou,
vivenciando esta vida que
de Deus eu recebi...e venho
preservando, minuto a minuto.
Sou e permaneço. Caminho
em direção à eternidade
de onde vim e para onde vou.

Não foi um golfinho...
que me trouxe das águas profundas.
Quem me resgatou foi a fé,
inseparável da esperança,

que não me deixou submersa
para sempre. Voltei à superfície,
resgatada pelo sentimento
de gratidão ao meu Criador

Emergi liberta e libertada,
mas de algas ainda coberta,
sentindo as algas como se fossem
um manto de estrelas do mar.
Emergi liberta e preservada.
Voltei à vida onde eu sabia,
sem medo, respirar.
Longe do fundo do mar.
Aqui estou,de volta ao mundo
de máscaras e mil disfarces.
Eu, resoluta, com a ousadia
de caminhar sem máscara.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, setembro de 2008

DESFALECI...E CAÍ

Perdi o equilíbrio subitamente,
caí. Mas não sobre mim,
nos meus braços, não.
Caí nos braços de outro.
Foram esses braços
que me reergueram
e me fizeram o ânimo recobrar.

Na esperança reafirmada
me levantei, decidida.
O equilíbrio perdido foi,
afinal, estabelecido...
apenas por um momento.
Porque voltei a cair
tantas, repetidas vezes!

Desfaleci e caí
sobre mim mesma.
O peso de minha alma
caindo no meu próprio corpo
até que minhas forças físicas
ganharam novo alento.

Desfaleci...e caí.

E, com toque divino agraciada,
no espaço do nada que se fizera,
consegui me ver por inteiro,
e ouvir...o que antes não ouvia.
Para meu corpo se pôr de pé,
com bênçãos divinas agraciado,
sempre, sempre, a cada queda.

E porque o espaço que eu tinha
só existia de verdade no meu coração,
desse espaço infinito tomei posse.
Ainda que de forma não convencional...
sem documentos, silenciosamente.
Fazendo desse território a desbravar
uma conquista infindável, perene,
uma exploração jamais terminada.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - PE, 28 de dezembro de 1982.

HAICAIS SOBRE A VIDA

(pequena coletânea sobre temas diversos)

HAICAI DO ENIGMA

Se no abismo joguei,
no fundo do mar escondi,
no coração encontrei.

HAICAI DO PROBLEMA

Ao buscar a solução
de um problema a resolver,
temos um novo problema.

HAICAI DA FONTE

No deserto, um poço eu vi,
ouvi...a melodia escondida,
percebi: é uma fonte !

HAICAI DO AMIGO

Seria uma pessoa qualquer...
Percebi a amizade,
revelou-se o ser humano.

HAICAI: DÚVIDAS

Se a certeza for dúvida,
busque nessa incerteza,

toda a certeza escondida.

HAICAI DO CINEMA

Quando a imagem imóvel
tem movimentos e sons,
eis o cinema a falar.

HAICAI SOBRE A CALÚNIA

A calúnia silenciou,
quando eu mais precisava,
amizades de algumas décadas.

HAICAI DA FLOR

A flor que admiro,
era um botão ontem;
foi semente anteontem.

HAICAI DA CHUVA

A grama sem vida
canta pra chuva,
que foi embora, voltar.

HAICAI COM SORPO DE VIDA

Nas dores e alegrias, em
todos os momentos, Deus
que é Vida nos dá a mão.

HAICAIS SOBRE A VIDA

A cada imprevisto,
nos constantes desafios,
eis a vida nos ensinando.

Se tudo que veio
agora se foi,
a vida se fez efêmera.

De susto em susto,
de surpresa em surpresa,
segue a vida nos fortalecendo.

O que tenho agora,
no decorrer do tempo,
um dia irá embora.

Em todos os passos,
a cada minuto respirado,
a vida fala...

De sobressalto em sobressalto,
quando menos esperamos,
a vida nos dá ultimato.

A cruz de cada um é diferente,
pois cada um de nós é diferente
ao tomar um caminho divergente.

Desfalecida ou
confiante demais,
a vida ressurge.

As horas do sol não
seguem o mesmo relógio
de nosso horário de verão.

Nada foi estéril
sob as bênçãos de Deus:
tudo deu bons frutos!

Deixando suas marcas,
nos sonhos e nas pressões,
a vida nos faz rodopiar.

If (when) all is already gone,
thus it is time to restart,
the best time to dream.

(Tradução do original:

Se (quando) tudo já se foi,
assim é o tempo de reiniciar,
o melhor tempo para sonhar.)

All is gone...but,
everything still inside me.
So, nothing is really gone!

(Tradução do original:

Tudo se foi...mas,
tudo ainda dentro de mim.
Então, nada realmente se foi!)

O sonho renasce
da desilusão transformada,
pronta a ser realidade.

Nas dores e alegrias, em
todos os momentos, Deus
que é Vida nos dá a mão.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo -SP, julho/2007 e dezembro/2008

EXISTE VIDA SEM POESIA?

Rasgando minha carne,
atravessando o coração,
os poemas saíram de mim.
Espirrando sangue,
explodindo em dores,
libertaram-se meus poemas.

Transformaram células,
me viraram de cabeça
para baixo, estes poemas.
Mudaram o metabolismo,
chamaram as lágrimas,
fizeram de tudo, estes poemas!

Para vir à luz,
meus poemas rebeldes
convocaram o coração.
Com a sua sensibilidade,
alteraram meus hormônios,
irritaram, agitaram meu cérebro,
estes poemas insistentes,
que desvendaram minh'alma.

Não tenho mais segredos,
nem confidências:
meus versos disseram tudo!
Da infância à terceira idade,
em corpo e alma,
os poemas me revelaram.

De surpresa em surpresa,
de susto em susto,

o corpo não me dá trégua.
De imprevisto em imprevisto,
fico em sobressalto, sou
conduzida a médicos e hospitais.

Às vezes meu corpo
até expulsa de mim
a vida da minha vida,
a poesia redentora.
Ou será que ela,
por decisão própria.
consciente, prefere,
percebendo a situação
acima de suas forças,
sair de mim, discreta
e serena, de mansinho,
talvez para não atrapalhar
os tratamentos...ela,
a poesia que tudo parece
ver e compreender?

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 13 de abril de 2009

PROCURANDO OS SONS

Porque tanto chorou,
mas muito mais sorriu,
bem melhor viveu.
O baobá imponente tem
raízes majestosas,
imensas como sua força
de árvore sem medo.

O sono da liberdade,
o sonho da libertação,
tem gosto de urgência,
uma voz indisfarçável.

O espantalho erguido nos campos,
ainda que sem vida real,
guarda a vida latente,
protege o pulsar das sementes.

Realejo a encantar
a garotada irrequieta
com melodia de anjos
disfarçados na imagem,
visíveis nos sons.

Cadê a gaita? E o violão?
Cadê a flauta, aonde foi?
Quem levou a sanfona?
Quem escondeu o bandolim?
Tenham paciência...
daqui a pouco voltam:
foram buscar os sons !

Theresa Catharina de Góes Campos
Estoril-Portugal, setembro de 1960

O BALÉ DOS SURFISTAS

Minha homenagem aos surfistas de todas as idades, inspirada nos filmes:

Riding Giants - No Limite da Emoção (2004), Surf Adventures (2002), Surf Adventures 2 - A busca continua (2009)* e outros documentários sobre os praticantes de surf, aos quais dedico muita admiração: gente alegre (até nas competições), saudável no corpo e, sobretudo, no coração e na alma. Parabéns a todos os surfistas. Inspirados em sua amizade com o mar, surfam, inclusive, na pororoca amazônica!* Têm paixão renovada, um amor fiel às ondas, pois se entusiasmam para praticar o que amam! Eu fico admirando, deslumbrada, embevecida diante da coreografia de seu balé. Mal consigo balbuciar para mim mesma, que nunca surfei na vida: obrigada, muito obrigada por tudo de bom que me transmitem. Continuem a viver sua existência abençoada!

Nas vibrações de grande ousadia,
as ondas do mar eles surfam,
seus movimentos coreografando,
nas luzes do sol dançando.
Beleza na espuma criam...
enquanto os túneis cruzam,
no traçado surpreendente,
caminhos que conquistaram;
nos raios de luz deslizando,
como esquiadores nas águas,
equilíbrio e graça a buscar.

Corpos e mentes moldados,
na cavalgada esculpidos
por ondas gigantes do mar.
São corações embevecidos,

sempre jovens no entusiasmo,
para sempre conquistando
as lembranças das águas
com eles bailando,
à sua volta dançando,
a seu lado, a seus pés
também se exibindo.

Os surfistas amam de verdade.
Sabem amar de forma perene,
com fidelidade e amor renovados.
Não são possessivos,
nem acusam o mar
de qualquer exibicionismo.
Os humores do mar aceitam,
com ele interagem, convivem.
Os movimentos que esperam,
com paciência, vão acontecer.
Nada mais pedem às ondas.
Sua chance para interagir,
tão à vontade na espuma bailar,
com certeza chegará.
Esses encontros valorizam;
o toque, a passagem das
águas indômitas à qual se
associam e acompanham,
a liberdade delas admirando.

Sabem que não dominam
as ondas que tanto admiram.
Delas querem ser amigos,
conquistar sua companhia.
De coração e mente tão
saudáveis como seu corpo,

seu amor expressam,
por breves e belos momentos
nas águas dançantes,
que têm pressa, por isso velozes,
pelos corredores dinâmicos.
Os surfistas apreciam o dom
de caminhar naquela imensidão
plástica, na beleza das ondas,
suas amigas independentes
desde o início dos séculos.

Sensíveis à natureza,
não são apenas corajosos.
Não são apenas ousados.
Nem somente habilidosos.
Os surfistas são gratos
pela harmonia do encontro
com as ondas do mar, todas
com a sua personalidade
própria, seu roteiro definido.

Que gente maravilhosa!
"Deus deve sorrir muito,
também embevecido
ao ver os surfistas",
em seu balé nas águas...

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 29 de abril de 2009

(Dia de Santa Catarina de Sena, Doutora da Igreja e minha protetora - como Santa Teresa D'Ávila - ambas homenageadas por meus pais ao escolherem o meu nome tão abençoado.)

*SURF ADVENTURES 2 - A busca continua
www.surfadventures2.com.br
www.paramountpictures.com.br/surfadventures2/

NOTAS DA EDITORA:
1) Pela primeira vez no cinema, o surf em plena região amazônica, na pororoca do rio Araguari, no Amapá, com imagens surpreendentes.
2) Encerrando o roteiro, palavras em que também acredito, por isso gosto imensamente dos documentários sobre o surfe e seus praticantes, como seres humanos, esportistas e professores:
"O surfista cada dia vai enriquecendo sua alma...conhecendo pessoas, culturas e locais."
3)Antes do início dos créditos finais, o apelo a uma conscientização e mudança de atitude, em prol do planeta e de todos nós:
"Toda forma de vida vem do mar. Não polua os oceanos."
4) Veja o filme - não deixe que as críticas negativas o convençam a não ir assistir- lembre-se de que a proposta de documentários como este é diferente. Aproveite as viagens, ouça os depoimentos, admire as cenas deslumbrantes nas ondas do mar, inclusive a ousadia dos que realizam a filmagem desses momentos. Sim, há imagens descartáveis, assim como alguns comentários, no decorrer de "Surf Adventures 2 - A busca continua", mas a maioria não é. Saia com calma da sala de cinema - assista aos créditos finais, até o fim. (Já escrevi antes e vou repetir, com muita convicção:pressa, só devemos ter para salvar vidas.)
5) Ver outros filmes (documentários), sobre surfistas e a sua vida, em nossos sites.

Theresa Catharina
Brasília, 30 de março de 2009.

NADA FOI ESTÉRIL: TUDO DEU BONS FRUTOS!

Tudo que restou,
em minha vida mutilada,
terminou florindo
sob as bênçãos de Deus;
oferecendo bons frutos,
sob o olhar divino!

Também o que se foi
(rasgando feridas abertas,
expondo para sempre),
igualmente floriu...
sementes e frutos
pelo caminho deixando,
sob as graças de Deus.

Nada infértil se mostrou.
Derrotas e vitórias deram frutos...
ainda que em meio a lágrimas.
Nada, absolutamente nada
na minha existência se perdeu.
O ideal a tudo transfigurou.
Tudo deu frutos: alegrias e dores.
Tudo floriu, até os insucessos,
mesmo o que parecia sem valor
ou de mínimo tamanho...
até os detalhes se mostraram
bastante significativos.

E sementes boas deixando,
quase tudo venceu derrotas,
nada estéril se revelou,
sob as bênçãos do Criador.

Tudo deu bons frutos.
Inclusive a árvore condenada -
pelos raios da trovoada atingida -
que legou madeira para aquecer
a casa com bons frutos
por todo o pomar se exibindo.

Até as sementes do medo,
nos campos da ousadia
na vocação assumida,
em atos de coragem frutificaram.

Mergulhando no que seria derrota,
dali eu trouxe a vitória:
pequenina, invisível para todos, mas,
sendo por Deus inspirada,
vitória por demais suficiente,
bastante perceptível para mim,
muito grata, agradecida
à vida que remendei,
à vida aos poucos reconstruída.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 29 de abril de 2009 (no calendário católico, Dia de Santa Catarina de Sena).

HAICAIS EM DEFESA DA ARTE

Sem a arte apreciar,
não promover os artistas
já é uma perseguição.

Sem novidades trazer,
sem limites a romper,
não se vai arte fazer.

Com ou sem cores,
sugerida ou declarada,
arte tem vida própria.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo-SP, 22 de novembro de 2008.

FLORES EM HAICAIS

— Flor tem asas?
— Nem na ficção!...
— Sim, asas no coração !

Deixemos as petúnias
sossegadas no jardim,
vestindo-se pra festa.

Como sino a badalar,
o miosótis repete:
não te esqueças de mim!

Só os bulbos das tulipas
conhecem cores e matizes
que ao sol revelarão.

Apesar da timidez,
a violeta tenta dizer:
água demais, não!

Como o sol não apareceu,
nem decidiu se vai sair,
o girassol não se mexeu.

De ninguém a orquídea
aceita, sem reagir,
tratamento negligente.

Lírio sem mancha
rompeu a terra, mas
não quer enfeitar o salão.

Nesta ciranda de versos
que as flores adornam,
a poesia do haicai surgiu.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo- SP, 13 de novembro de 2008.

TROVAS DO TEMPO

O tempo que era
há muito se foi...
o dia de hoje vai
trazer o amanhã.

Veja se o tempo
deixou para mim
uma carta secreta
para eu abrir agora.

Revele se o tempo,
antes de ser ontem,
escreveu enigmas
para hoje eu decifrar.

Não esconda de mim
palavras que o tempo
em silêncio falou
só para meu coração.

O que faço hoje,
com o tempo que foi
e meu coração levou
sem a minha permissão?

O que poderei realizar
no amanhã desconhecido
se agora eu não decifrar
os meus códigos de vida?

Theresa Catharina de Góes Campos
Barra de São João - Rio de Janeiro, dezembro de 1963.

MEMÓRIAS SE FORAM?
OU EU AS MANDEI EMBORA?

O que aconteceu, afinal,
com as minhas memórias:
se foram por decisão própria?
Ou... eu as mandei embora?

Por que se foram?
O que aconteceu na minha vida?
O que houve no meu corpo,
Para fazer o meu cérebro silenciar?
Levar o meu coração a se calar?

Onde ficaram as memórias
que não perpetuei na escrita?
Estarão com outros guardadas,
emoções e palavras trancafiadas?
Escondidas até que eu possa
revê-las? Ou do meu descaso
muito bem protegidas?

Quem tem a chave múltipla
das minhas esquecidas memórias?
Quem vai as vozes libertar

das lembranças emudecidas?
Arquivadas, talvez empoeiradas,
até alguém, decidido, alforriá-las?

Onde estão as chaves dos arquivos?
Onde ficaram armazenadas?
São tantas as perguntas...
para meu coração sem respostas
que sejam aceitáveis ou racionais!

Seriam pedaços de mim,
as memórias que se distanciaram...
mas na verdade não se foram...
porque hoje de mim fazem parte?
Não deveria eu, afinal deixar
de por toda parte procurá-las
nesta busca pouco inteligente,
considerando que estão inseridas
em mim, aqui dentro calcadas?
Com nitidez desenhadas, esculpidas?

Se estiverem nas minhas lágrimas,
não vou mesmo encontrá-las.
Porque as lágrimas, por mais
que nos sejam dolorosas,
felizmente de nosso rosto se vão.

Nem se despedem, se vão...
Dizer adeus não precisam.

As minhas memórias se foram?
Ou eu as mandei embora?
Escorraçando esses arquivos
tão íntimos quanto fundamentais,
de falar procurando impedi-las?
Hoje penso que me ludibriaram...
Apenas fingiram ter saído de mim!
Já consigo de novo encontrá-las!
Identifico seus ecos e passos,
em todos os caminhos e recantos
deste meu peregrino coração.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília -DF, maio de 2009.

PENSAMENTOS EM VERSOS
(HAICAIS)

Os vazios de nossa alma,
precipícios e despenhadeiros,
com amor e fé são vencidos.

Seja barco ou farol,
tudo, semente ou flor,
expressa o valor da vida.

Seja lágrima ou riso,
o cérebro manifesta
as ondas da existência.

Seja fonte ou cascata,
as águas luminosas
são presentes de vida.

Mas, quem vai desfazer
as calúnias avassaladoras?
Só Deus, na eternidade!

Lá está o farol vigilante,
pastor responsável por
muitas vidas distantes.

O coração a pulsar,
o pulmão a respirar,
eis a vida que insiste.

Seja dor, seja alegria...
é vida que em nós respira:
bênção e graça divinas.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo-SP, 13 de maio de 2009.

PONTADAS NO CORAÇÃO

Ao cardiologista e clínico-geral Dr. Ricardo Peixoto Camarinha

Estas doloridas pontadas,
emotivas, invisíveis,
em meu coração saudoso
de tantos entes queridos
não são para registrar
nas consultas com
o meu cardiologista.
Ele já deve saber que sofro
todos os dias, lembrando
meus pais e meu irmão queridos,
minha tia favorita - e outros...
que me deram amor nesta vida
e agora estou, com esse amor
saudoso e presente nos meus dias.

Porque sabemos: muito
além da medicina vão,
mesmo sendo hoje tão
avançada e tanto solucionando.
Remédios não haverá,
por mais que o futuro prometa,
avanços por Deus inspirados,

nem hoje nem amanhã,
para a dor da saudade curar
de nossos entes queridos
que, nos deixando, se foram
e nosso reencontro esperam.
Esse diagnóstico, poetas mil
já fizeram e vivem a nos repetir.

Ainda assim procuro me acalmar
nas consultas com o Dr. Camarinha,
informações de leitura trocando,
as mais diversas, tal o seu interesse
e amor aos livros, um hábito saudável
por nós cultivado com prazer.
O cinema igualmente desperta
a sua atenção de pessoa culta,
na medicina e no mundo atualizado.

Mesmo assim, minha pressão arterial
aumenta, no seu consultório,
tão preocupada chego à sua presença,
com resultados de exames ou
prestes a fazê-los, a seu pedido,
ainda que sua tranquilidade
seja uma constante atitude.

Com exceção das pontadas no coração,
as tais dores persistentes da saudade,
pretendo ali cuidar de minha saúde.
Para outros males do corpo e da mente,
eu sou esperançosa e muito confiante,
em suas providências e sua orientação,
quando vou às consultas
com o bondoso e culto Dr. Camarinha.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 04 de maio de 2009.

Nota da autora:
Como o aumento de minha pressão arterial deixou de ser apenas uma "síndrome do jaleco branco" e se agravou, exatamente na data do poema,
durante uma consulta regular com ele, fui de imediato atendida e agora tomo, todos os dias, a medicação específica indicada por Dr. Ricardo Camarinha. Sou uma paciente gratíssima por seus excelentes cuidados médicos.

Theresa Catharina
Brasília-DF, 04 de maio de 2009.

A FESTA DOS AMIGOS

Pode ser em qualquer recanto,
em qualquer ocasião
(mas sem máscaras),
a festa abençoada dos amigos.

Se o som das ondas
fizer música
(seja balada ou baião),
os amigos vão chegar.

Se o farfalhar das árvores
parecer uma gargalhada
longa,prolongada,
os amigos ali se reunirão.

Os barcos que partem
levam o mapa da volta,
para o reencontro dos amigos
na festa anunciada.

As águas cantam estribilhos,
as pedras repercutem sons...
os amigos virão dançar
ou apenas conversar,
fazer poesia ou cantar,
falar de livros e filmes,
ou relatar viagens...

A mesa está preparada...
os barcos já regressaram.
Os amigos chegarão...
Como Reis Magos em viagem.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - PE, 1962.

AS LUTAS DO MÉDICO

Em agradecimento ao Dr. João Nunes de Matos Neto*

O sofrimento deu lugar à alegria,
após as cirurgias sucessivas;
ao alívio depois da quimioterapia
e atenções médicas constantes.
Dos cabelos desaparecidos,
ficaram apenas as recordações,
ainda que os sorrisos indispensáveis
jamais tenham ido embora,
apesar de tantas preocupações.
Aliás, comuns à condição humana,
e que aceitar precisamos, todos os dias.
Mesmo antes que cheguem, de novo,
os cabelos substitutos, tão bem-vindos.

Se a doença me alcançou,
o câncer também me trouxe
a necessária perícia de meu médico,
seus conhecimentos, sua orientação,
o tratamento sensível, humano,
nas quatro cirurgias, na quimioterapia,
os cuidados médicos de Dr. João,
há tantos anos, quase uma década

me orientando e acompanhando.

Assim como eu, Dr. João lê muito,
com prazer sempre renovado.
Preferência: obras históricas.
Também como eu, admirador entusiasta
da arte e magia luminosas do cinema,
um toque bastante especial na sua vida.
Afinal, também pela estética e beleza
do cinema , no corpo e na mente tocadas
(sem esquecermos o coração sensível),
há muitas vidas enriquecidas,
certamente fortalecidas, reavivadas
para enfrentar a jornada da existência.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, abril de 2009.

*Dr. João Nunes de Matos Neto - Oncologia Clínica e Cirurgia - realizou quatro cirurgias em mim (outubro e novembro de 2001, outubro de 2002, maio de 2004).
Em minha primeira consulta com ele (setembro/2001), tendo eu me referido à morte por câncer de meu pai (2/fevereiro/2000), Dr. João afirmou, convicto:
"— A luta e a morte por câncer de um ente querido traumatizam toda a família."

Meu irmão, que fumou durante quase 40 anos, por esse motivo morreu de câncer nos pulmões, após quatro meses de sofrimento indescritível, em lenta agonia. Nos seus últimos meses de vida, recebeu os melhores cuidados de Dr. João Nunes e outros especialistas, que nada mais puderam fazer por ele, considerando que o seu câncer não teve causa genética, e sim, foi o resultado do cigarro, que destruiu seus pulmões.

Portanto, meus familiares e eu temos uma profunda gratidão por tudo que Dr. João Nunes de Matos Neto fez por Fernando José (falecido em 18/junho/2007) e continua fazendo por mim, sua paciente.

Theresa Catharina

Brasília-DF, abril de 2009.

FROM DREAMS TO ACCOMPLISHMENTS / DE SONHOS A REALIZAÇÕES

So many dreams
now I can see
as my accomplishments
(perhaps visible to all ?),
specially visible to me.

Tantos sonhos
agora eu posso ver
como (sendo) minhas realizações
(talvez visíveis para todos?),
especialmente visíveis para mim.

And so many dreams
I am still weaving
for days and months,
many years still to come.
Dreams, as ideals too,
never go away from us.
Sometimes we are to blame!
We simply forget them,
we decide we are going to live
" practically ", adopting a
modern pragmatism,
thus living without
listening to our dreams,
without loving our ideals,
simply forgetting all those
dreams and ideals
once we kept in our hearts.

E são tantos, muitos sonhos
eu ainda estou tecendo
há dias e meses,
por muitos anos futuros.
Sonhos, como os ideais também,
jamais nos abandonam.
Às vezes, nós somos os culpados!
Simplesmente os esquecemos,
decidimos que nós vamos viver
"de modo prático", adotando
um pragmatismo moderno,
assim vivendo sem
escutar nossos sonhos,
sem amar nossos ideais,
simplesmente esquecendo todos aqueles
sonhos e ideais
que antes guardávamos em nossos corações.

But at any time we decide to listen
to our dreams and ideals,
we do realize how sweet they are,
how sweet are their words.
Always! They are never bitter!
They make our lives much better!

Mas a qualquer momento em que decidimos escutar
nossos sonhos e ideais,
compreendemos como eles são doces,
como são doces as suas palavras.
Sempre ! Nunca são amargas!
Tornam nossas vidas muito melhores!

No dreams, no ideals,
just scattered actions,

with no purpose at all?
That is a nightmare,
not a human life!
To accomplish, one must
have dreams and ideals!
In fact, accomplishments
once were dreams!

Nenhum sonho, nenhum ideal,
apenas ações dispersas,
sem nenhum objetivo ?
Isso é um pesadelo,
não uma vida humana !
Para realizar, deve-se
ter sonhos e ideais !
Na verdade, as realizações
antes foram sonhos!

Theresa Catharina de Góes Campos
Toronto, Province of Ontario, Canada. September, 1971.
Toronto, Província de Ontario, Canadá. Setembro de 1971.

OLHE A PETECA...NÃO DEIXE CAIR!

Não deixe cair a peteca...
nem a sua, nem a dos outros.
Se acontecer de cair, atenção,
levante logo, para o jogo
não ficar interrompido.

A vida precisa ser assim...
Olhe a peteca, não deixe cair!

Mantenha vivas as cores
e os perfumes da existência.
Mantenha a vida em movimento,
caminhando até no silêncio
das meditações escolhidas.

Espalhe as flores em vasos,
por toda a casa, para o perfume
em todos os cantos deixar
encantos, sabores de vida.
Não deixe cair no chão
nenhuma rosa, nem margaridas,
nem lírios nem petúnias,
nem miosótis ou tulipas.
Cuidado especial com as violetas,

zele também pelas orquídeas.
Admire as cores e os matizes
das hortênsias crescidas
ostentando sua beleza.

Aliás, o melhor mesmo seria
deixar nos jardins as flores...
para que vivam seu tempo,
sem qualquer perturbação.

Sem esmorecer, é preciso semear.

A água da fonte, a canções sussurrar,
não deve jamais ser desperdiçada.
Faça todas as gotas cantarem
nos meandros do jardim,
abençoando as sementes...
e as laboriosas joaninhas.

Olhe a peteca da vida...
não deixe cair!
Mas se caiu, tudo bem:
recomece, continue a jogar!

Theresa Catharina de Góes Campos
Petrópolis- RJ, julho de 1965

ÁGUAS VIVAS

Cascata que ri,
aqui e acolá,
na gruta sagrada,
tem beleza mística,
faz chamado pessoal
ao coração atento.

Um córrego falante
a recitar versos,
a pedir orações
e abrir caminhos
na mente e na alma
torna a pausa refrescante.

Límpida e milagrosa
água de Fátima abençoada,
fonte santa de Lourdes,
roteiros de misticismo,
santuários venerados.
A renovar promessas
de muita esperança,
nos peregrinos difundida.

Procura-se a presença
vivificante das águas...
nos mais diversos recantos,
em todas as suas formas
e nas múltiplas vozes
nos mapas seguidas.

Nas florestas,águas vivas,
banhando o corpo cansado.
Altar escondido, quase invisível
de tantas bênçãos e graças
sem fim, como o amor de Deus.

Theresa Catharina de Góes Campos
Fátima-Portugal, setembro de 1960

AMOR SEM VOZ

Lutou muito,
desde o alvorecer
de cores e matizes vibrantes
ao novo amanhecer.
Chorou lágrimas compridas.
Mas a saudade era bem maior
que o espaço imenso do coração.
Nas árvores se escondeu,
nas folhas respirou,
depois saiu com o vento libertador.

Sentiu a falta dele...
gritou tanto, até
não mais poder...
Seu amor desprotegido,
ficou exausto, sem voz!

Theresa Catharina de Góes Campos
Nazaré-Portugal - setembro de 1960

SINTO FALTA DE TEU ABRAÇO

Teu abraço ausente
me faz falta...
Como o teu ombro também.
Será que a vida se vai
nessas ausências e perdas?
Minha pequena coragem
parece que se esvai...
Porque teu ombro
está me fazendo falta.

Sem o teu amor
colorindo o mundo,
sem as tuas mãos
protegendo as minhas,
parece que a vida se foi...
porque o amor...
ah, porque o teu amor...
me faz tanta falta!

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - PE, março de 1963

DIFICULDADE PARA ACEITAR O INEXORÁVEL

O sofrimento, as perdas,
são realidades inexoráveis
de nossa condição humana.
Vivemos com dificuldade o fato,
inexorável, das contradições
específicas e características
do frágil, efêmero ser humano.

Achamos, todos, muito difícil,
aceitar as dores com sabedoria,
e, sem revolta, a morte inexorável
em data e hora desconhecidas.

Contudo, permanecer
vertendo lágrimas,
diante do inexorável,
não é saber viver.

Embora a graça da vida
nos tenha sido concedida
sem perguntas nem garantias...
O que nos cabe, então, fazer ?
Construir dentro de nós
a esperança essencial

sem a qual não se consegue
as possíveis alegrias encontrar.

Inexorável, também,
é a necessidade
de até o amor se chegar.

Peregrinando à procura das fontes,
escolhendo os caminhos,
acalentando os sonhos,
reconhecendo a bondade...
Sempre na prática da amizade
e, com a esperança fundamental
para empreender as jornadas.

Sem esquecer o despojamento interior,
necessário à solidariedade da partilha,
que a vida amplia, enriquece...
do pouco e do menos fazendo mais!

Para que jamais nos abandone
a fé corajosa no amor.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, dezembro de 1998.

DIÁLOGO COM O VENTO (DISCUSSÃO?)

— Quanto movimento! E força!
Por que fazer tantos esforços?
Por que tanto empenho,
muitas vezes com tanta fúria,
demonstrando tanta violência?

— Ora, sou assim por natureza...
Apareço com toda minha energia,
sem o meu vigor esconder
sem economizar esta indômita força,
sem nada disfarçar.
E por que seria diferente,
se tal é a minha personalidade
própria, individual e única,
diversa da chuva e da calmaria?

— Sei não, sei não, por quê?
A chuva também não realiza
sua missão, com energia e
dotada de poderosa força?
É capaz de para longe levar,
pronta para obstáculos derrubar,
no seu dorso muito carregar.
Mistura e ainda vai transformar

o cenário das paisagens...
mais o que vê pela frente derrubar -
grandes obstáculos, barreiras -,
mostrando ser independente,
de outras forças bem diferente,
porém igualmente determinada
a vencer todas as fronteiras.

— Esta discussão é inútil...
No máximo, um tolo diálogo
sobre o que não se pode
em nenhum momento comparar.
Afinal, tudo está bem definido:
temos métodos individuais,
características próprias -
chuva molha, chega e se vai;
sou vento, apareço sem avisar,
faço o que eu quero, independente
tal qual minha irmã, a chuva.
Às vezes combinamos unir
toda a força de que somos capazes,
porém mesmo assim diferentes
(não vejo qualquer semelhança !),
cada um na sua personalidade,
em nossa natureza específica,
também ambos independentes.

É isso e pronto, nada para discutir!

— Tudo bem, já compreendi.
Por que tanto alvoroço,
tamanho nervosismo?!
Somos únicos, originais, sim !
Todos nós, criações divinas,
portanto em nossas origens,
Deus nos fez semelhantes.
Não há a menor necessidade
de nós dois nos aborrecermos.
Sempre reconheci nossas diferenças.
Admito sem a menor dificuldade
saber de toda a sua força, sim,
como aceito os feitos de sua energia.
Jamais briguei ou discuti com a chuva,
inclusive quando de repente aparece,
zangada, raivosa além dos seus limites,
em atitudes, ações, em que parece
existir sozinha neste mundo de Deus.

Quando o vento irascível se foi,
para finalmente calar, repousar,
fatigado talvez de nosso diálogo,
que encarou como discussão,
revelo o que escolhi e vou ser:

nem vento, nem chuva, nem mar;
nada de calmaria também.
Minha decisão vem de menina...
eis o que escolhi e vou ser:
com palavras e versos realizar
a vocação que aceitei viver.

Quem viver, verá !
É só esperar...
porque acontecerá!

Theresa Catharina de Góes Campos
Rio de Janeiro, novembro de 1963

(na sede do Círculo dos Operários Cristãos, após finalizar o trabalho voluntário como editora e redatora de textos para um Boletim Informativo da entidade).

A GAROTA DA ESTRADA

Para mamãe, com todo o meu carinho, no dia de seu aniversário.

Eu a encontrei chorando,
sozinha na estrada
e fiquei pensando:
ela foi abandonada!

A garota logo compreendeu
que eu a olhava -
aumentou o choro,
o rosto entre as mãos prendeu,
de soluçar não parava.
Pelos seus bracinhos escorriam
suas lágrimas infantis.
Sua fronte estava molhada,
pingando de suor.

Que pena senti!
Não havia ninguém a seu lado!
Ela estava só. Sozinha!
Na imensidão do caminho!

Corri para a infeliz criança
para estreitá-la nos braços.
Havia um mundo de sonhos em seu olhar!
Logo suas mãos rodearam meu pescoço...
aflitas, inseguras e trêmulas,
com receio talvez
que eu voltasse atrás.
A cabecita, exausta,
repousou em meu ombro.

Era a hora do crepúsculo.
Morria o dia.
Havia angústia em meu coração.

Naquela hora indecisa,
resolvi levá-la comigo.
Prometi intimamente
jamais abandoná-la;
falei a ela, baixinho,
sobre um lar feliz.

Adormecera a menina no meu colo,
enquanto eu caminhava de volta.
Interessante! Eu esperava novos problemas,
entretanto, já não sentia mais angústia,
nem tédio, nem descrença.

Alguém em meus braços
precisava de amor,
alguém que também tinha
direito à felicidade.

Beijei de leve a inocente fronte.
Tive vontade de dizer bem alto
àqueles que passavam apressados,
honestos mas egoístas:
por que não ter sempre
o coração aberto?
Por que não ver continuamente
naquele que sofre, no próximo que é infeliz,
no que verga ao peso de uma responsabilidade,
na pessoa que caminha ao nosso lado,
a figura sublime de Jesus ferido,
Jesus maltratado, Jesus por nós abandonado?

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - Pernambuco, 15 de outubro de 1961

Nota: Devo a minha irmã Victória Elizabeth ter encontrado essa poesia manuscrita, assinada com o apelido - Therezita Campos, nos pertences de nossa mãe, depois de seu falecimento. Com meus pais esses versos foram a muitas cidades, em estados e países diferentes... O poema seguinte também retornou assim às minhas mãos.Mas estava datilografado em máquina bem antiga e, sendo uma cópia em carbono, trazia dedicatória e uma segunda data, manuscritas, como estava na assinatura o apelido, escolhido por eles desde a participação de meu nascimento.

Theresa Catharina
Brasília-DF, 24 de agosto de 2009

MINUTOS

Para os meus adorados pais, com todo o carinho de sua filha Therezita
Recife-Pernambuco, 07 de janeiro de 1961

Sentada na areia,
contemplando o mar,
a moça embebia-se do verde
que, na areia, em ondas se derramava.

O menino foi ficando triste,
começou a chorar,
e ninguém conseguiu a ele consolar,
porque ninguém sabia,
ninguém compreendia,
ninguém se detinha a meditar
que não pode ser alegre
um garoto de orfanato.

Olhou o rio que seguia silencioso,
ora calmo, ora revolto,
todos os dias sempre o via.
Olhou tanto a profundeza de suas águas,
tanto a sua magia, seu encanto,
que parecia mesmo ter achado nele
a coragem que lhe faltava.
Entretanto, depressa sentiu:
não tinha a coragem
que possuía o rio.
Jogou nele sua vontade de morrer,
lançou nele seus planos de fuga da vida,
seu desespero, sua angústia, sua fraqueza,
sua covardia,

e calmamente recebeu
a lição de coragem que lhe comunicava -
continuou seu caminho,
continuou a viver...

Após longo tempo de separação encontraram-se.
Olharam-se com o mesmo amor de outrora,
sentiram tudo que costumavam sentir,
todo o amor que dedicavam um ao outro.
E seus olhares juraram,
em muda e perene promessa
que, daquele dia em diante,
onde um estivesse,
o outro estaria também.

Descansava no peito do pai,
confiante, a cabecinha do garoto;
seu narizinho roçava aquele rosto,
suas mãos envolviam-no docemente.

Chegando, então, a que era esposa e mãe,
e contemplando tão bela cena,
nada disse,
porque não sabia transformar em palavras
a ventura que sentia.
Aproximou-se dos dois
e os abraçou com carinho,
assim ficando por longo tempo.

Ele não estava ali,a seu lado.
Lutava pela liberdade em sua pátria,
estava bem longe...
Entretanto, o retrato que deixara
consolava um pouco sua noiva,

a ela ficava acompanhando,
dando-lhe apoio.
O sorriso do noivo até viu
quando a moça, depois de contemplá-lo
tão demoradamente a suspirar,
começou-lhe uma carta,
quase chorando,
tentando naquelas linhas colocar
todo o seu afeto de juventude.
Toda a tristeza e vazio despertados
por sua angustiante ausência.
Todo o desejo vão que tinha de revê-lo!

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - Pernambuco, 10 de dezembro de 1960

PRIMAVERA ...EM TROVAS E HAICAIS

Eis que chega a primavera,
trazendo flores e trovas,
também fazendo haicais.

O coração está em festa,
o jardim ostenta cores.
O amor oferece rosas,
perfumadas de promessas.

Enquanto o inverno não vai
o frio nos faz tremer
de tanta saudade das flores!

Quando chega a primavera
até o sol tem sorriso.
Tudo canta no jardim,
com a voz dos passarinhos.

Lá vem o meu jardineiro
trazendo nas suas mãos
o brilho para o gramado.

O poeta cultiva jardins
ao escrever os seus versos.
São rimas e muito mais...
palavras que tecem sonhos!

Vou levar os amigos
a ver a rosa suspirar...
e declarar seu amor.

Antes que a lua apareça,

bem antes do fim do dia,
chamarei o meu amado
para ver o pôr-do-sol.

A todos os jardineiros
convocou a primavera
com editais perfumados.

Quem bate palmas à arte,
percebendo todas as cores,
não fica dentro de casa:
sai para aplaudir os jardins.

Se a primavera não viesse
talvez eu logo adoecesse
por não poder viver sem ela!

Se apenas inverno existisse,
sem as cores da primavera
não sei mesmo o que faria,
nem sei se poeta seria...

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 27 de agosto de 2009

POSFÁCIO

DEUS ME FEZ E REFEZ MIL VEZES!

Deus me abençoou...
Ele me deu
uma nova existência...
me devolveu à vida,
uma nova vida.

Deus bondosamente
me concedeu a mim
que tinha perdido
a vida que Ele
me havia dado
e eu perdera
por minha culpa,
por minha decisão
única e pessoal.

A misericórdia de Deus
me renovou,
me conduziu, firme,
aos caminhos por mim
um dia esquecidos.
Ele me reconduziu,
no mapa recolocou,
a rota de minha vida.
De novo me reconduziu
à sonhada reconstrução
de mim mesma ...

Ele juntou e curou
todos os meus fragmentos

como se remendasse
pedaços de meu corpo,
de minh’alma em
mínimos, diminutos,
invisíveis frangalhos.

Deus me abençoou...
Meu coração reergueu,
à superfície me trouxe.
Meu potencial devolveu,
me tirou da sepultura,
me fortaleceu
com sangue novo
para eu poder
a verdade conhecer...
e conseguir aceitar.

Deus me fez
e com amor me refez
mil vezes !
Ele me criou
e com o amor de sempre
me recriou, me refez
nos mínimos detalhes.

Os erros foram meus,
todos meus,nascidos
do meu livre arbítrio.
As bênçãos, as maravilhas
- milagres sem fim! -
foram e são, todas, de Deus!

Ele me faz e refaz,
com divina paciência,

cuidando paternalmente
do que dentro e fora de mim
se rompe, quebra e desfaz
ao longo de meu caminho.

Seu amor, Sua misericórdia
me fazem e refazem
sempre diligentemente,
tantas vezes quantas
se tornarem necessárias,
renovando,repetindo em mim
Seu milagroso sopro de vida.

Porque, se eu tão fraca desisto,
nos momentos de dor e trevas,
nas horas de nuvens e sombras,
sem ver, no mar, a luz do farol,
de mim Ele não desiste jamais!

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 07 de julho de 2009

A MEU PAI AVIADOR

A meu pai, Fernando Salvador Campos (falecido em 02-02-2000), da primeira turma de oficiais-aviadores da recém-criada Força Aérea Brasileira (o novo Ministério da Aeronáutica, criado em 20 de janeiro de 1941, hoje Comando da Aeronáutica). Entre as inúmeras missões cumpridas, fez a Patrulha do Atlântico, na Segunda Guerra Mundial; pilotou vôos do CAN - Correio Aéreo Nacional, ansiosamente esperados nas regiões mais carentes do Brasil; viagens do Correio Suez, de suprimento e apoio ao contingente brasileiro em missão de paz das Nações Unidas, no Canal de Suez; missões de aerofotogrametria, Busca e Salvamento, quando estava no Sexto Grupo de Aviação, em Recife-PE, entre muitas outras missões e funções, úteis e relevantes.

Por todos os lados,
abaixo e acima,
um mar de nuvens
a nos rodear:
oceano infinito
do amor de Deus.

Próxima pelo espírito
a meu pai aviador,
lembrando as palavras
do herói também piloto

que encontrou no deserto
o seu Pequeno Príncipe.

Os três, de vida tão frágil.
Os três, amigos das nuvens.
Vivem a realidade do encontro
que não tem mais separações.
A serenidade dos imortais.

Lagoas, enseadas e lagunas
no céu de nuvens emolduradas
por mãos divinas e criadoras.
Em constante caminhada, as dunas
cantam e voam, ecoando o amor
do Arquiteto maior, do Pintor inigualável.

Como se o céu fosse jardim,
que o Jardineiro não deixa fenecer:
um espaço de sonhos e aventuras,
todas finalmente realizadas
nas revelações descerradas,
em rotas do infinito a se descortinar.

Ah, esses pioneiros e desbravadores,
ousados e corajosos em sua fé,
determinados a cumprir todas as missões.

Atraídos pelos céus, amigos das nuvens
indômitas, viajantes destemidas.
Tão à vontade nas alturas, esses
leais, bons amigos das nuvens,
caminhando como anjos corajosos
acima de lagos e mares, rios e florestas.
Conheciam as paisagens do infinito
que refletiam os limites desafiadores
de vales, montanhas e desertos.

Na eternidade, porém, tudo é infinito,
inclusive a paz, na plácida imortalidade.

Theresa Catharina de Góes Campos
13 de outubro de 2009, em vôo de Brasília a São Paulo.

NOTA:

Antoine de Saint-Exupéry dedicou sua obra mais conhecida, O Pequeno Príncipe, ao amigo Léon Werth, escritor e crítico de arte.

Ensaísta e romancista francês, Léon Werth sobreviveu à Segunda Guerra Mundial. Vinte e dois anos mais velho que o jornalista, escritor e aviador, declarou no fim do conflito: "A paz sem Exupéry não me parece inteiramente a paz."

Só teve conhecimento do livro que lhe fora dedicado cinco meses depois da morte do amigo, quando recebeu uma edição especial.

No poema A Meu Pai Aviador, faço referência a três pessoas muito especiais porque pensei, ao escrever os versos, incluir O Pequeno Príncipe, na verdade, lembrando Léon Werth, porque tudo indica ter Exupéry nele se inspirado, para construir o personagem mais famoso em todo o conjunto de sua obra literária.

Theresa Catharina

From: Luci Tiho Ikari
Date: 2010/1/24

Theresa Catharina:

Parabéns, pela linda homenagem ao seu pai. Com certeza, ele deve estar orgulhoso pelas suas considerações e com você, no seu trabalho como exímia comunicadora.
Aproveito a oportunidade para dizer que achei muito oportuno assistir ao filme que me recomendou, "Ensaio de orquestra" de Fellini, mostrando a anarquia que se instala, com as pessoas mais interessadas em satisfazer os seus egos do que se concentrarem na música, situação muito parecida com a dos alunos sem grandes compromissos na aprendizagem. Até, Luci

From: Juliana Taroda
Date: 2010/1/22

Dona Theresa Catharina:

Lindo!!

Além de um pai exemplar, foi um grande cidadão para o Brasil.

Um grande abraço

Juliana

From: Faustino Vicente
Date: 2010/1/22

Bom dia, Dra. Theresa Catharina de Goes Campos

Parabéns pela sua singular sensibilidade e pela linda, e merecida, homenagem ao senhor seu pai – seu herói. Que o dia amanheça (sempre) sorrindo pra você e para os seus familiares. Fraternalmente em Cristo.

Faustino Vicente – Jundiaí – (Terra da Uva) SP

From: Vera Lucia Faria Corrêa Teixeira
Date: 2010/1/22

Querida Theresa:

Bela homenagem, seu pai deve estar feliz.

(...)

Vera

From: guilherme jose campos barros
Date: 2010/1/23

Querida Tia Therezita, eu e Adriana acabamos de ler esta linda poesia. É realmente linda!!

Ficamos emocionados....

(...)

Esperamos que esteja tudo bem com você aí em Brasília....

Estamos adorando os livros ...

Beijos dos sobrinhos

Adriana e Guilherme

QUE LINDA, A POESIA SOBRE A VIDA E CARREIRA DO VOVÔ !

De: elizabeth barros
Data: 31 de janeiro de 2010 16:07

Tia, que maravilha essa poesia sobre o vovô e as palavras sobre a carreira que ele seguiu! Foi uma carreira lindíssima, durante um período onde tudo era mais difícil e perigoso dentro da FAB. Também sinto um orgulho enorme por ele e as lembranças dele são diárias.

Obrigada, de sua sobrinha, Elizabeth.

De: Ana Falcão
Data: 1 de fevereiro de 2010 12:37
Querida Theresa Catharina,

Com esse poema, você nos deu o privilégio de conhecer a carreira brilhante de seu pai, em cujos exemplos certamente se mira para exercer sua honestidade na profissão e na vida. Avalio que seu equilíbrio emocional tem a ver com a ligação entre filha e pai. Parabéns.

Sua amiga
Ana

De: RAQUEL DE ALMEIDA PRADO CRUZ
Data: 17 de fevereiro de 2010 18:36

Therezita querida,
O poema é maravilhoso, extremamente amoroso e delicado; sem dúvida, belíssima homenagem!!! Grande beijo, Raquel.

De: Vera Farias
Data: 18 de fevereiro de 2010 13:26

Therezita, achei muito bonito o que escreveu sobre seu pai. Lembro-me muito dele. A última vez que o vi estava hospitalizado no Galeão e foi ao quarto de papai, que tinha feito pequena cirurgia. O seu modo de falar transmitia uma alegria contagiante, que tirou o papai da prostração em que se encontrava. Que força de espírito ele tinha!!! Guardo também muito boas lembranças de D. Therezinha, grande amiga de minha mãe!!!
Beijo grande!
Verinha.

O CONSELHO DE MINHA IRMÃ

Sempre direta e sincera, minha irmã Victória
(em todos os sentidos, com as bênçãos divinas
vencedora e vitoriosa nas escolhas e lutas de sua vida)
bondosamente me dá um conselho pragmático:
"pare de fazer poesias! Você já fez poesia demais!"

Será?! Por que escrevo tantos versos? O que fazer?
Afinal, meu espaço é tão diminuto, individual...
um cantinho tão meu, tão pequenino neste universo
de tantas personalidades de sucesso comprovado...

Como esta poesia do coração afugentar?
Deveria eu buscar uma outra fonte de vida?
Sem aos insistentes apelos da poesia ceder?
Até parece que não entendi...Ou enlouqueci
de vez, sem a assuntos mais sérios me dedicar,
continuando a escrever versos tão longos...

Se eu persistir nas minhas aventuras literárias,
não escreverei o romance sugerido por Reynaldo,
autor de peças, romances, dicionário e...poesia!
Nem livros e crônicas como as de Tereza Lúcia,
jornalista com doutorado e... surpreendente poeta!

Retorno, porém, à fundamental, incômoda questão,
por demais perturbadora, por ser íntima, tão pessoal...
sem mesmo entender o porquê de me perguntar
sobre este sopro de vida que há muitas décadas
vou acalentando sob a proteção de boas companhias:

SEM FAZER VERSOS, AMADOS POR MIM, PORQUE
DELES CONHEÇO TODA A HISTÓRIA DE VIDA
(nos seus meandros, túneis secretos, labirintos e desertos
com fontes iluminadas pelas estrelas que Saint-Exupéry
viu e amou...ele, o aviador-poeta com poemas estonteantes
por seu lirismo de versos autênticos, mas célebre por sua prosa...)
COMO PODERIA, DE VERDADE, SEM DESFALECER,
A VIDA QUE DEUS A MIM CONCEDEU EU SABER VIVER?!

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 07 de março de 2010

LADAINHA PARA COMPREENDER A VIDA

Foi-se o que eu tinha acumulado
em tantos anos de esforço.
Ainda bem!
Evadiu-se lentamente quem
há muito estava preso...dentro de si.
Aleluia!
Escreveu e leu aquele antes
analfabeto, como se fosse
um cego diante da vida.
Ainda bem!
Comemorou quem vivia triste.
Louvado seja Deus!
A saída do labirinto
o amor encontrou.
As sementes plantadas
em flores desabrocharam,
perfumando o interior da casa,
até a alma das pessoas.
Aleluia, aleluia!

O que ganhamos ontem,
hoje não mais possuímos.
Ainda bem!
O girassol também adormeceu

quando a lua pôs o sol para dormir.
Ainda bem que as noites e os dias
não são eternos.
O que eu não sabia, nem presumia,
o que me desafiava a mente,
nesta madrugada vim a compreender.
Louvado seja Deus...que nos concede
sem pressa as Suas bênçãos,
pouco a pouco, bem devagar,
com parcimoniosa benevolência,
numa sabedoria infinita.

O que não me concederam por justiça,
depois consegui por tempo de espera.
Ainda bem!
Na verdade, recebemos os símbolos
de nossa existência, entretanto,
apressados, nem procuramos
identificar os códigos cujas senhas
estão nos enigmas que nos cercam.
Há partituras sonhadas que vemos
em branco, como sinfonias jamais
executadas. Ainda bem!
A luta para ser recomeça nos mistérios
de cada madrugada. Aleluia!
Construímos nosso potencial,

alcançamos nossa integridade
minuto a minuto. Ainda bem!

Quem não queria sair
foi o primeiro a partir.
Quem não era artista
pintou o quadro mais belo.
Quem nunca teve nem expressou fé
um dia se ajoelhou para recitar,
contrito, em lágrimas incontidas,
a melhor de todas as preces.
Louvado seja Deus!
Quem não enxergava a beleza,
encantou-se com o arco-íris.
Aleluia!
A escultura nem ficou pronta...
o artista perdeu o gosto,
decidiu mudar de vida.
Saiu sem rumo, sem dinheiro
nem planos - ainda bem!

Voltou quem partiu para sempre.
Deus seja louvado!
Os sinos e tímbalos que há anos
permaneciam sem voz, silenciosos,
fizeram a cidade cantar - aleluia!

Glória a Deus nas alturas!
Tantos mistérios nos túmulos -
ainda bem! Tantas palavras
com mensagens de amor escondidas,
escritas em linhas tortas,
como Deus sempre escreve,
sem jamais se perturbar, nem cansar.
Ainda bem! Ainda bem!

O que se transfigurou
voltou à forma original.
O superficial retornou
à condição de essencial.
Tudo mudou ou se foi,
menos o amor, que permaneceu.
Aleluia!
Haja sol. Faça-se a luz. Sejam
bem-vindos a beleza e o amor!
Mil vezes aleluia! Aleluias
no céu e na terra, noite e dia!
Porque o mal e a guerra
deixarão de existir. Será?
Pois assim ordenou a Lei do Amor.
Ainda bem! Louvado seja Deus!

A música se ouviu...

quando não havia som nem ruído.
Sentimos o calor do sol
no frio escuro da noite.
A estrela brilhou
em nosso íntimo, no coração
que pulsava e tremia, a soluçar
porque não tinha notícias
de quando o amor chegaria.
Tremia porque não sabia
se o amor, em terras distantes,
bem longe aprisionado estaria,
ou perdido, abandonado, ferido...
Mesmo assim, brilhava o céu,
de tão estrelado o céu brilhava.
Aleluia! Como se os astros fossem
versos cintilantes, da poesia divina.

Tantas humanas tarefas já iniciadas...
no entanto, quase nada concluído,
tão pouco conseguimos finalizar.
Ainda bem! Ainda bem!
O que ali havia, o que eu via,
desapareceu sem rastros deixar.
Aleluia! Daí ser preciso recomeçar,
renovar segundo a segundo,
sem ao menos pressentir

a visita definitiva da eternidade
que nos acompanha como sombra,
como Anjo da Guarda protetor.
Louvado seja Deus!

Do muito que acumulamos,
pensando ser permanente,
absolutamente nada conservamos.
Ainda bem! Ainda bem! Aleluia!

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 24 de setembro de 2009.

A LUZ DO AMOR COMO FAROL GUIANDO OS BARCOS

Inspirado no filme (animação) "De Profundis" (De Profundis - Espanha/Portugal, 2007 - cor, 80 min.), de Miguelanxo Prado.

Admirando o mar, ela espera, confiante,
aquele que partiu para voltar ...
mas não regressou!
Não se cansa de admirar o mar...
berço, habitat e palco envolvente
onde os peixes quase se revelam
em dança de coreografia harmoniosa,
desfilando com naturalidade e talento,
bailando nas águas, cruzando as ondas
como se exibindo num espetáculo visual
repetidas vezes ensaiado.

A espera vivenciada como se fosse
uma eternidade próxima, presente.
Os dias são noites sem estrelas.
Até os segundos nada prometem.

Quem partiu para ter,
sentir o momento da volta,
perdeu a luz dos olhos,
não está conseguindo retornar.

Quem espera aquele que não voltou,
envelheceu a sua juventude.
A mocidade experimenta uma vivência...
de desencontros tão sucessivos
quanto os sonhos cultivados,
no coração abrigados e renovados.
Nas palavras de despedida,

agora compreendidas, uma experiência.

Retornou apenas o eco das promessas
cantadas, repetidas, nos sons múltiplos do mar.
Quem espera, gostaria muito de ter, sentir
a certeza da volta e do reencontro.

Mas eis que, em um novo dia,
as árvores ganharam folhas
e parecem festejar aquele que partiu...
Num dia cujo alvorecer nada prometia,
do silêncio sem promessas nasceu
um novo sorriso, uma palavra a mais,
que adormecera naquela cujo pranto,
sem mais esperança, ainda esperava
e tremia no bater das horas...
porque o olhar não mais pressentia,
o coração deixou de enxergar
a luz do amor se acender como farol
guiando os barcos na tempestade e na escuridão.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, novembro de 2009

DEUS: O ARTISTA MAIOR

Criador e criativo,
Ele nunca Se repete.
Jamais estabelece suas fronteiras
nos espaços limitados
do ontem, hoje, amanhã.
Artesão e artista maior,
em permanente processo
de inspiração e criação,
Seu espaço é ilimitado:
o universo, o infinito.

Theresa Catharina de Góes Campos
Versalhes - França, 07/09/1960.

LADAINHA PARA COMPREENDER A VIDA

Foi-se o que eu tinha acumulado
em tantos anos de esforço.
Ainda bem!
Evadiu-se lentamente quem
há muito estava preso...dentro de si.
Aleluia!
Escreveu e leu aquele antes
analfabeto, como se fosse
um cego diante da vida.
Ainda bem!
Comemorou quem vivia triste.
Louvado seja Deus!
A saída do labirinto
o amor encontrou.
As sementes plantadas
em flores desabrocharam,
perfumando o interior da casa,
até a alma das pessoas.
Aleluia, aleluia!

O que ganhamos ontem,
hoje não mais possuímos.
Ainda bem!
O girassol também adormeceu
quando a lua pôs o sol para dormir.
Ainda bem que as noites e os dias
não são eternos.
O que eu não sabia, nem presumia,
o que me desafiava a mente,
nesta madrugada vim a compreender.
Louvado seja Deus...que nos concede
sem pressa as Suas bênçãos,
pouco a pouco, bem devagar,
com parcimoniosa benevolência,
numa sabedoria infinita.

A PALAVRA contém energia em potencial. Pronunciada, pode criar ou desintegrar o universo de cada um de nós. Abarca tudo o que existe. Também a Poesia. A Poesia é inerente à Vida, inerente a cada um de nós.O Poeta é aquele que enxerga e vive a Poesia no cotidiano, a cada momento, em cada ato, expresso ou não pela PALAVRA.
E então vejo diante de mim Theresa Catharina, amiga e poeta, que carrega dois nomes de santas e doutoras da Igreja.

Ceres Alvim (Brasília, 30 de maio de 1989)

Existe Vida sem Poesia?

Theresa Catharina de Góes Campos

HOMENAGEM ESPECIAL
A meus pais (in memoriam),
num preito de amor e gratidão.

DEDICATÓRIA
A meus irmãos:
Fernando José (in memoriam) e Victoria Elizabeth

www.noticiasculturais.com
www.arteculturanews.com
www.theresacatharinacampos.com
JORNALISMO COM ÉTICA E SOLIDARIEDADE

VENDA PROIBIDA

Produção/Edição - Assessoria de imprensa Theresa Catharina - Todos os direitos reservados
theresa.files@gmail.com - Diagramação - Walter Rodrigues Ferreira